FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1968

ANO 48.º—NÚMERO 16337

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 - 320273, 321154 e 321155
END TEL. DIBOA—TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 4.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

ELEIÇÕES EM FRANÇA

POLÍTICOS ACUSAM-SE MÙTUAMENTE

PARIS, 13 — (R.) — Milhares de franceses desfilaram de novo, a noite passada, nas ruas desta capital e de outras cidades do país, desafiando uma proibição governamental de manifestações.

No entanto, sòmente em Estrasburgo interveio a Polícia de choque.

Não se registou nenhuma das violências observadas durante a semana, que causaram três mortes e levou o Governo a proibir ontem comícios ao ar livre.

A Polícia manteve-se vigilante á distância, enquanto os manifestantes, desfilaram sossegadamente em Montpelier, Bordéus, Marselha, Caen, Poitiers, Dijon e Besançon.

Em Paris, membros do movimento 22 de Março, proibido nos termos da mesma lei que declarou ilegais os comícios, desfilaram á volta dos edifícios da Cidade Universitária, nos suburbios, onde vivem estudantes estrangeiros. Protestavam contra a expulsão de vários estudantes estrangeiros, acusados pelo Governo de fomentarem a discórdia, e a proibição do movimento e' de seis outros agrupamentos da extrema esquerda.

(Continua na 14.ª página)

CORAÇÃO DE CARNEIRO ENXERTADO NUM HOMEM

O PACIENTE MORREU LOGO APÓS A TRANSPLANTAÇÃO

HOUSTON, 13 — (R.) — Os médicos tentaram em vão, ontem à noite, salvar a vida de um homem, realizando pela primeira vez a transplantação do coração de um carneiro que enxertaram no doente.

Porém o paciente, cujo coração já tinha parado, morreu pouco depois da transplantação, que foi realizada no hospital de S. Lucas

O administrador do hospital, Newell France, disse que com a operação tencionava manter o doente vivo até que aparecesse um dador conveniente, mas recusou-se a dizer o nome do operado.

O carneiro, que tinha 56 quilos, foi preparado para a operação da mesma forma como os seres humanos, tendo os tecidos sido comparados com os do recebedor para determinar a compatibilidade.

Nota do dia

REGRESSAR AS ORIGENS

Dia de Santo António é um grande dia: tão grande que começa na véspera. Isto sem contar com os dias e principalmente com as noites que se consumiram nos longos preparativos, pôr os arcos, pôr as luzes, acertar os pares de rapazes e raparigas, acertar as vozes, acertar a música. Acertar, acertar, acertar. Parecendo que não, isto é uma escola, que talvez nem sempre se sinta nem mesmo se entenda. Há dias, em resposta a inquérito público, vinha o responsável por uma das marchas a lamentar-se da carência de recursos, para concluir que, se a Câmara não aumenta a ajuda, é um ar que lhe dá na, já tradicional competição bairrista. Ora, parece que isso é erro de visão, que daqui nos permitimos contrariar, pois precisamente o que se pretende é a competição da imaginação e da iniciativa, não a competição dos meios e das facilidades. No dia em que os organizadores das marchas tivessem a alegria de dispor do bastante para fazer Parque Mayer (e é nisso que se está a descair), adeus minhas encomendas, lá se la por água abaixo tudo o que possa haver de espontaneidade, de frescura, de ingenuidade, de imaginação própria, se quisermos resumir: de verdade naquela expressão de vida e de juventude que podem ser e devem ser estas manifestações, em que cada um dá de si o que pode, mas em que poderá principalmente fazer valer o seu entusiasmo, a sua capacidade de colaborar, estar presente, intervir, dar e receber, dar a sua presença e o seu esforço e receber dos que vão a seu lado a sua quota de contrapartida também de presença e de esforço. No fim, todos poderão orgulhar-se, mirar-se na sua obra, «fomos nós que fizemos!» Isto não é, tenham paciência, não é deitar um balde de água fria. É ir às origens e lembrar como as coisas começaram, como as coisas se fizeram, como as coisas têm o seu espírito. Pois, se nos permitem que desta vez se fale de cátedra, foi daqui que nasceram as marchas no seu quadro competitivo. Nasceram no «Diário de Lisboa», lançadas pela imaginação de um dos seus redactores: chamava-se Norberto de Araújo...

Feriado. A cidade mais serena, pela evasão rumo às praias. Mas a manhã lisboeta teve uma nota de bulício e de cor, com a partida dos ciclistas para as provas «Dia da Cidade». Um animado cortejo que iria, aliás, correr ao longo das praias da Costa do Sol, levando uma diversão suplementar aos que fugiram da cidade para se divertir.

AUTORIZADA EM WASHINGTON A MANIFESTAÇÃO DOS POBRES

WASHINGTON, 13 — (F. P.) — Os pobres da «caminhada» sobre Washington foram autorizados a manifestar-se no próximo dia 19, na capital federal. Mas, paradoxalmente, a autorização para acampar na «Resurrection City», em plena cidade, ainda não foi prolongada para além do dia 16.

Em princípio, portanto, as centenas de habitantes deste agrupamento de barracas miseráveis, atoladas em lama e poças de água teriam de evacuar o local — a esplanada do monumento a Lincoln, entre o Departamento de Estado e o rio Potomac — o mais tardar no domingo.

Tem-se por provável que o pastor Ralph Abernathy, dirigente do movimento contra a pobreza, obterá em breve uma prorrogação da licença de estadia concedida aquele organismo, em Maio e que expira em 16 próximo. Indicam de boa fonte que a «Cidade da Resurreição», ainda poderá subsistir uns dias, três ou quatro, sem dúvida, uma semana, quando muito.

DISTRIBUÍDA A PRIMEIRA LISTA DE PEDIDOS ESPECÍFICOS

WASHINGTON, 13 — (A. N. I.) — Os manifestantes da «Marcha dos Pobres» distribuiram hoje a sua primeira lista de pedidos específicos, e a seguir iniciaram um «passeio» em volta dos jardins da secretaria da Agricultura, para manterem a prioridade dos seus objectivos principais: comida para os norte-amricanos esfomeados.

FÉRIAS EM PORTUGAL

Estamos a forçar a sorte para si

Publicámos ontem o décimo terceiro cupão da série de vinte que o leitor colecionará a fim de se habilitar às dezenas de grandes e atractivos prémios que «Férias em Portugal» tem para si. Mas aqui, o número 13 não significa (Continua na pág. seguinte)

HOJE — 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

DOTAÇÕES Á CULTURA CEREALÍFERA

Novo despacho do sr. ministro da Economia estabelece as normas a que obedecerão, a partir do ano próximo, as dotações á cultura cerealífera. Tem sido um dos quebra-cabeças portugueses a cultura dos cereais. E já os economistas de há séculos falavam da produção de grãos como de uma das necessidades para evitar a saída de dinheiros para fora. Com altos e baixos, essa escassez tem-se mantido e os economistas e políticos de nossos dias estudam o problema procurando equacioná-lo para melhor solução lhe encontrar; mas difícil é a tarefa porque a produção cerealífera tem de enquadrar-se no conjunto da riqueza nacional e da nossa economia. As dotações nos quantitativos de $30 por quilograma de trigo ou de centeio, entregues para venda, e de 500$00 e 750$00 por hectare de milho híbrido semeado, respectivamente, para grão ou para verde, têm vindo a ser concedidas desde a sua instituição em 1965, a título excepcional, sem dependência de quaisquer condições, como se fora um simples subsídio de preço, no evidente propósito de contribuir, complementarmente com outras medidas, para a reconstituição financeira da lavoura. Sujeita, a partir de agora, a sua concessão ao cumprimento das normas que em devido tempo as comissões técnicas regionais elaboraram e o conselho dos directores-gerais do Ministério da Economia reviu e superiormente propôs, reintegram-se essas dotações no espírito que as ditou, ou seja, o de impulsionar a reconversão agrícola pela instalação das culturas nos seus meios próprios e pela melhoria dos seus processos culturais.

TRANSPORTES E TURISMO

Reuniu-se a direcção da Corporação dos Transportes e Turismo, sob a presidência do eng.º João Pedro Neves Clara. Assistiram também o vice-presidente do Conselho da secção de Turismo e Indústria Hoteleira, dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira, e do representante do Estado, dr. Mário Coelho Ferraz de Oliveira. Foi estudado o problema suscitado pela concorrência desigual movida pelos autocarros estrangeiros á industria transportadora nacional, a direcção tomou conhecimento das diligências e estudos relacionados com o projecto de Regulamento das Actividades dos Agentes de Navegação e dos Empreiteiros de Cargas e Descargas.

ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA

Heuniu-se a Academia Portuguesa de História, tendo-se o dr. António Meireles Souto ocupado de «Subsídios para o estudo económico de um período muito agitado da nossa história». Trata-se do estudo feito sobre o «Livro das receitas e despesas» da antiga irmandade de Santo Amaro, a Alcântara, de 1789 a 1836.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar, dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho e sr. eng.º Álvaro Roquete, comissário do Turismo; prof. Damião Peres, chanceler das Ordens Nacionais; general Afonso Botelho e brigadeiros Louro de Sousa e Macieira Santos, da direcção da «Revista Militar»; dr. Freitas Pimentel, governador do distrito autónomo da Horta; profs. Aldo Castellani e Fraga de Azevedo e comandante José Soares de Oliveira; dr. Quírio Gomes; José Manuel Martins, comandante Correia Matoso, eng.º Martins Galvão, João Lancastre de Freitas e dr. Caetano Beirão da Veiga, da Sociedade Central de Cervejas; e Jaime Pinho.

NA PRAIA DE SANTO AMARO

Tinha 18 anos o Agostinho Correia Fernandes. Nascera em Fornelos, perto de Ponte do Lima e vivia agora na Amadora. Com outros rapazes foi ontem para a praia de Santo Amaro. Brincava junto ás águas, depois de ter estado a comer. Sentiu-se indisposto e um colega ainda foi em seu auxílio, mas entretanto ele desaparecia nas águas. Uma congestão, com certeza, o vitimara. O corpo ainda não foi encontrado.

A FORÇAR A SORTE PARA O LEITOR

(Continuação da página anterior)

azar. Bem pelo contrário. Quer antes dizer que o leitor está a sete números da grande sorte. E esta alguma vez há-de ser generosa para consigo. Não tenha dúvida quanto a isso. Até porque, através desta iniciativa, nós estamos a forçar a sorte. Estamos a obrigá-la a dar-lhe qualquer coisa, pois os prémios são tantos que algum bem poderá ser seu. Duvida? Então espere. Não falta muito, já. Em números são apenas sete!

Esta é uma iniciativa em que o azar não entra. Estamos a boicotá-lo em todas as linhas e ele há-de abor-recer-se com isso e desistir.

Se você não tiver a sorte grande de ganhar um automóvel, uma viagem de 30 dias por todo o País (com gasolina paga e estadia completa para duas pessoas nos melhores hotéis e pousadas) poderá ter a grande sorte **de apanhar uma viagem a Lourenço Marques, com ida e volta nos tranquilos aviões da TAP, e estadia para duas pessoas durante 15 dias, ou o mesmo para Luanda ou para a ilha da Madeira.**

Mas se não tiver a *grande sorte* de conseguir qualquer destes prémios poderá ter ainda a *grande sorte* de conquistar o direito a uma estadia de 15 dias num dos 20 centros turísticos importantes que estamos a apresentar aos leitores em reportagem dos nossos enviados especiais a fim de lhes facilitar a tarefa da escolha.

Este concurso é, todavia, como aquela história dos elefantes... vocês sabem... «se um elefante incomoda muita gente...». Claro é assim, porque se você não tiver a *grande sorte* de apanhar qualquer destas *grandes férias* poderá ter «apenas» a sorte de ganhar o direito a um fim-de-semana, sensacionalmente tranquilo e excepcional, em qualquer das numerosas e confortáveis pousadas da rede do Comissariado de Turismo, espalhadas pelo País, de Norte a Sul.

Se estiver cansado do seu carro ou nunca teve nenhum, tem também agora a grande oportunidade de ficar com um excelente «NSU 1200 C», ou, se assim não acontecer, resta-lhe a consolação de poder arrumar o seu carro, se assim preferir, e ir tranquilamente numa carruagem da CP.

E, depois, ainda há o factor segurança. Você poderá ir para as «nossas» (porque pensámos nelas *para si*) férias absolutamente tranquilo. Ou melhor, com a maior das tranquilidades aquela que lhe dá a Companhia de Seguros Tranquilidade, onde a sua vida tem um preço.

Acha que a sorte o vai abandonar num momento destes? Não pense nisso. Nós estamos a forçar a sorte para você. Colabore. Acredite em sim mesmo. É só isso que lhe falta. E mesmo que concorra sem acreditar muito em si não se preocupe. Depois de umas férias como as que vai ter, graças ao seu jornal, não terá preocupações.

Concorrer não oferece dificuldade, pois além de estarmos a forçar a sorte para si, proporcionamos-lhe um concurso cuja mecânica não é nada fácil, apenas por que é facílima. Portanto, continue a ser comodista, cortando diàriamente os cupões que publicamos. Está a um passo de uma grande vitória. E de umas férias inolvidáveis.

FÉRIAS EM PORTUGAL

SINTRA 14

Através da nossa reportagem que mais lhe interessa em Sintra?

.....

.....

(Não é obrigatório responder à pergunta)

Recorte e guarde este cupão

ATENÇÃO: Recorte os cupões (numerados de 1 a 20), responda, se quiser, à pergunta neles feita, e junte ao boletim identificador que será publicado Preencha o boletim com letra bem legível, indique nele a localidade, entre as vinte abrangidas pelo concurso, onde mais apreciaria passar quinze dias de férias e entregue a colecção ou envie-a pelo Correio para o DIÁRIO DE LISBOA (Concurso), Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2, no final do concurso e em data a anunciar.

A SUA VIDA VALE (DURANTE AS FÉRIAS) 500 CONTOS!

A companhia de seguros «Tranquilidade» oferece aos premiados de «Férias em Portugal» um seguro no valor de 500 contos.

Isso assegura-lhe a «maior das tranquilidade» — a da Companhia onde a sua vida tem um preço...

PARA O PARAÍSO DAS FÉRIAS PELO CÉU, COM A TAP

Entre os quatro grandes prémios que «Férias em Portugal» tem para si, três são fora dos limites das nossas fronteiras europeias. Para o Funchal, Luanda ou Lourenço Marques, o leitor e a pessoa que o acompanhar terão a oportunidade de voar nos seguros e confortáveis aviões da TAP, a companhia portuguesa de aviação que liga Portugal a todo o Mundo. Poderá, portanto, ir para o paraíso das férias, pelo céu, com a TAP.

Os GRANDES prémios de «FÉRIAS EM PORTUGAL»

Recordamos aos nossos leitores quais os GRANDES prémios que poderão ganhar, se participarem num agradável passatempo denominado «Férias em Portugal», cujo regulamento voltamos a publicar hoje:

1.º — Um automóvel N.S.U. 1200 C, uma viagem de 30 dias, com estadias completas para duas pessoas, e, ainda, gasolina para este aliciante «tour».

2.º — Estadias completas para duas pessoas em Lourenço Marques, durante 15 dias, com viagens pelos seguros e confortáveis aviões da TAP.

3. — Uma estadia, para duas pessoas, em Luanda, com viagens pela TAP.

4.º — Mais duas pessoas com estadias completas na Madeira, igualmente com viagens pela TAP.

Além destes grandes prémios, aliciantes para qualquer pessoa, haverá, ainda, vinte estadias completas pagas, com transporte pela C. P. em outros tantos centros turísticos dos mais importantes do País.

Ora diga-nos...

— Costuma festejar os Santos populares?

Santo António, S. João e S. Pedro. Marchas, desfiles e bailaricos; fogueiras, manjericos e cravos de papel. Toda uma longa teoria de festejos tradicionais, com bombas e foguetes á mistura, mais umas patuscadas quase sempre, com bons petiscos e bem regadas, pois claro.

É assim, mais ou menos, todos os anos. São as festas dos Santos populares que a nossa gente festeja. Ou não?

— Sim, costumo Vou ver as marchas, com a família ou com rapazes amigos, diz-nos o jovem Agostinho Dias, empregado de escritório

— ...

— Bem, no ano passado estive em Coimbra, durante as festas dos Santos populares em casa dos meus avós Uns bailaricos e muita alegria. É assim, nesta altura, a gente tem de se divertir.

— ...

— Vivo em Sapadores e, todas as noites, é uma paródia A rapaziada junta-se, atira bombas e bichas-de-rabiar.

● *Ouvimos, seguidamente, a sr.ª D Deolinda Jales que amàvelmente se prontificou a responder quando seguia com o marido.*

— Vamos ver as marchas dos diversos bairros.

— ...

— Não, em casa não fazemos qualquer festa, assinalando estes dias, dos Santos populares. Aliás, devo dizer que não aprecio estes festejos.

● *Mas sempre vai ver as marchas, acompanhando o marido, sr. Fernando Olímpio Jales, empregado de escritório que nos disse:*

— Sim, vamos ver as marchas e visitamos os bairros típicos, onde são tradicionais os festejos dos Santos populares e a que pertencem as marchas.

— Mas...

— ...Não, não entramos, propriamente, na festa, vamos apenas de passagem.

O Senhor do Cartão

Durante o longo fim-de-semana, a morte rodou sobre as almofadas de ar dos pneumáticos, ao ritmo vertiginoso da insensatez com que alguns comandam motores que não conhecem, na ignorância total de um Código que deviam trazer gravado no cérebro a letras de fogo, como unica salvaguarda para as vidas próprias e alheias. A morte rodou sobre as esferas bem lubrificadas por óleos minerais cientificamente refinados. O que mais impressionou, por toda a parte e como sempre, foi a auto-suficiência, a presunção e a arrogancia dos incapazes, dos ignorantes e de todos quantos (que esmagadora praga!) não possuem um mínimo de condições psicomotoras para conduzir. A desgraça talvez esteja em se conceder títulos de condução a quem só tem nível mental para, quando muito, guiar hipomóveis ou carros de bois.

Os exemplos, ao longo da sucessão de dias de folga, foram ás centenas. Entre todos eles, no entanto, destacou-se, pelo que adiante se verificará, o do Senhor do Cartão que, ao fim da tarde de domingo, chegou com o seu automóvel junto da estrada que liga a Base Aérea da Granja do Marquês á localidade da Rinchoa. O Senhor do Cartão vinha de um estreito caminho municipal, que entronca com aquela rodovia. Do seu lado direito aproximava-se outro carro. O Senhor do Cartão, com a audácia balófa de tantos dos seus discursos, proferidos em tantas e variadas assembleias nem curou de saber o que vinha da sua direita. Ou não olhou ou se o fez não calculou bem a velocidade do veículo ao qual devia dar prioridade, de acordo com o que é claramente expresso no Código da Estrada. O condutor do outro veiculo teve de fazer uma travagem violentíssima, para evitar um desastre que teria feito vítimas. Além da preciosa vida do Senhor do Cartão, correram perigo as dos ocupantes do outro veiculo. Acresce ainda que, se a pessoa que vinha ao volante do outro carro não fosse um condutor fora-de-série, o Senhor do Cartão seria, nesta altura, uma saudade envolta em crepes, mogno e dourados, num ambiente de soluços, cheiro a cera e ares graves de gatos-pingados.

Indiferente, o Senhor do Cartão seguiu viagem, na inconsciência total do que tinha feito, do perigo que correra e fizera correr. O facto indignou muito justamente os passageiros e condutor do segundo automóvel. Perseguiram o Senhor do Cartão e fizeram-lhe sinal para deter a marcha. Assim fez, agastado, o lábio proturberante, a carranca fechada.

Ao ser-lhe chamada a atenção para a letra do Código, que infringira, o tal senhor exibiu o seu cartão e ameaçou de mandar prender quem tão justa e educadamente (até isso!) se queixava. E foi então que o Senhor do Cartão ouviu as ultimas. Nenhum dos ocupantes do segundo carro ignorava que o Senhor do Cartão não tinha qualquer autoridade para prender ou mandar prender quem quer que fosse. Ademais, nas circunstancias, teria sido juiz em causa própria e transformaria o culpado de uma grave acção em julgador das suas vítimas. Mais uma farronca inconsequente do tal Senhor do Cartão, que não é autoridade nem agente da autoridade. Oxalá fosse farronca sem consequências a forma como ele conduz

RENATO BOAVENTURA

COMUNICADOS DAS FORÇAS ARMADAS

Em Moçambique

Morreram, na província de Moçambique, por desastre, os soldados do recrutamento da província, 71243166, Manuel Cumaioe, e 713224666, Jage Chavanege.

Em Angola

Vítimas de desastre, morreram, na província de Angola, o primeiro-cabo 05501165, Joaquim Castela de Oliveira, filho de António Clemente de Oliveira e de Maria do Céu Castela, natural da Guarda; e os soldados 05093667, Leontino Carrinho Narciso, natural da Chamusca, filho de Gabriel Custódio Narciso e de Ema Maria Carrinho, e 15710066, António Fernando Barreira, natural de Alijó, filho de David Valério Pimpão e de Maria da Conceição Barreira

Na mesma província, por doença, faleceram, os soldados 01680267, José Oliveira Fernandes, natural de Guimarães, filho de Manuel Fernandes e de Teresa de Oliveira, e 69/67, Alexandre Canica, natural de Cume, filho de Armando e de Zambela, que pertencia ao recrutamento da província

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na Guiné, o soldado do recrutamento da província, 8201466, Flora da Silva, natural de Cacheu e filho do sr. Samber da Silva e da sr.ª D. Cecília da Silva; e em Angola o soldado 08892765, Manuel da Silva Oliveira, natural do concelho de Vieira do Minho e filho do sr. Belmiro Gaspar de Oliveira e da sr.ª D. Marisa da Silva Oliveira.

O EMBAIXADOR DA INGLATERRA VISITA O ULTRAMAR

Partiu esta madrugada para Luanda, no avião da TAP, «sir» Anthony Edward Lambert, embaixador da Grã-Bretanha em Portugal. Acompanhado de sua esposa, vai percorrer, durante cerca de seis semanas, as províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, a convite do Governo português.

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA — UNION DES FOIRES INTERNATIONALES

IX FIL

DE 9 a 23 · JUNHO · 1968

HORARIO:

Hoje — das 15 às 24 horas

Amanhã — das 17 às 24 horas

ENTRADA 5$00

os serviços bancários na FIL estão assegurados pelo BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

O Banco do Povo ao serviço de Portugal

Diario de Lisboa

COIMBRA

A pista do aeródromo de Cernache vai ser alcatroado para além da extensão prevista (que é de 980 m)

Na reunião da Câmara Municipal, sob a presidência do sr. eng.º Araújo Vieira, o vereador sr. dr. Viriato Namora fez considerações sobre as obras no aeródromo de Cernache, visando, especialmente, o facto de a obra se escalonar em duas fases, a primeira, a da pista com 980x30 metros, uma placa de estacionamento mais reduzida do que fora previsto no plano total, o que vem garantir, desde já, o serviço de «táxis» aéreos e de melhorar, em condições de exploração, o turismo nacional. Deduz-se daqui — disse — que só a segunda fase iria permitir oferecer a infra-estrutura necessária ao turismo internacional — como frete aéreo —, partindo de aeroportos nacionais em voos subsidiários, ou mesmo directos de aeroportos estrangeiros, desde que se venha a completar aquele aerodromo com os necessários serviços terrestres, de «contrôle» e apoio á navegação, tendo em vista a maior dimensão do programa estabelecido para o empreendimento.

Fez ainda o referido vereador mais algumas considerações sobre as condições do aeródromo, que era considerado o melhor do País com pistas não betuminadas, a maior das quais com 1300 metros, afirmando ser arriscado encarar apenas as dimensões da primeira fase, e que seria indispensável fazer todos os movimentos de terras necessários para a pista de 1200 metros e correspondente placa de estacionamento. Disse, depois, o sr. dr. Viriato Namora que a técnica poderá esclarecer, mas que lhe parecia não ser trabalho difícil e não muito dispendioso, até porque, sendo necessário se podia contar com as máquinas da Força Aérea. Assim, propunha que fossem solicitados, o mais urgentemente possível, os indispensáveis apoios financeiros por parte do Estado, tanto pela sua neccessidade, como para permitir a orientação da obra, para além da primeira fase prevista; que seja solicitado o apoio da Força Aérea, mediante prévio estudo com o sr. secretário de Estado e através da Direcção-Geral de Aeronáutica Civil; que sejam reunidos todos os esforços, inclusive a colaboração de particulares e da Direcção de Estradas do Distrito de Coimbra, para que se conclua, nesta primeira fase, todo o movimento de terras necessário á pista de 1200 metros a sua placa de estacionamento; e finalmente, que, em função da congregação de esforços e das possibilidades financeiras, se prossiga no alcatroamento da pista, para além dos 980 metros e até ao possível. Esta proposta foi aprovada.

A Câmara autorizou o pagamento de diversos autos de mediação de trabalhos; procedeu a adjudicações; e por fim, o presidente anunciou a inauguração da luz eléctrica no Casal do Lobo e de dois fontanários em Souselas, respectivamente no domingo e no dia 23.

Reunião do Conselho Municipal

Nos Paços do Concelho reuniu-se o Conselho Municipal, sob a presidência do sr. eng.º Araújo Vieira, secretariado pelos srs. Aníbal de Almeida e António Ferreira.

Foi aprovado o novo horário das barbearias, durante o mês de Julho, com encerramento aos sábados ás 21 horas, ao contrário do que já fora anunciado, anteriormente, através de editais estabelecendo que, naquele mês e nos de Agosto e Setembro, o encerramento fosse feito ás 19 horas. O Conselho sancional, também, as recentes deliberações da Câmara Municipal introduzindo diversas remunerações e no sentido de efectuar uma troca de terrenos na Rua Brotero por outro na mesma artéria.

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira (Tel. 22011).

SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).

CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).

SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Juramento de bandeira por legionários

Decorreu hoje a cerimónia de juramento de bandeira pelos novos legionários. De manhã, na Praça da República, houve a concentração de mais de meio milhar de legionários e quarenta e cinco recrutas. Na tribuna estavam o comandante geral da Legião Portuguesa, sr. general Babieri Cardoso; os srs. coronéis Ildo Baptista, comandante-geral da Legião Portu-Abílio Ferro, comandante distrital da L. P. e autoridades civis

O sr. coronel Abílio Ferro fez uma alocução seguindo-se entrega de condecoração, missa campal no Parque de Santa Cruz e o desfile pelas principais ruas da cidade. Mais tarde, no quartel do Regimento dos Serviços de Saude, houve um almoço de confraternização.

Confraternização de antigos combatentes

Os antigos combatentes da Grande Guerra, pertencentes á «Patrulha 9 de Abril», vão reunir-se, mais uma vez, no dia 23, na Lousã, onde decorrerá a sua festa de confraternização.

A partida será nos comboios da manhã e a concentração da caravana será na estação do caminho-de-ferro da Lousã ás 13 e 30, seguindo-se um almoço de confraternização e uma visita ao Castelo, a Burgo, á Senhora da Piedade e principais miradouros da vila.

Espectáculos para hoje

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Este difícil amor!» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Os devassos» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Sete homens e uma mulher» (17 anos).

Reunião de um curso

Estão aqui reunidos os componentes do curso jurídico de 1913-1918, do qual fazem parte, entre outros, os srs. conselheiros drs. Alberto Toscano e Fragoso de Almeida, cronel-aviador Dias Leite, drs. Rafael Duque, Guilherme Moreira, Sá e Abreu, Jerónimo Gonçalves, Cristino de Araújo, Lacerda Rebelo, Alexandre Vale, Francisco Lima, Carlos Godinho, Adelino Moreira, Gentil Gomes, Jorge Seabra, Joaquim Toscano Sampaio, António de Vasconcelos, Jaime da Encarnação, Alberto de Figueiredo, Albtrto Barreiros, Armando Barbosa, Augusto Teixeira de Barros e Rocha Madail.

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *É muito provável o ingresso da artista Clara de Ovar no elenco de uma companhia de revista.*
- *Maria do Céu Guerra é uma das artistas que participará no desempenho da peça «O Tempo e a Ira» a apresentar pelo Teatro Experimental de Cascais.*
- *A Companhia Popular de Teatro vai levar à cena a peça de Mário Marques «As belezas de Sintra.*
- *Anuncia-se a próxima estreia no Monumental da revista «Lisboa é sempre mulher».*
- *A actriz Irene Cruz recebeu convite para ingressar na nova companhia.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «As espingardas do Far-West».
Produção — Americana.
Realização — David Lowell Rich.
Intérpretes — Don Murray, Guy Stockwell, Abby Dalton e Bradford Dillman.
Género — Aventuras.
Distribuição — Sonoro Filme
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

A B C Cine-Clube

Amanhã, pelas 18 e 40, realiza-se no Cinema Lys mais uma sessão do Cine-Clube A B C, durante a qual será exibida a obra clássica de Fritz Lang «Matou». Antes da sessão podem-se inscrever novos sócios.

MARIA DA FÉ:

«POP-FADO» NO ESTORIL

A intérprete de fado Maria da Fé, que no Rio de Janeiro (no restaurante típico «Lisboa à noite») obteve um punhado de êxitos que bem definem a sua personalidade artística, regressou a Portugal para integrar (efemeramente) o elenco de um restaurante típico da capital. Esta noite, porém, a criadora do «pop-fado» apresenta-se no Casino Estoril, no início de um contrato que a ligará, durante duas semanas, ao rutilante palco da Costa do Sol.

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLONIA BALNEAR INFANTIL DE «O SECULO»

HOJE, FERIADO NACIONAL

O Parque de Entrecampos abre os seus portões ao público às 15 horas

FESTEJE O DIA DE SANTO ANTONIO

MANJERICOS E QUEIMA DE ALCACHOFRAS

Todos os pavilhões e stands estarão patentes aos visitantes

Nos restaurantes jantares e ceias — Nas esplanadas refrescos farturas e guloseimas

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO

SIMMY ACONSELHA

Tem dificuldade em arrumar o seu automóvel quando vai almoçar?
POIS SE ALMOÇAR NO «INSÓLITO» NÃO TEM PROBLEMAS
O ambiente é bom e a cozinha de primeira
INSÓLITO — Av. 5 de Outubro, 170-B — Tel. 775214
ENCERRADO AS 2.as -FEIRAS
(AOS SÁBADOS E DOMINGOS NÃO SERVE ALMOÇOS)

NOVO CASINO ESTORIL

BALLET DE
ARTHUR PLASSCHAERT
do Olimpia de Paris

THE WOODPECKERS
FAMOSO CONJUNTO VOCAL SUL AFRICANO

TRIO TALAS

MARIA DA FÉ

EDUARDO NASCIMENTO
E "OS ROCK'S"

JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA AS 17 e 21.30
ARTIMANHAS FEMININAS
(M. 17 anos)

JAMES MASON — GERALDINE CHAPLIN — BOBBY DARIN

NO PROCESSO DUMA JUVENTUDE EM CRISE, A CONDENAÇÃO DUMA SOCIEDADE DECADENTE.

UM ESTRANHO EM CASA

NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE PIERRE ROUVE
EM SENSACIONAL
2.ª SEMANA NO SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

Produção de DIMITRI DE GRUNWALD Realização de PIERRE ROUVE · COLOR Produtor executivo SELIG J. SELIGMAN Maiores de 17 anos

RANK FILMES

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MARCHAS DE SANTO ANTÓNIO — **As marchas vêm aí, não tarda. Já deram os anúncios do milho híbrido e dos cuidados a ter no uso dos pesticidas.**

No interim, penso que Lisboa, a casta princesa (ai este nosso gosto pelos adjectivos!) Tem de há muitos anos um espectáculo que, bem vistas as coisas, e para estarmos de acordo com a nossa época, pode bem dizer-se folclórico, com vossa licença.

Claro que as grandes capitais do mundo têm hoje os seus também espectáculos, os seus festivais disto e daquilo. Mas Lisboa, menina bonita, não copiou ninguém. Antes pelo contrário. Nesse caminho, Lisboa, a que tem o Tejo a seus pés, foi pioneira. Muito antes das marchinhas que desfilam por madrides e novas iorques, já as nossas andavam por essas ruas e avenidas e pela Liberdade, essa que Fialho Gouveia, daqui a bocadinho, há-de chamar «a principal artéria da cidade». Escusado será dizer que nenhuma festa dessas tais capitalíssimas cidades pode contar com a alegria, a cor, a vivacidade, a imponência, a graça, o Nóbrega e Sousa, um cravo a florir, o jeito no andar, elas de saia verde-garrafa, eles de jaqueta curta, nenhuma, enfim, pode contar com este ambiente exuberantíssimo das nossas marchinhas. Teremos talvez de atravessar o Atlântico, se não estivermos com muita pressa, para encontrarmos no Rio de Janeiro, pelo carnaval carioca, qualquer coisa que em animação e frescura possa comparar-se aos nossos festejos locais.

Seria com imenso júbilo que ficaria para aqui a enaltecer o festival do município. No entanto, depois do milho híbrido, do pesticida, da fita sobre o artesanato das bilhas em que Ramalho Ortigão disse que, depois disso Fialho Gouveia anuncia o início das Marchas e quem abre é a Madragoa e depois vem Alcântara, «*Alcântara diz adeus com mil sorrisos de amor*» e depois vem o Bairro Alto, de tricórnio, Fialho recorda as noites de estúrdia mas acrescenta que, hoje em dia, já as coisas. Bairro Alto,

é brincalhão
audaz
brigão
outro não há
com mais simpatia
e não séi qué
dos tempos da
fidalguia...

o Bairro Alto que

vai de madrugada
ouvir Camões
a cantar

ora vejam, vejam só a triste figurissima que faz o nosso grande vate a cantar de madrugada, o que é que as pessoas sensatas, como o Sá de Miranda não vão dizer ao ouvido da posteridade...

Enfim. Ajuda armada de foices (Ajuda Parca?) a declamar um poema cheio de encantos:

Quando a marcha sai
com seu sol-e-dó
todo o povo cai
num forrobodó

E vieram os Olivais, com direito a intervalo para dar anúncios, e a Graça que se referia ás noites de Santo António e cantava «*Vamos dormir, vamos dormir...*» com uma graça, um sentido de humor que ficam bem nestas noites de santos populares.

Enfim. Pela Televisão perde-se muito da cor do espectáculo, mesmo que Fialho descreva tudo, o feitio, o tecido, os arcos, os balões. Mas ainda se apanha muito, oh, sim. Vem aí outro intervalo. Até já. Vou também aproveitar para tomar um refresco. Aqui abafa-se.

M. C.

HOJE PODE VER...

● **Às 21 e 55: Noite de cinema**

Na sua rubrica «Noite de Cinema», a R. T. P., apresenta, esta noite, o filme de grande metragem intitulado «Barreiras Vencidas», que será interpretado pelos artistas John Wayne, Donna Reed e Charles Coburn.

FESTIVAL CINEMATOGRÁFICO EM SAN SEBASTIAN

SAN SEBASTIAN (Espanha), 13 — (A. N. I.)—As películas «Boom», do inglês Joseph Losey, «Um Verão na Colina», do húngaro Peter Bacso, e «Dita Saxona», do checo Antonin Moskalyk, foram escolhidas para participarem no festival cinematográfico de San Sebastian, que se realiza de 6 a 18 de Julho.

Do juri fazem parte os cineastas Janos Hersko, director do cinema húngaro, o italiano Jean-Louis Rondi e o espanhol Rafael Gil.

TAUROMAQUIA

Apresentação de um novo cavaleiro

Os srs. condes de Pavulio ofereceram, ontem, na sua bela Quinta de N.ª S.ª do Rosário, no Bairrão, uma festa durante a qual foi inaugurada uma ampla e bem iluminada praça de touros, que serviu para apresentar como cavaleiro tauromáquico seu filho José João Zoio. O novo toureiro equestre, montando magníficos cavalos, lidou dois novilhos de José Pedrosa, e deixou em todos a melhor impressão pelas raras qualidades reveladas, merecendo ovações e repetidas voltas á arena e recebendo flores e troféus. Acompanharam José João Zoio nas voltas á arena os forcados-amadores António José Pinto, do Grupo Juvenil de Alcochete, e Miguel Palha e Fernando José de Jesus, dos Académicos de Vila Franca de Xira, que pegaram com valentia, e o toureiro Manuel dos Santos, o do «Campino». Do mesmo ganadero lidou o matador de touros José Júlio um novilho em pontas, luzindo-se com a capa, as bandarilhas e a muleta, e um embolado, seu irmão Dario que acusou progressos, dando também voltas á arena.

Dirigiram o espectáculo, abrilhantado pela Banda de Pêro Pinheiro, os srs. dr. Paulo Infante de Faria e Portelinha, e presidiu superiormente o nosso camarada Leopoldo Nunes, que teve como assessores os colegas da crítica tauromáquica, e na tribuna de honra tomou lugar ao lado do sr. embaixador de Marrocos e do dono da casa.

A agradável festa terminou com ceia, baile, saltos de fogueira e folguedos próprios da época, retirando os convidados muito agradecidos ás atenções recebidas. — «*El T. P.*»

A REPOSIÇÃO DOS «DIAS FELIZES» NA CASA DA COMÉDIA

Atendendo ao êxito alcançado durante dois meses de representação dos «Happy Days», de Samuel Beckett, a que Glicínia Quartin dá toda a expressão artística da sua já gloriosa carreira teatral, a Casa da Comédia, mercê de inumeros pedidos, vai repor, dentro de dias, esta célebre peça do grande dramaturgo irlandês, com espectáculo ás 22 horas, a fim de ser mais facilitada a presença do publico. Tema de inquietação, drama e comédia, os «Dias Felizes», na versão de Jaime Salazar Sampaio, constitui um momento inesquecível da arte dramática.

O cenário é de João Abel Manta; direcção e encenação de Artur Ramos. O espectáculo, para maiores de 17 anos, é subsidiado pelo Fundo de Teatro.

TV FOGUETE — Telefone 835299
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

Exposição
Turismo de hoje

O presente e o futuro, as realidades e possibilidades duma actividade que interessa a toda a gente.

Galeria Nacional de Arte Moderna.
Belém — Junto ao Museu de Arte Popular.

Todos os dias, das 10 às 24 horas.

ENTRADA LIVRE

Mr. SOLO em acção — cinema de alta tensão!
A U.N.C.L.E. enfrenta ciladas e... mulheres perigosas, num filme imbatível como espectáculo de emoção!

com
LEO G. CARROLL / LUDWIG DONATH / JOAN BLONDELL
LETITIA ROMAN / WILL KULUVA
EDUARDO CIANNELLI / ALLEN JENKINS
e JANET LEIGH
Argumento de PETER ALLAN FIELDS • História de DAVID VICTOR • Produtor executivo NORMAN FELTON • Realização de JOSEPH SARGENT • Produção de BORIS INGSTER

AMANHÃ
CONDES
ESTREIA EXPLOSIVA!

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Regressa dentro de dias a Lisboa a cantadeira Maria José Vilar.
- É muito provável que o artista António Mourão se desloque ainda este ano ao Canadá.
- De regresso de Paris encontram-se em Lisboa os artistas Alice de Aguiar e Francisco Martinho.
- A letra e a música da próxima Volta a Portugal em bicicleta pertencem respectivamente a Carlos Conde e a Túlio Pereira.
- O artista Renato Marques também participa na festa de homenagem ao Vitória de Setubal que se realiza naquela cidade, no próximo sábado.
- Desloca-se brevemente ao Algarve a cantadeira Maria José da Guia, presentemente a actuar no restaurante típico «A Severa».
- Continua a actuar na Adega Machado a cantadeira Fernanda Pinto.
- Regressou ao elenco do «Timpanas» a artista Emília Reis.
- Do elenco artístico do restaurante «Mil e um» fazem parte Vitorino dos Santos, Susana Alvym, Maria Amélia Proença e Moisés Campelos. Os acompanhamentos estão a cargo de António Valentim, á guitarra e Joaquim Pinto, á viola.
- Vai gravar um novo disco comercial a cançonetista Mafalda Sofia.
- A cançonetista Maria de Lourdes Resende desloca-se em Outubro ao Brasil.
- Rodrigo e Esmeraldo Duarte, filhos do grande cantador Alfredo Duarte, inauguraram, na Feira Popular de Lisboa, um recinto de diversões denominado «Os Marceneiros», onde se juntam, diáriamente, o pai e os três irmãos.

REPOSIÇÕES

• NO IMPÉRIO:

TÍTULO — «A Chave» («The Key»).

REALIZADOR — Carol Reed, 1958.

INTÉRPRETES — Sophia Loren, William Holden, Trevor Howard, etc.

Inglês por nascimento, Carol Reed («sir») pertenceu a uma geração que nos ultimos anos da década de 40 despertou o entusiasmo entre os críticos europeus. Ao lado de David Lean ou Anthony Asquith, Reed dirigiu obras indiscutívelmente importantes, como «Odd Man Out» (Casa Cercada-1947), «The Fallen Idol» (O Idolo Caído-1958) ou «The Third Man» (O Terceiro Homem-1949). Técnico competentíssimo, artesão de certa *qualidade*, Carol Reed cedo viria a interessar os estudios norte-americanos. E assim, os filmes sucederam-se: «Outcast of the Island» (Os Desterrados do Arquipélago-1953), «The Man Between» (O Homem da Zona Russa-1954), «A Kid for Two Farthings» (O Coração de uma Cidade-1955), «Trapezio» (Trapézio-1956), «The Key» (A Chave-1957), «Our Man from Havana» (O Nosso Agente em Havana-1959), «The Running Man» (Um Homem em Fuga-1963) e, finalmente, «The Agony and the Ecstasy» (A Agonia e o Extase-1963). O simples enunciado dos títulos dá ideia do progressivo abastardamento comercial das fitas e, simultaneamente, do seu insucesso artístico, que viria a culminar nessa superprodução de mau gosto, sobre a vida de Miguel Angelo.

Quanto a «A Chave», pouco a dizer: sobre um argumento de Carl Foreman (que se equipara em pretensão e ridículo), «The Key» fala-nos da Segunda Guerra Mundial e da arrojada tarefa de capitão de rebocador. As sequências filmadas no mar adquirem a beleza e segurança inerentes a um homem que sabe dirigir uma camara com acerto mas, em terra, «sir» Carol Reed *mete água*, sobretudo, naquela história do apartamento que pertence (com Sofia Loren e tudo) a Philip, e que, por morte deste, passa a Van Braun, e depois a Chris, depois a Ross, finalmente a um outro, e assim por diante. Enfim, mais uma reposição de Verão. — L. A.

As classes de bailado de Georgina Villas-Boas

Georgina Villas-Boas, depois de ter sido uma praticante fora de série do bailado entre nós, tem mantido classes que muito contribuem para a divulgação da prática balética. Em colégios e em lições particulares, a actividade de Georgina Villas-Boas tem sido constante. E todos os anos, o público se pode aperceber de quanto essa actividade é benéfica, na altura em que ela apresenta as suas classes em público.

Este ano a apresentação das classes da professora Georgina Villas-Boas efectua-se no cinema Tivoli, em 21 do corrente, pelas 18 e 30: Nessa apresentação vão ser dançadas obras de Beethoven, Mozart e Schubert. A colaboração musical é da professora do Conservatório e concertista Helena Matos.

UM ELENCO EXCEPCIONAL!

MAIORES DE 12 ANOS

COLORIDO

UMA GRANDE EPOPEIA DO OESTE ONDE AS ARMAS IMPUNHAM A LEI!

DON MURRAY
GUY STOCKWELL · ABBY DALTON
BRADFORD DILLMAN · LESLIE NIELSEN

AS ESPINGARDAS DO FAR-WEST

HOJE ESTREIA EMOTIVA POLITEAMA

UM FILME DA «UNIVERSAL» DISTRIBUIDO POR SONORO FILME

¡PONHA BRAÇOS HIAB NO SEU CAMION!

O CARREGADOR HIAB ELEVA, TUDO: ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!

ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

VAUXHALL 68

NOVO MODELO 102 1600 e 2000 c.c.

ventora 3294 c.c.

UM NOME NOVO!

LICAR
Av CASAL RIBEIRO, 48 A e C
CONCESSIONARIA DA GENERAL MOTORS

NUMA ORGANIZAÇÃO DA CASA DA IMPRENSA

alguns d' OS MELHORES FILMES (1963/1967)

eleitos pela crítica portuguesa

PROGRAMA

AMANHÃ — Adultos

NOS SÃO LUIZ e ALVALADE

às 21.30 h. às 22 h.

Antestreia da cópia nova
de **OS QUATROCENTOS GOLPES**, de François Truffaut
com Jean-Pierre Léaud, Albert Remy, Claire Maurier, etc.

DIA 15 — Adultos
— **A NOITE**, de Michelangelo Antonioni
com Jeanne Moreau, Marcello Mastroianni, etc.
— **A SOMBRA DO CAÇADOR**, de Charles Laughton
com Robert Mitchum, Shelley Winters

DIA 16 — Adultos
— **FELLINI 8 1/2**, de Federico Fellini
com Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale, Anouk Aimé, etc.
— **JERRY E OS SEIS TIOS**, de Jerry Lewis
com Jerry Lewis, Sebastian Cabot, etc.

DIA 17 — Adultos
— **AS BADALADAS DA MEIA NOITE**, de Orson Welles
com Orson Welles, Jean Moreau, etc.
— **OS DIAS CONTADOS**, de Elio Petri
com Salvo Randone, Paolo Ferrari, etc.

DIA 18 — Adultos
— **O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD**, de Alain Resnais
com Delphinine Seyrig, Giorgio Albertazzi, etc.
— **O OBCECADO**, de William Wyler
com Terence Stamp, Samantha Eggar, etc.

DIA 19 — Adultos
— **OS CONTOS DA LUA VAGA**, de Kenji Mizoguchi
com Kyo Machiko, Tanaka Kinuyo, etc.
— **A ÚNICA AMBIÇAO**, de Clive Donner
com Alan Bates, Millicent Martin, etc.

DIA 20 — m/12 anos
— **WINCHESTER 73**, de Anthony Mann
com James Stewart, Shelley Winters, Dan Durcya, etc.
— **UM IATE PARA A JAMAICA**, de Claude Sautet
com Lino Ventura, Leo Gordon, etc.

DIA 21 — Adultos
— **O BANDIDO DA SICÍLIA**, de Francesco Rosi
com P. Camarata, Frank Wolff, etc.
— **A LEI DO MAR**, de Peter Ustinov
com Peter Ustinov, Terence Stamp, Robert Ryan, etc.

DIA 22 — Adultos
— **EM BUSCA DA VERDADE**, de Ingmar Bergman
com Harriet Andersson, Gunnar Bjornstrand, Max Von Sidow, etc.
— **SEPULTADO VIVO**, de Roger Corman
com Ray Milland, Richard Ney, etc.

DIA 23 — Adultos
— **MODESTY BLAISE, A MULHER DETECTIVE**, de Joseph Losey
com Monica Vetti, Terence Stamp, Dick Borgard, etc.
— **TOM JONES**, de Tony Richardson
com Albert Finney, Susannah York, etc.

DIA 24 — Adultos
— **JUDEX, O VINGADOR**, de Georges Franju
com Chaning Pollock, Silvya Koscina, etc.
— **MAJOR DUNDEE**, de Sam Pecknipah
com Charlton Heston, Richard Harris, Senta Berger, etc.

DIA 25 — Adultos
— **O BECO**, de Roman Polanski
com Donald Pleasence, Françoise D'Orleac, etc.
— **OS 4 CABELEIRAS DO APÓS CALIPSO**, de Richard Lester
com os Beatles

E AINDA:

dia 26: **PEDRO, O LOUCO**, de Jean-Luc Godard ★ **DUAS HORAS NA VIDA DE UMA MULHER**, de Agnés Varda; dia 27: **TEMPESTADE NA JAMAICA**, de Alexander Mackendrick ★ **O DESPORTO FAVORITO DOS HOMENS**, de Howard Hawks; dia 28: **GERTRUDES**, de Carl Dreyer ★ **FREUD, ALÉM DA ALMA**, de John Huston; dia 29: **OS PÁSSAROS**, de Alfred Hitchcock ★ **O CABO DE GUERRA**, de Jean Renoir ★ dia 30: **DUAS SEMANAS NOUTRA CIDADE**, de Vicente Minnelli ★ **O GATO MIOU TRÊS VEZES**, de Jacques Tourneur; dia 1 de Julho: **DAVID E LISA**, de Frank Perry ★ **RIO CONCHOS**: de Gordon Douglas.

SESSÕES ÀS 15 E ÀS 21 H.

DIÁRIO DE EVA

O TRABALHO E A MENTALIDADE FEMININA

A condição de trabalhadora alterou ou não a mentalidade feminina? A pergunta é quase desnecessária. A mulher é hoje diferente do que era há um século. Melhor? Pior? Questão de critério. Mais aberta. Mais disposta a viver, a aproveitar a vida para construir a sua felicidade, a de outrem, ou simplesmente fruir em toda a intensidade o momento que passa.

Ganhar dinheiro, ter um salário certo com o qual pode fazer face á sua subsistência abriu novas perspectivas á mulher. Tornou-a mais segura de si como ser humana. Continua comprometida emocionalmente e não pensa nem deseja, por certo, libertar-se desse jugo que é suave porque é aceite consentido.

O homem é o companheiro escolhido, não a carteira que paga as despesas; é o braço onde apoia a sua feminilidade, mas descobriu o que, por sua vez, representa para o homem. Que não é propriedade dele. Foi livremente que se ligou a ele. Quando o amor terminar pode afastar-se também com liberdade e dignidade. Quantos casamentos sobreviveram por condicionamentos económicos? Quantos conjuges passaram a vida juntos embora odiando-se mutuamente.

AS VÍTIMAS DA TALIDOMIDA

O inicio do processo contra os fabricantes da Talidomida veio relembrar o drama de milhares de crianças deformadas devido a esse tranquilizante tomado durante os primeiros meses da gravidez por mulheres confiantes na ética profissional dos laboratórios farmacêuticos.

O julgamento, que tentará definir a responsabilidade dos inculpados, indemnizará, por certo, as vítimas no plano material, mas não poderá obstar os sofrimentos morais sentidos pela família e aqueles que as crianças, já conscientes da sua diminuição começaram a sofrer e, mais tarde, sentirão ainda mais agudamente.

Oscilam entre cinco a dez mil as vítimas desta droga. Segundo os professores alemães, drs. Weicker e Hungerland, de Bonn, o numero de crianças nascidas com deformidades anda á volta de sete mil e quinhentas em todo o mundo, entre as quais cinco mil na Alemanha Ocidental, setecentas na Grã-Bretanha, igual numero no Japão, cem na Suécia, cerca de cinquenta no Canadá, e vários casos na Suiça, Áustria, Israel, Brasil, Paises Baixos e Espanha.

Sete mil e quinhentas crianças com os membros deformados. Milhares de famílias que arrastam consigo o desgosto e o encargo de criarem essas crianças, de os adaptarem á vida, a uma vida tanto quanto possível normal, mas que não poderá deixar nunca de ser uma vida á margem.

A Talidomida é um crime a pesar na consciência dos homens. Uma advertência aos laboratórios para que não lancem no mercado nenhum medicamento sem que tivesse sido devidamente verificado e as investigações a seu respeito levadas aos mais pequenos pormenores. As vítimas da Talidomida são uma acusação. Que ainda não atingiu toda a sua crudelidade.

HORÓSCOPO DA MODA

Os botões na cor framboesa são a última moda. Existem, porém, noutras cores de frutas, como cereja, morango, amora, etc.

Uma homenagem ao eng. Duarte do Amaral

GUIMARÃES, 13 — Como já foi noticiado, o eng. Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, ilustre vimaranense, foi agraciado, pelo Papa Paulo VI, com a comenda de cavaleiro da Ordem Equestre de S. Gregório Magno.

A imposição das respectivas insígnias será feita, no próximo dia 22, em cerimónia muito simples, pelo arcebispo primaz, D. Francisco Maria da Silva, ao meio dia, depois de, ás 11 horas, ter sido celebrada missa, na igreja de S. Miguel do Castelo, com a assistência do homenageado, de familiares e de amigos. Não haverá convites especiais.

Sorteio a favor da Cruz Vermelha Portuguesa

A Cruz Vermelha Portuguesa organizou um sorteio, por rifas, de duas viagens de ida e volta a Luanda, gentilmente oferecidas áquela entidade pela TAP.

Será premiado o bilhete cuja numeração corresponder aos três últimos algarismos do primeiro prémio da lotaria de Santo António, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

O possuidor dessa rifa deverá dirigir-se ao Conselho Administrativo da C. V. P., no Palácio do Conde de Óbidos, Jardim 9 de Abril, n.º 1.

PREPARAÇÃO DE SECRETÁRIAS CORRESPONDENTES

A COPRAI, Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa, vai realizar, de 24 de Junho a 4 de Julho, um curso de preparação intensiva de secretárias correspondentes, cujo objectivo é proporcionar ás correspondentes que acumulam funções de secretariado uma possibilidade de aperfeiçoamento no desempenho das suas actividades e uma oportunidade de esclarecimento de algumas duvidas que surjam na rotina diária de trabalho. Do programa, que interessa a correspondentes e secretárias em início de funções, é de salientar o estudo do trabalho e categoria profissional de secretária-correspondente nas várias línguas, o arquivo e a correspondência na actividade comercial da empresa.

SIMPÓSIO SOBRE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA

Vai realizar-se em Lourenço Marques, de 1 a 6 de Julho, um Simpósio Regional da África Austral sobre Informação Científica e Técnica, integrado no 66.º Congresso Austral da Associação Sul-Africana para o Progresso da Ciência.

A comissão metropolitana de organização daquele simpósio, cujas sessões decorrerão na Sociedade de Estudos de Moçambique é constituída pelos srs. dr. Zeferino Paulo, do Centro de Documentação Científica do Ultramar e eng.º Silva Serra, do Instituto Nacional de Investigação Industrial, Cansado Tavares, do Centro de Documentação Técnica Económica, e Nuno Martins, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Os temas dos trabalhos a apresentar são os seguintes: «Aspectos e problemas da informação para cientistas e técnicos»; «Progresso no domínio da documentação e informação»; e «Aspectos e problemas da informação para a industria».

No Instituto Nacional de Investigação Industrial, Rua Garcia da Orta, 68, em Lisboa, prestam-se todos os esclarecimentos aos interessados.

CONFRATERNIZAÇÃO DO BATALHÃO DE ARTILHARIA 162

Os componentes do Batalhão de Artilharia n.º 162, que prestaram serviço em Tete (Moçambique), de 1961 a 1964, reúnem-se, no dia 30, ás 12 horas num almoço de confraternização num restaurante de Lisboa. As inscrições podem ser feitas até ao dia 23, pelo telefone 77 31 65, ou pelo correio, para: António Raimundo Murtinheira, Rua Áurea, 194, Lisboa.

Agora pode tirar mais fotografias a cores!

Kodak

BAIXA OS PREÇOS DOS ROLOS KODACOLOR-X E FOTOGRAFIAS KODACOLOR

Fotografar a cores é agora mais barato, simples • rápido do que imagina...

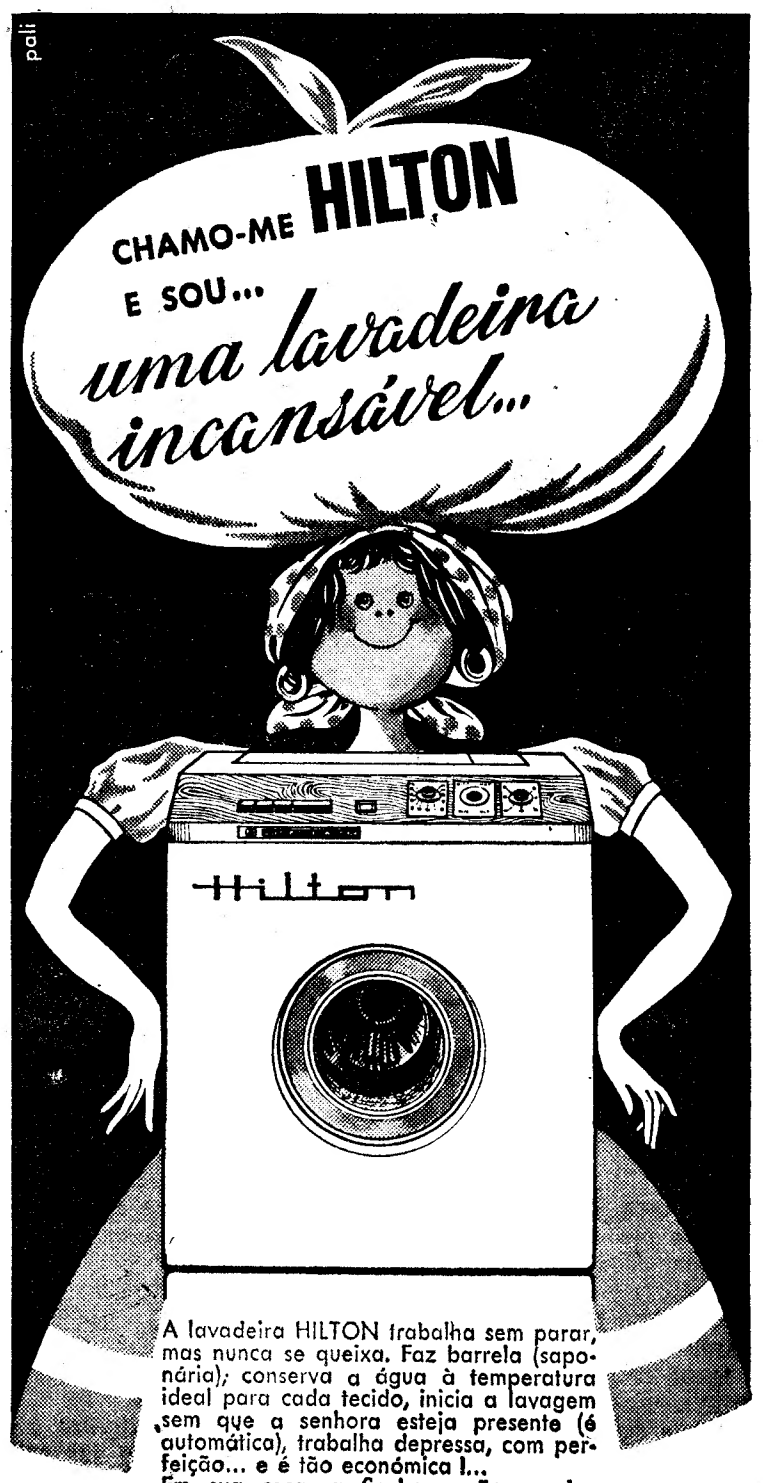
COMECE JÁ A FOTOGRAFAR A CORES

ALCATIFAS SULTÃO

SISTEMA «WILTON»

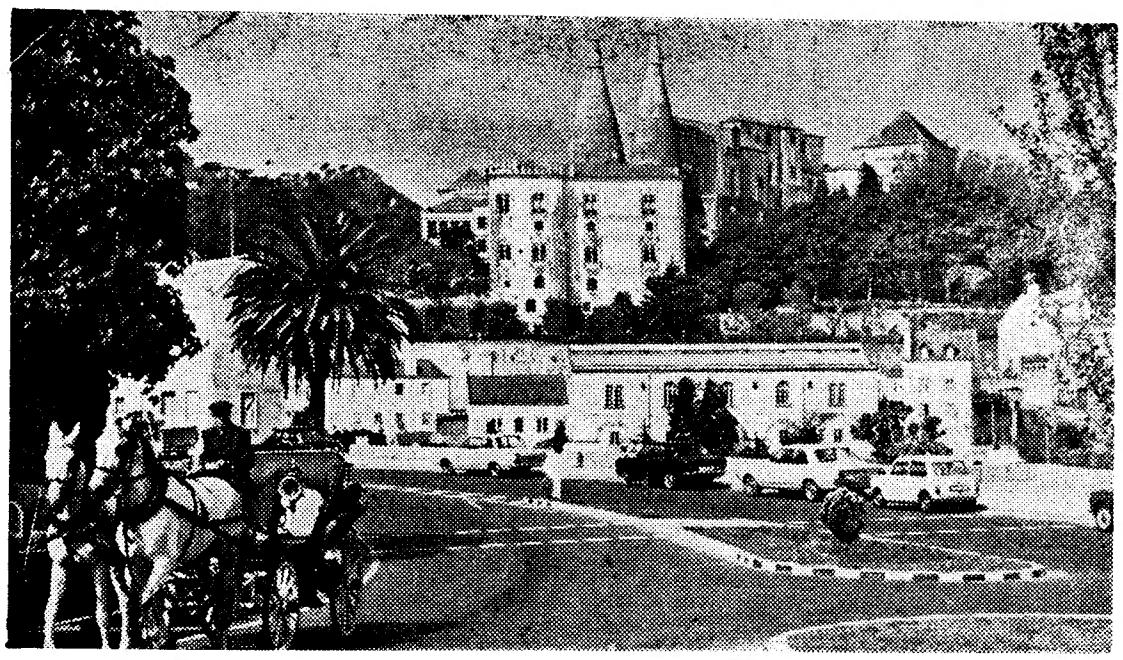
EM PADRÃO ESCOSSES • 3 CORES
SÓ LÃ • TONS INALTERÁVEIS

RUA CONDE DE REDONDO, 64-2.º, D. TEL. 5 92 88



MÁQUINAS DE LAVAR

Hilton



SINTRA

vila do sossego verde

FÉRIAS EM PORTUGAL 14

SINTRA: uma vila que nos prende, nos tranquiliza e nos entretém.

Uma definição?

Sem dúvida.

Mas não a definição única, absoluta. Sintra é uma terra que exige definições individuais. Quem a visitar, embora consulte os guias turísticos, tão pródigos em juízos definitivos, terá, no entanto, de encontrar a expressão íntima que a caracterize, a transforme numa síntese perdurável no coração e na memória.

O visitante, na sombra amável de um toldo, lê:

«Situada na vertente norte da sua montanha, é Sintra uma das mais antigas vilas de Portugal. O seu castelo, que teve importância pouco inferior ao de Lisboa, foi tomado aos Mouros em 1147. Sete anos depois D. Afonso Henriques deu carta de foral a trinta povoadores que o ficaram habitando. Um século mais tarde o concelho era já, quanto á jurisdição e administração locais, um município completo. No princípio do século XV, o rei D. João I fez várias obras nos Paços da Vila, escolhendo-os para moradia de Verão; e, assim, muitos actos e factos históricos lhe ficaram ligados para sempre. Hoje, a vila, muito alargada para o norte e leste, conta cerca de dez mil habitantes, e o concelho tem a área total de 32 888 hectares: é o mais vasto dos arredores de Lisboa e um dos maiores de Portugal. A sua população, de cento e dez mil habitantes, aumenta sensivelmente nos meses de Verão.

O visitante humedece os lábios num refrigerante, um refrigerante cosmopolita, tomado na esplanada próxima do Palácio Nacional...

Turistas de muitas nações

Sintra é visitada por muitos turistas?

Vejamos, em primeiro lugar, o número de turistas que entraram nos Serviços de Recepção de Turismo no decurso dos doze meses de 1967: primeiro trimestre — 3054; segundo trimestre — 6640; terceiro trimestre — 11 062; quarto trimestre — 1809. Total: 22 565. Mas a importancia turística de Sintra ressalta estrondosamente ao analisar-se o numero de visitantes aos três principais palácios do concelho: Palácio Nacional da Vila — 181 024. Palácio Nacional da Pena — 180 000. Palácio Nacional de Queluz — 176 379. A soma é, simplesmente, de 537 403. Mais de meio milhão...

Procedem os turistas de diversos países: Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Espanha, E. U. A., França, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, Suíça, etc.

Que é que os atrai a Sintra?

A paisagem, os monumentos, a hospitalidade.

CULINÁRIA LOCAL

COM VISTA aos apreciadores, algumas das especialidades saloias:

LEITÃO DOS NEGRAIS
CARNE DE PORCO FRITA A MODA DAS MERCÊS
VITELA ASSADA
GALINHA CORADA
PASTÉIS DE BACALHAU

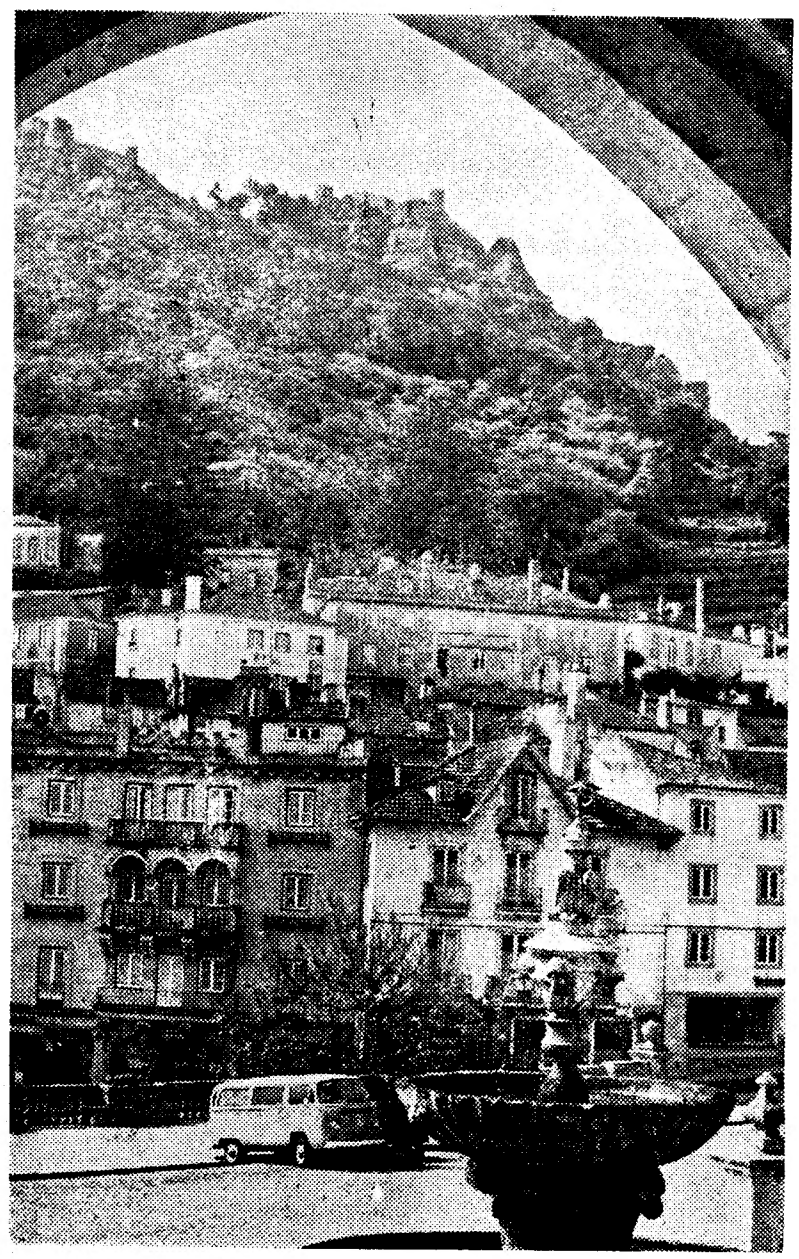
Queijadas de Sintra
Travesseiros da Piriquita
Fofos de Belas
Nozes douradas de Galamares
Suspiros do Gregório
Delícias de Colares
Pudins de queijadas
Pastéis de Sintra
Pastéis da Pena

Morangos de Colares

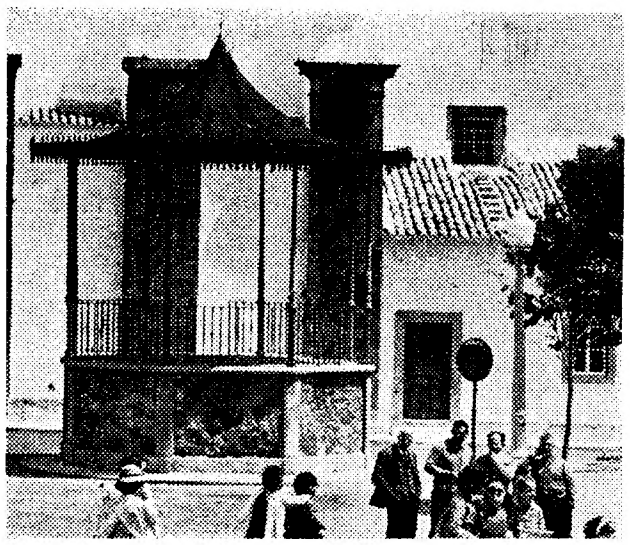
Queijo e manteiga saloia

VINHOS

Colares — Branco e tinto
Alvarinhos — Branco e tinto



O Castelo dos Mouros sobre o casario da vila



Um coreto surge, repentino, no seio de uma povoação

Do verde dos parques às areias doiradas das praias azuis

A serra de Sintra é a parte mais ocidental de uma cadeia de montanhas que principia no centro da Península. Atingindo na Cruz Alta a altitude máxima de 529 metros, vai acabar no Atlantico, onde forma o Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa.

O clima suave e o solo fértil permitiram que o rei D. Fernando II mandasse plantar, no alto da serra, entre 1846 e 1850, o Parque da Pena, um dos mais belos da Europa, logo seguido pelo Parque de Monserrate, plantado poucos anos depois pelo inglês Francis Cook, na vertente que se prolonga para o mar. Nesses dois jardins botanicos encontram-se cerca de 3000 espécies vegetais, dos mais dife-

(Continua na página seguinte)

Uma esplanada á espera da nossa disponibilidade

Verde que te quero verde

(Continuação da página anterior)

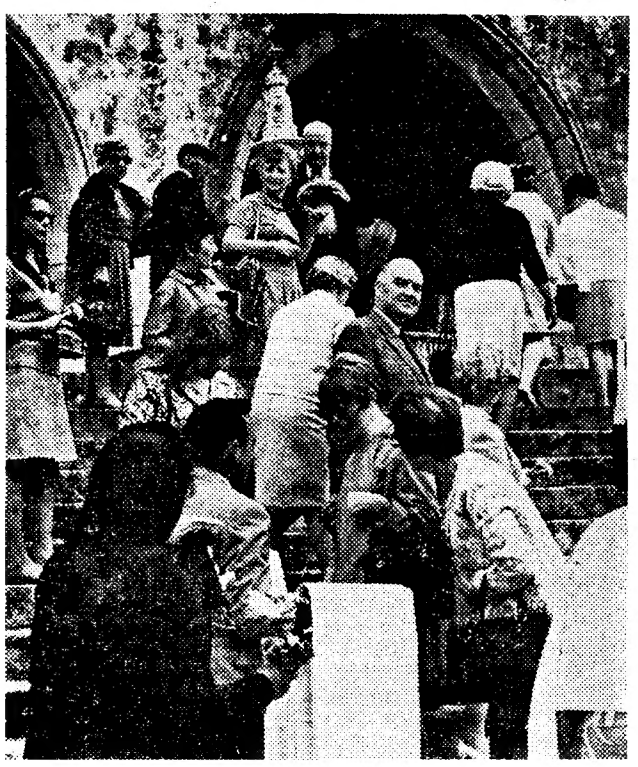
rentes climas, desde os fetos africanos e asiáticos aos abetos e tuias do Norte.

Além dos parques da Pena e Monserrate, merecem especial atenção: a Quinta de Penha Verde, na estrada velha de Colares, construída no século XVI por D. João de Castro; Quinta de Regaleira e Quinta do Relógio, ambas perto da vila, entre as quais se encontra o velho Passeio dos Pisões, com suas sombras e fontes; Quinta de Ribafria, próximo de Lourel; Quinta do Rio de Milho e Quinta Mazziotti, as duas perto de Colares. (Estas propriedades só podem visitar-se com o consentimento dos seus proprietários).

Perto da vila, no entanto, há dois excelentes parques publicos, pertencentes ao Município: a Mata Municipal, onde se pode merendar livremente, e o Parque Municipal, onde há recinto de patinagem, campo de ténis e, num palácio do século XIX, o Museu Municipal, com a secção de Pré-História, a galeria de gravuras de Sintra, as colecções etnográfica e geológica. (Anexa ao Museu, existe a Biblioteca Municipal, com uma camiliana única em Portugal).

A caminho do litoral sintrense, pela volta da serra, encontra-se o monte escalvado da Peninha (486 metros), do cimo do qual se abrange todo o círculo do mar que vai da Ericeira, no Atlantico, até Cascais, na foz do Tejo. Sob os olhos, a Várzea de Colares, com seu rio e plátanos seculares e, a pouca distancia, as melhores praias dos arredores de Lisboa: ao centro, a praia das Maçãs e, para o sul, a Praia Grande e a Praia da Adraga. Para o norte, a seguir ao lugar de Azenhas do Mar, com suas casas muito brancas a descer pela encosta, temos ainda as praias do Magoito e da Samarra, onde se pratica a pesca desportiva. São de notar as magníficas piscinas da Praia das Maçãs, Praia Grande e Azenhas do Mar.

Estradas de sombra e sol, sob uma atmosfera azul e verde, oferecem-se aos pneus dos automóveis e aos pés dos visitantes — e os veículos rodam na velocidade de um passeio amável e os sapatos detêm-se a cada instante da paisagem calma.



Os turistas somem-se no Palácio Nacional. Quem são? E quem somos nós?

Figuras de um passado que se mantém

Na sombra antiga dos monumentos

Mas há também os monumentos, os monumentos que, subitamente, se impõem á atenção de quem visita Sintra...

Dos romanos, restam muitas urnas funerárias, representadas no Museu Municipal, e, em especial, o mausoléu circular de Odrinhas, perto do lugar deste nome.

Dos tempos hispano-árabes, o monumento mais antigo é o Castelo dos Mouros, construído na serra, a 450 metros de altitude, entre os séculos VII e IX. Do alto das muralhas, o panorama abrange todo o círculo de planície rodeado pelo Atlantico até á entrada de Lisboa.

Mas é na vila, a 207 metros de altitude, que se encontra o monumento mais caracteristico: o Paço Real de Sintra, que foi durante cinco séculos, do XV ao XX, a moradia de Verão dos reis portugueses. Construído no local do antigo alcácer dos reis mouros, como se verifica pela técnica muito especial de certos pedaços de alvenaria, este Paço é obra, principalmente, de dois reis: D. João I, que mandou fazer o corpo central, com seus arcos em roseste. O restante são acrescentamentos do século XVIII. No interior, devem notar-se: em geral, os azulejos e os tectos pintados, e em especial a Sala dos Árabes, a Sala das Sereias, a Sala dos Brasões, a Sala das Pegas e a Sala dos Cisnes.

Na serra, para além do Castelo dos Mouros, ergue-se o Palácio da Pena, edificado a cerca de 500 metros de altitude. À direita da entrada, a reconstrução, feita a partir de 1840 pelo rei D. Fernando II, respeitou nas suas linhas gerais o antigo convento de frades de S. Jerónimo, aí construído entre 1503 e 1511, pelo rei D. Manuel. No interior devem notar-se a pequena igreja ogival, o retábulo de alabastro, os vitrais policromos e o pequeno claustro do antigo convento. Do alto do zimbório (528 metros) o panorama é ainda mais vasto que o do Castelo dos Pena, mas incluindo também esses dois monumentos.

Os restantes monumentos podem escalonar-se da maneira seguinte: CONVENTOS — Dos Capuchos, na serra, construído em 1560 por D. Álvaro de Castro: verdadeiro cenóbio, que se confunde com o penhasco a que se encosta. Da *Trindade*, perto do Castelo dos Mouros, construído no século XIV e sucessivamente renovado: possui ainda o claustro primitivo. De Penha *Longa*, na estrada para Cascais, construído no século XIV. IGREJAS — De Santa Maria, perto do Castelo dos Mouros: templo romano-ogival, ogiva e suas janelas mouriscas, e D. Manuel I, a quem se deve não só todo o corpo da direita, com excepção das duas grandes chaminés cónicas que são anteriores, mas ainda a torre quadrada que está virada a noroeste. Mas é na Cruz Alta, situada dentro do Parque da Pena, no ponto mais alto da serra (529 metros), que pode ter-se a melhor vista de conjunto: dali alcança-se tudo o que se vê dos castelos dos Mouros e da Pena, mas incluindo também esses dois monumentos.

(Continua na pág. seguinte)

Uma visão pessoal do repórter de serviço PEDRO ALVIM

Manifestações culturais e desportivas

COMO É já da tradição, efectua-se, em Julho e Agosto, o Festival de Sintra (música, dança e teatro).

Este ano, e pela primeira vez, realizar-se-á, de 20 a 28 de Julho, uma Exposição Internacional de Filumenismo.

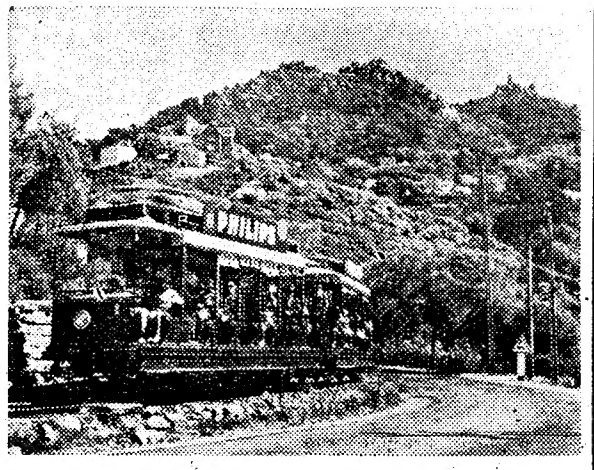
Como acontecimento desportivo, temos, no Verão, o Concurso Hípico de Sintra.

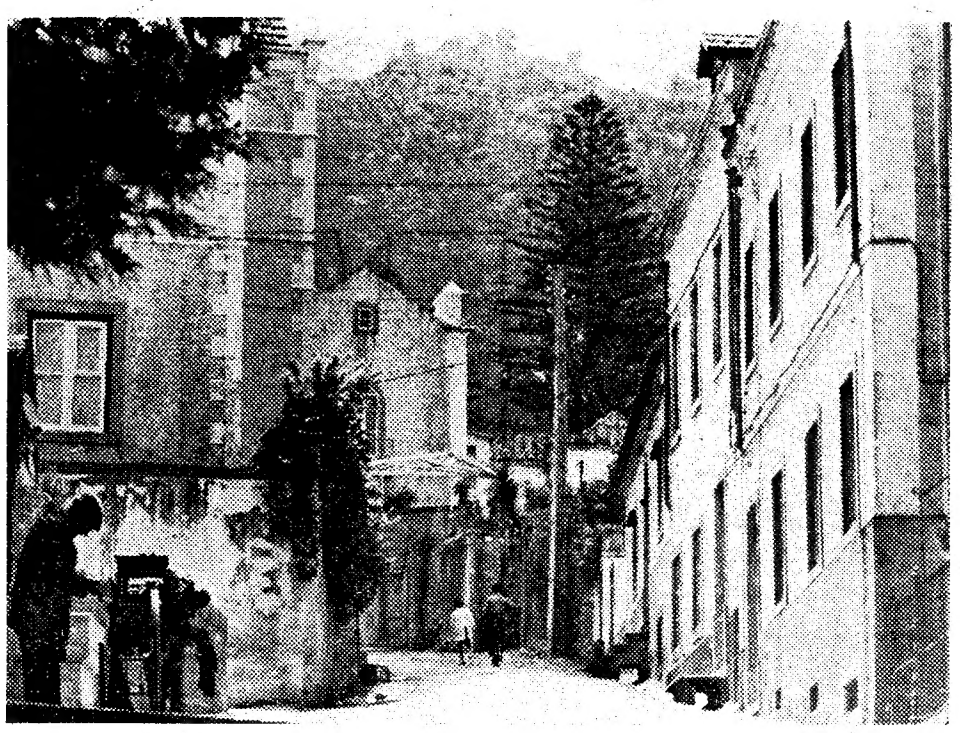
MEIOS DE TRANSPORTE TÍPICOS

SINTRA tem... eléctrico! Exactamente: a vila e a Praia das Maçãs são ligadas, de Julho a Setembro, por eléctricos de uma carreira que não mais se esquece na vida. Essa viagem, de cerca de uma hora, é uma das mais belas prendas que a terra oferece a quem a visita no tempo quente.

Os trens, de um tempo passado, que tentam a serra, a atravessam toda, são sempre fixados pelas objectivas dos turistas. E transportam alegres risos, e merendas fartas, através do arvoredo...

Boa viagem!





A serra, ao fundo, despenha-se na rua estreita através dos olhos de quem nela passa

RECORTE O CUPÃO PUBLICADO NA PÁGINA DOIS E LEIA O REGULAMENTO DE

FÉRIAS EM PORTUGAL

COLARES

COLARES é vila conhecida no concelho de Sintra. Conhecida pelos seus vinhos, exigidos á mesa dos bons restaurantes.

Foi D. Nuno Álvares Pereira quem fundou o aglomerado (1360-1431). Além dos vinhos da região, tornam-no famoso o Convento do Carmo e um pelourinho de estilo manuelino.

SINTRA

(Continuação da pag. anterior)

construído no século XII e parcialmente reconstruído no XVIII: belo interior ogival, especialmente a capela-mor. De *S. Pedro,* no Largo da Feira, construída no século XVI: silhares de azulejos. *De S. Martinho,* próximo do Paço Real (séc. XII). De Nossa Senhora da Ascensão, em Colares, restaurada no século XVIII. *De S. Pedro,* em Almargem do Bispo: colunas pintadas e belos azulejos (sécs. XVII e XVIII). *De S. João Baptista,* em S. João das Lampas: pórtico manuelino (séc. XVI). PALÁCIOS — *De Queluz,* construído no século XVIII, no estilo do de Versalhes: fachadas elegantes, interiores evocativos, belos jardins. *Do Ramalhão,* construído no século XIV: belas pinturas murais. *De Seteais,* no caminho de Colares, século XVIII. *Dos Ribafrias,* na vila: exemplar da arquitectura civil do século XVI. *Da Regaleira,* perto da vila: neomanuelino do século XIX.

Hotéis e pensões

Os sintrenses são discretos na recepção dispensada aos turistas. Acolhem-nos com naturalidade, sem surpresa chocante: há já muito que se habituaram á sua entrada e nos muitos cafés da vila o ombro a ombro com um estrangeiro é habitual... Igualmente são bem recebidos os portugueses de outros pontos do País. Firmam-se amizades, estabelecem-se laços de convívio que perduram de ano para ano.

Dizia-nos um hoteleiro:

— Há clientes, do Norte e do Sul do País, em casa de quem já estive como convidado. Amizades seguras.

E uma senhora, gerente de uma estalagem:

— Quer os estrangeiros, quer os nacionais se sentem bem no meu estabelecimento. Dizem uns: «Isto por Sintra é um pouco humido...». Outros: «Um pouco frio...». Mas, no ano seguinte, acabam por voltar todos.

Aqui tem o leitor uma lista de hotéis e pensões: SINTRA — Hotel dos Seteais (luxo), Hotel Central (2.ª), Hotel Neto (3.ª), Estalagem da Raposa (1.ª), Pensão Santa Margarida (1.ª), Pensão Nova Sintra (2.ª), Pensão Solar de S. Pedro (2.ª). PRAIA DAS MAÇÃS — Estalagem Miramonte (1.ª), Pensão Praia-Mar (2.ª), Pensão Real (2.ª). PRAIA GRANDE — Hotel das Arribas (1.ª). COLARES — Estalagem do Conde (1.ª), Pensão-Restaurante Camarão (1.ª). Pensão Eden (1.ª). Recreio da Várzea, (1.ª). BANZÃO — Pensão Central (2.ª), Pensão Hermínia (2.ª). VALE DE LOBOS — Hotel Vale de Lobos (1.ª). RINCHOA — Gruta do Rio (1.ª).

... Agora, leitor, até Sintra. Se não tiver carro, tem o comboio. Boa viagem!

O TEMPO E AS CULTURAS

As condições meteorológicas de 1 a 10 de Junho foram em geral favoráveis para o desenvolvimento das plantas e para a realização dos trabalhos agrícolas, informou o Serviço Meteorológico Nacional.

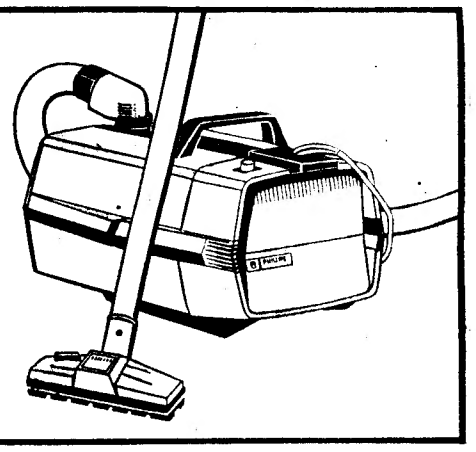
As searas, pastagens e olivais continuam a apresentar bom aspecto. As culturas arbóreas e arbustivas estão com floração irregular. As macieiras e pereiras sofreram ataques de pedrado e os pessegueiros ataques de lepra. Em alguns locais, especialmente no Norte, verificaram-se ataques de míldio nas vinhas.

Fizeram-se: lavras, gradagens, sementeiras, plantações de arroz, tomate e árvores de várias espécies, sachas, mondas, regas, recolha de pastagens, ceifas de trigo, ceifas e debulhas de aveia e cevada, colheitas de produtos hortícolas, podas de citrinos, ensilagens e fenações, tratamentos fitossanitários em vinhas, batatais, pomares, etc.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

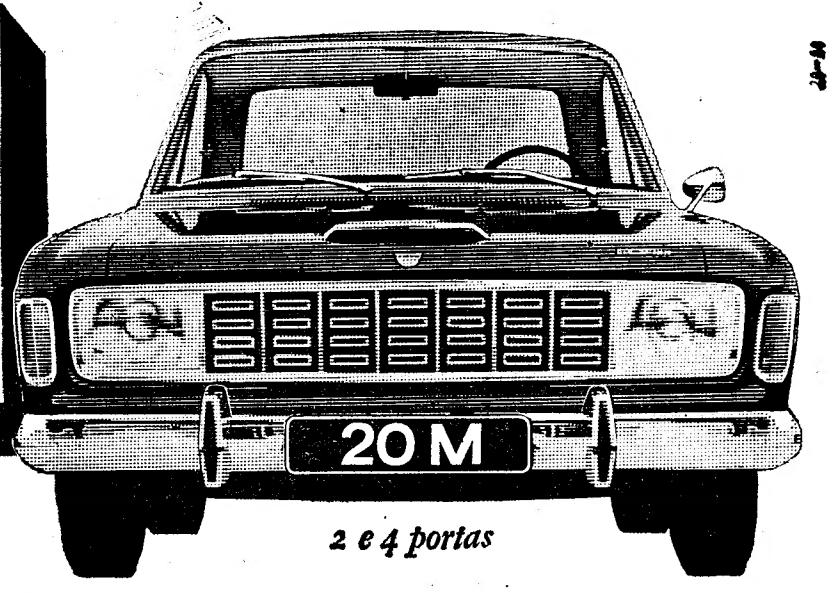
ASPIRADORES PHILIPS
PHILIPS
5 MODELOS A PARTIR DE 1.350$00

SABEMOS QUE NAS SUAS ASPIRAÇÕES HÁ O DESEJO DE COMPRAR UM BOM ASPIRADOR. É UMA ASPIRAÇÃO LEGÍTIMA DA DONA DE CASA MODERNA. POR ISSO LHE RECOMENDAMOS O MELHOR.



CONCRETIZE A SUA ASPIRAÇÃO: COMPRE UM ASPIRADOR **PHILIPS**

FORD 20M



Um seis cilindros que alia a potência à economia

2 e 4 portas

Ford
...É MELHOR!

EM LISBOA

STAND MODERNO
Rua João Saraiva, 15-Telef. 71 10 66/9
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 4 96 69

LINCURI
Av. da República, 32-A-Telef. 77 70 91

Duas bailarinas
da revista «Arroz de Miúdas» em cena num teatro do Porto e dois jovens feridos num desastre

PORTO, 13 — Cerca das 6 e 30 de hoje um automóvel embateu violentamente num prédio, próximo do cruzamento das ruas Oliveira Monteiro e de Nossa Senhora de Fátima, e resultou do acidente ficarem quatro pessoas feridas.

O automóvel era conduzido pelo sr. Eduardo Jorge Pinho Miller Fleming, de 19 anos, solteiro, residente na Rua Nova do Tunel, 53, na Foz do Douro, que ia acompanhado pelo sr. Agostinho Brito Teixeira, de 18 anos, solteiro, morador na Rua do Rosário, 77 e pelas bailarinas Maria de Lurdes Costa Pinheiro e Maria Leonor Brito Antunes, de 20 e 21 anos, respectivamente, as quais actuam na revista «Arroz de Miudas», em cena no Teatro Águia d'Ouro e estão hospedadas numa pensão da Rua Formosa.

Os ocupantes do carro, que ficou completamente destruído, foram conduzidos ao Hospital de Santo António, onde os médicos verificaram que o Eduardo Jorge sofrera fractura de costelas, a perda do músculo da face do lado esquerdo e contusões pelo corpo; o Agostinho Teixeira, ferida lacero-contusa na face e do nariz: a Maria de Lurdes, fractura de costelas, hematoma do frontal e possível fractura do braço esquerdo, e a sua companheira, fractura de perna esquerda e contusões pelo corpo.

Ficaram internados naquele hospital, á excepção do sr Agostinho Teixeira.

O automóvel, que era emprestado, parece que vinha de um passeio á Póvoa de Varzim.

VIDA MUSICAL

Banda de Musica da G. N. R.

Amanhã, ás 16 horas, a banda de musica da G. N. R., dá o seu habitual concerto no quartel do Carmo, sob a direcção do subchefe Fernando de Matos Simões.

O programa é o seguinte: «Mignon» (A. Thomas), «Rapsódia Norueguesa» (Lalo), «Paisagem Ribatejana» (Duarte Pestana) e «André Chenier» (Giordano).

O sr. Presidente da República ouve explicações do sr. L. Cunha Esteves acerca dos documentos copiados pelas máquinas Rank Xerox

Morreu sùbitamente Armando de Azevedo

Na sua residência, na Calçada do Lavra, 26, 2.º, esquerdo, adoeceu hoje de manhã, subitamente, o antigo e conhecido revolucionário civil Armando de Azevedo, de 70 anos, que chegou já morto ao Hospital de S. José, pelo que foi conduzido ao Instituto de Medicina Legal. O funeral ainda não está marcado, não se sabendo quando o corpo será autopsiado.

Armando de Azevedo

Pela sua combatividade e até pelo seu aspecto — farta cabeleira, algumas vezes coberta por uma boina de veludo, á italiana, Armando de Azevedo foi, durante muitos anos, uma figura popular de Lisboa

A guerra de Espanha surpreendeu-o em Madrid, onde desempenhou as funções de locutor português. Após a conquista da capital foi condenado á morte, tendo sido essa pena comutada, a pedido de várias entidades portuguesas, pelo generalíssimo Franco que mais tarde o indultou.

Armando de Azevedo pediu autorização para regressar a Portugal, que lhe foi concedida com a condição de permanecer uma temporada em Cabo Verde.

Já há muitos anos que voltara a Lisboa, doente e alquebrado, vivendo praticamente da ajuda de alguns amigos

OS E. U. A. FORNECEM ARMAMENTO AO IRÃO

WASHINGTON, 13 — (F. P.) — O presidente Johnson concedeu hoje o seu acordo ao Xá do Irão para a venda a este país, nos próximos meses, de armamento moderno no valor de 75 ou 100 milhões de dólares.

O TEMPO QUE FAZ

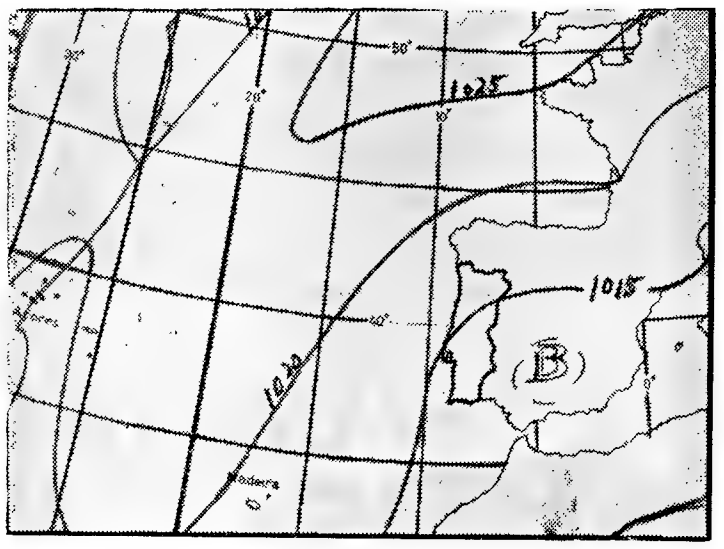
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava limpo, excepto na orla costeira, a sul do cabo Carvoeiro, onde, em alguns locais, o céu estava muito nublado, ou havia nevoeiro O vento era fraco ou moderado e predominava de nordeste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 32°; mínima: Penhas Douradas, 5°,8

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Lisboa, 6°; Penhas Douradas, 1°; Coimbra 20°; Faro 7° e Portalegre, 8°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 6°,4; na água do mar: 4°,9



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 14 — Deve manter-se a influência da massa de ar transportada na circulação de um anticiclone localizado no Norte da Europa.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU GERALMENTE LIMPO E VENTO FRACO. CONDIÇÕES FAVORÁVEIS À OCORRÊNCIA DE NEVOEIRO, EM ALGUNS LOCAIS A SUL DO RIO TEJO, DURANTE A MADRUGADA E PRINCÍPIO DA MANHÃ.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 11 Ocaso às 21 e 3

PREIA-MAR: Dia 13 — 6 (3,8 m); 18 e 20 (4,1 m). Dia 14 — 6 e 50 (3,7 m); 19 e 08 (4 m). Dia 15 — 7 e 40 (3,6 m); 20 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 13 — 11 e 33 (1,0 m). Dia 14 — 0 e 8 (0,9 m); 12 e 20 (1,2 m). Dia 15 — 1 e 02 (1,1 m); 13 e 10 (1,3 m).

FASES DA LUA

Dia 17 — Dia 25 — Dia 3 — Dia 10

Segunda visita do Chefe do Estado à Feira das Indústrias

O Chefe de Estado visitou hoje, demoradamente, pela segunda vez, a IX Feira Internacional de Lisboa, mostrando o maior interesse pelas diversas actividades ali documentadas.

No dia de hoje, na F. I. L., destacou-se, também, a jornada da África do Sul.

No «stand» da Rank Xerox

Durante a visita, o Presidente da República esteve no «stand» da Rank Xerox, onde foi recebido pelo sr. eng.º M. Lima Infante, director comercial desta firma. O sr. almirante Américo Thomaz interessou-se pelos trabalhos que estavam a ser efectuados pelo copiador-duplicador 720 da Rank Xerox.

O chefe dos serviços de publicidade da Rank Xerox, sr. L. Cunha Esteves, teve então o ensejo de apresentar ao sr. Presidente da República reproduções de um dos primeiros documentos mandados publicar no século XII pelo rei D. Afonso Henriques.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Joaquim Candido da Silva

Faleceu o sr. Joaquim Candido da Silva, de 56 anos, natural de Sintra, empregado do Banco Pinto & Sotto Mayor, casado com a sr.ª D. Isabel Maria da Cruz e Silva. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 12 e 15, da igreja de Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

Joaquim António de Andrade Junior

Na sua residência, Calçada da Estrela, 249, 1.º, faleceu o sr. Joaquim António de Andrade Junior, de 57 anos, natural da Parede, tipógrafo de «O Século».

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da basílica da Estrela para o cemitério da Ajuda.

REJEITADO O PEDIDO DE DEMISSÃO DO PRESIDENTE DA COLÔMBIA

BOGOTÁ, 13 — (R.) — O presidente Carlos Lleras Restrepo surgiu a noite passada com um mandato mais firme, após uma crise de seis dias, que terminou com a rejeição pelo Senado do seu pedido de demissão.

Lleras, um economista liberal, de 50 anos, apresentara anteontem á noite a sua demissão a uma sessão especial do Senado mas o pedido foi rejeitado por 71 contra 31 votos, após um debate de cinco horas.

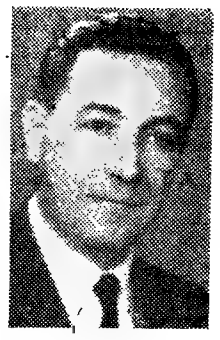
O presidente anunciou na terça-feira que se demitiria, após o congresso se negar a aprovar reformas constitucionais, incluindo a redução do numero de lugares no Congresso e a dissolução da Frente Nacional de Coligação, que governa o país. Estas reformas foram apresentadas há 22 meses.

Enquanto os legisladores discutiam a demissão do presidente, várias bombas de fabrico caseiro explodiram em partes da cidade. Ficaram feridas 32 pessoas, 43 outras foram presas e alguns automóveis foram destruídos durante as manifestações.

A Polícia empregou granadas de gás lacrimogéneo para acabar com os distúrbios e a capital voltou a noite passada á normalidade.

Durante a emissão pela Rádio e Televisão, após apresentar a sua demissão, o presidente insistiu que se continuasse a governar o país, o Congresso devia aprovar as suas reformas constitucionais.

Sublinhou que as suas reformas eram vitais e visavam um regresso gradual á «democracia normal» e a uma mudança que aceleraria o progresso económico e social do país.



JOAQUIM CÂNDIDO DA SILVA
FALECEU

Isabel Maria da Cruz e Silva, Guilhermina Rosa da Silva, Guilhermina da Silva Matias, seu marido, filha e netos, Mara Alice da Silva Valadares Teixeira, seu marido e filhos e mais família participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença o seu muito querido marido, filho, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 12.15 horas da Igreja do Santo Condestável para o cemitério da Ajuda. Às 10.30 horas será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA BARATA

JOÃO LOUREIRO
FALECEU

Clotilde Luísa Lopes Loureiro, João Lopes Loureiro, mulher e filhos (ausentes), Albano Lopes Loureiro mulher e filho, Francisco Augusto Lopes Loureiro, mulher e filhos, Maria Luísa Lopes Loureiro de Almeida Ferreira, seu marido e filha e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja do Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

AGRADECIMENTO

Fernando Ventura Robles e Alzira de Jesus Robles agradecem a todas as pessoas que compareceram no funeral do seu querido filhinho David Manuel de Jesus Lopes e da sua tia, Mariana Perpétua Dias, bem como a quantos lhes manifestaram o seu pezar.

riber

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR ROUPA

- Capacidade 5 5 kg
- 10-12-14 programas
- Duplo reservatório para detergente
- Tambor em aço inoxidável
- Cuba esmaltada
- Modelos com e sem rodas

Use skip

Com RIBER lave a roupa que quiser

SABEL

Rua de D. Estefânia, 98 A - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O novo Bairro de Aldoar, de que damos este ângulo, vai substituir as ilhas «Xangai» e «Liberdade»

A GUERRA ÁS «ILHAS» NO PORTO

«XANGAI» E «LIBERDADE» — DOIS BAIRROS QUE VÃO DESAPARECER

A guerra ás «ilhas» há anos iniciada pela Câmara Municipal do Porto, com o auxílio do Ministério das Obras Públicas, ainda está longe de atingir o seu almejado fim, embora se tenham erguido numerosos bairros neles passando a viver milhares de famílias, que até então sempre residiram em infectos e promíscuos antros — as «ilhas». Só a população existente nesses modernos bairros, todos airosos e bem delineados, ultrapassará no fim do ano corrente a da cidade de Braga.

A cidade, contudo, sofre de um problema similar, de momento até, de maior gravidade, o das «ilhas em altura». Senhorios e subalugadores, gananciosos e sem escrupulos, tiram destas ultimas grandes proveitos. Casas antigas, construidas no seu tempo para uma ou duas famílias no máximo, albergam ás 20, 30 ou 40 pessoas. Em pequenos quartos, em sótãos ou recantos, vivem pais e filhos, em promiscuidade e porcaria atroz. «Ilhas» há e houve que eram verdadeiros oásis ao lado destas «ilhas em altura».

Mas há ainda o outro caso, triste e vergonhoso, das barracas que, nos últimos anos começaram a proliferar em elevado e constante número. O Município, a certa altura, não permitiu, com a colaboração da P. S. P., que elas se erguessem. Mas mesmo assim, sempre ia aparecendo uma aqui, outra ali. «Aguentou» entretanto o Município as que existiam para dar solução aos seus moradores e já alguma coisa foi feita nesse sentido. Primeiro, para um bairro «de ciganos» que viviam em terrenos confinantes com o final da Avenida de Fernão de Magalhães, os quais se instalaram em casas para eles construidas junto a um dos bairros camarários, pagando pequenas rendas ao Município. Foi a primeira experiência no género no nosso país, experiência que resultou em pleno. E o que é mais curioso, é que lhes foram apenas impostas as condições de cumprirem o que, está determinado para os outros moradores de bairros, pedindo-se-lhes que evitassem a construção de novas barracas, mesmo aos da sua raça. Embora vivendo á sua moda, habitam hoje casas decentes.

E mais dois bairros de lata, existentes entre o Castelo do Queijo e a estrada da Circunvalação albergando 430 famílias, num total de cerca de 2500 pessoas, vão desaparecer. A forma como vivem, não é vergonha para essa gente, mas sim para a própria cidade.

O Município assim o compreendeu e estudou o assunto, que está praticamente resolvido. Para todos os moradores desses bairros de lata, o de «Xangai», o mais conhecido, e o da «Liberdade», foi já edificado o Bairro Camarário de Aldoar, que está nos últimos retoques de acabamento. Dentro em breve, será habitado por gente que nunca teve uma casa e as barracas de lata, de cartão, de madeira podre, de caixotes e de tudo que servia para tapar buracos e frinchas, serão demolidas e queimadas. E mais lá para diante, os terrenos onde se erguia a miserável paisagem de milhares de barracas infectas e imundas, começam a ser trabalhados para a implantação das obras de urbanização do futuro Parque da Cidade.

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º

JÁ ANUNCIADAS

6.º) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE

7.º) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

Ourivesaria da GUIA

SÃO DIFERENTES!

FUNDADA EM 1870

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

HOPALIS

HOSPITAL PARTICULAR DE LISBOA, LDA.

Tel. 539031

Comunica à Classe Médica e ao Público em geral a entrada em funcionamento do Serviço de Urgência (BANCO) na sua Casa de Saúde sita na Avenida Luís Bivar, 30.

O Dia do Ultramar celebrado na Feira Nacional de Agricultura

SANTARÉM, 13 — A Feira recebeu hoje a visita do ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, acompanhado de altas entidades do seu ministério; que veio presidir ás cerimónias do Dia do Ultramar.

Aquele membro do Governo foi recebido pelas autoridades distritais e concelhias, bem como pela comissão executiva da Feira Nacional de Agricultura.

Seguiu-se demorada visita ao certame, com especial relevo para o Pavilhão da Agricultura, grande parte do qual é dedicado ao Ultramar, apresentando, assim, uma visão de conjunto das actividades agro-pecuárias d'aquem e d'além mar. Foi a Agência-geral do Ultramar que, com a colaboração de outros organismos do Ministério e representantes das províncias representadas, planeou a comparticipação ultramarina.

Venda ao público de produtos do Ultramar

Através de mapas, gráficos e outra documentação, o visitante obtém uma ideia clara da importância de vários produtos no conjunto da riqueza de além-mar, nomeadamente no que respeita ao café, algodão, sisal, oleaginosas, cereais, chá, açúcar, frutas, borracha, madeira, etc.; produção agro-pecuária, etc.

Um supermercado, onde a preços de propaganda, toda a gente pode adquirir os mais variados produtos da agricultura, da pecuária ultramarina e das indústrias derivadas; uma secção de artesanato e outra de frutas frescas e de sumos naturais, também de venda ao público, são continuamente procuradas pelos visitantes. E as gentis vendedoras — alunas da Escola de Regentes Agrícolas e do Liceu — não têm mãos a medir.

Tourada à portuguesa e folclore ultramarino

De tarde, uma corrida de touros á antiga portuguesa é número espectacular do programa de hoje, actuando os cavaleiros Gustavo Zenkel, Vítor Ribeiro e Frederico Cunha e os Forcados Amadores de Évora e do Ribatejo, com touros de herdeiros de Norberto Pedroso.

A noite, pelas 21 e 30, realiza-se, no recinto de variedades da Feira, um espectáculo que inclui números de folclore ultramarino,

AS MARCHAS ...E LÁ F AVENIDA

Oito e picos. Ainda a festa não começara e muitos já estavam danadinhos para que aquilo acabasse. Mas, era o espectáculo gratuito de toda uma cidade, espectáculo a seu gosto e com lugar á escolha.

De amendoim na boca e banco em riste, os assaltantes conquistaram a Avenida da Liberdade aí pelas suas vinte horas, mais minuto, menos minuto. Houve quem comprasse bilhete: para lugar sentado. (Um dia não são dias, e pró são-senhorio, Deus dará!). Porém, o grosso da coluna não gastou um tostãozinho, um tostãozinho que fosse.

● Nove e coisa

O Vítor tem cinco anos. É o mais miudo, nestas coisas de marchas ás tantas da noite. Vem pela Madragoa. Abre o cortejo. «*Anda! Atravessa e dança! Troca com ele...*»

> «*Os padrinhos? São os «Parodiantes» mais a Benvinda Maria. (Oh Chico, ela é Maria?) Olhe, amigo, ela vem ali, procure-lhe o nome*». Jorge Rosa, o caricaturista, está furibundo: «*Pois! O electricista estragou isto tudo. Lá, os arquinhos acendiam todos...*»

Só ontem Alcântara escolheu madrinha — Olaudina Rosa Azevedo Lobo, a «Rainha das Colectividades Recreativas». Nos «Alunos Esperança» todos disseram: «*Se ninguem mais quer, vai ser ela!*» E é que foi mesmo. Entre os descarregadores de fragatas (descalços) ela ía ataviada como uma rainha, diadema e tudo. «*O padrinho? É aquele, o sr. Jorge de Ávila!*»

Carnide desfilou garbosamente. Os moços de lavour[illegible] dad[illegible]

Ao longe (para aí cem metros), esboroavam-se os versos: «*Ai Madragoa, tão bonita e tão modesta...*» A rapaziada de Alcântara não quis ficar atrás. E, vai daí, desatou a proclamar, alto e bom som: «*Alcant'ra-Mar, com a Ponte olhando a foz, é troféu de tal valor, que ao Mundo fala por nós...*»

— *Eu quero isto ao centro e ao meio! Marca ó meio da «passarele»...*

Lá vem outra marcha — Bairro Alto. «*Chamo-me Maria de Fátima, e sou bailarina no «Príncipe Negro». «Eu cá sou ajudante de escritório. Quer o nome? Bote, bote, quinté vai fazer inveja á «malta» lá do sítio. Sou o António José Amaral Martins. Solteiro, bom rapaz...*»

E canta. E cantam eles. Mais elas. Todos cantam. Compenetrados. Em transe. «*O Bairro Alto / Que foi de São Roque / Já não tem pilecas / No seu toc-toc...*» A Arminda e o Fran-

co Junior [illegible] *mais nad* [illegible] grafia do [illegible] ras. O [illegible] reune au[illegible] *andar de* [illegible] *estou a a* [illegible] *senhor,* [illegible] *nos toiro* [illegible] fia e doc[illegible]

Uma Maria [illegible] pela certa, p[illegible] je um autóg[illegible] *no! Muy gua*[illegible]

> *Continu*[illegible] *grave o d*[illegible] *da Graça,* [illegible] *nio de A*[illegible] *46 anos,* [illegible] *Senhora* [illegible] *adoeceu* [illegible] *desta noit*[illegible]

chicas.» As [illegible] mo varas ve[illegible] vos, é o que [illegible] uma criancin[illegible] a refeição-ex[illegible] porte enverg[illegible] colarinho: «[illegible] E cuspia pr[illegible] menos) não [illegible]

À beira da [illegible] chas fizeram [illegible] Aqui pára-se, [illegible] tralização, q[illegible] *a viatura só* [illegible] tavam os co[illegible] chas, flaman[illegible]

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

lho, dando sa[illegible] dalhas. Med[illegible] Lembranças [illegible]

Ajuda. [illegible] Chama-se [illegible] as crónic[illegible] cada sess[illegible] mo acor[illegible] ço dado. [illegible] (por mal[illegible] da) subs[illegible] marcha. [illegible] Baptista.[illegible]

— *Oh Isild*[illegible] *da?*

A gen[illegible] não conh[illegible] do passo[illegible] da Boa [illegible] da rapar[illegible]

— *É sempr*[illegible] *mulheres fo*[illegible]

Tino [illegible] não perd[illegible] ca: «*Es*[illegible] *convidar*[illegible] *ta, e zá*[illegible] *plement*[illegible] *pr'ó jor*[illegible] *co...*»

(a marcha[illegible] toda: «*Ajud*[illegible] *te /. Vestiu*[illegible]

MARCHAS DESFILARAM...

LÁ FOI LISBOA NIDA ABAIXO

esta não
avam da-
acabas-
gratui-
pectáculo
escolha.
e banco
onquista-
de aí pe-
is minu-
e quem
ugar sen-
as, e pró
Porém,
stou um
olho que

é o mais
marchas
pela Ma-
«*Anda!*
oca com

os «*Pa-*
Benvinda
a é Ma-
vem ali,
. Jorge
está fu-
ectricista
á, os ar-
los...»

lheu ma-
Azevedo
ectivida-
unos Es-
«*Se nin-*
ela!» E
s descar-
escalços)
rainha,

inho? É
ila.»

em me-
os ver-
o bonita
apaziada
is ficar
u a pro-
om: «*Al-*
Ponte
u de tal
fala por

o centro
meio da

— Bairro
Fátima,
scipe Ne-
te de es-
pte, bote,
«*malta*»
nio José
bom ra-

les. Mais
Compene-
O Bairro
Roque /
No seu
e o Fran-

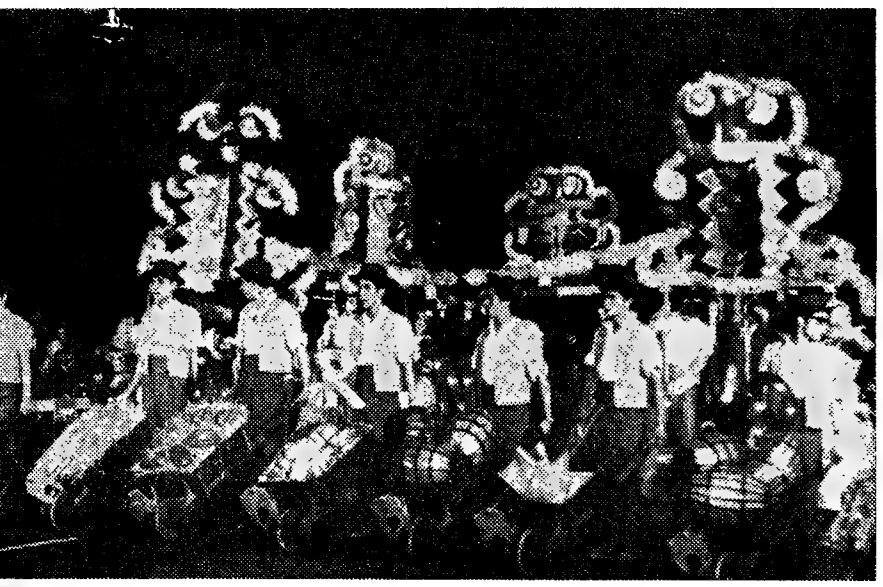
RO
E...

co Junior («*só Franco Junior, mais nada*») pedem uma fotografia do namoro de três horas. O «electrónico» Morais reune auditório: «*Ah! Por eu andar de bengala, julgam que estou a armar aos cardos. Não senhor. Nada disso. Isto foi nos toiros...*» Puxa da fotografia e documenta.

Uma Marisol qualquer, turista pela certa, pede-me que lhe arranje um autógrafo. «*Pero que bueno! Muy guapas! Guapissimas, las chicas.*» As «guapas» tremiam como varas verdes; coisas dos nervos, é o que é. À nossa esquerda, uma criancinha de peito digeria a refeição-extra. Um sujeito de porte envergadura, desapertava o colarinho: «*Sufoca-se, oh Maria!*» E cuspia pr'ó chão. Uma vez (ao menos) não pagou por isso.

À beira da Rosa Araújo, as marchas fizeram convenção tácita. Aqui pára-se. Uma espécie de neutralização, que serve para *atestar a viatura só com líquidos.* Lá estavam os componentes das marchas, flamantes, impando de orgu-

Continua em estado muito grave o director da Marcha da Graça, sr. Manuel António de Almeida Soares, de 46 anos, morador na Rua Senhora da Glória, 58, que adoeceu durante o desfile desta noite.



ente. Os moços de lavoura do século dezanove abrem a marcha organizada pela Sociedade Dramática

lho, dando saltos como corças. Medalhas. Medalhinhas. Medalhões. Lembranças de outras marchas.

Ajuda. À frente, o padrinho. Chama-se Tino Costa, e rezam as crónicas deste final da década sessenta, que faz vida como acordeonista. Vem de braço dado. A Maria Margarida (por mais nova e mais garrida) substitui a madrinha da marcha. Substitui a Fernanda Baptista.

— *Oh Isilda! Isilda! Qué da Isilda?*

A gente fez que não, que não conhecíamos. O sr. delegado passou pelos «camponeses» da Boa Hora e foi á procura da rapariga.

— *É sempre isto! Mal m'avio, as mulheres fogem pr'os arcos...*

Tino (o acordeonista) é que não perdeu tempo. Botou banca: «*Estou aqui porque me convidaram. Fui lá a uma festa, e zás! Se quiser, em complemento, faça aí uma notícia pr'ó jornal. Pr'ó meu público...*»

(a marcha estava com a corda toda: «*Ajuda acordou toda contente / Vestiu-se de mil cores, calçou chinela / Pôs avental de chita e num repente / foi convidar o Tejo, a vir com ela*»).

— *Se quiser tomar nota* (dizme o Tino) *eu e o Xavier de Oliveira vamos no fim do Verão até África. Era para irmos agora. Mas, como isto está a pingar...*

Os escuteiros corriam. Os bombeiros encostavam os ouvidos aos emissores-receptores portáteis. «*Qué das mini-saias?*» — reclamava um vivaço lá do pé das árvores. Quando veio a ordem («*podem avançar para a frente*») todos saltaram sobre o vizinho imediato. Levanta-se sururu. «*Eu estava em primeiro.*» «*Oh minha senhora, não empurre...*» «*Eu paguei bilhete; estou aqui com direitos...*»

Quando chegou a TV, parece que uma onda de azeite tinha sido derramada sobre o mar em procela: «*Põe-te aqui, põe-te aqui... Senão, não entras...*»

Em cada arco dos Olivais saudava-se outro bairro. À frente, distribuindo cravos e beijos, vinha a Maria José Valério.

— *Eu e o Galarga é que somos os padrinhos.* (a «Zézinha» calça meias pretas de rede e sapato raso. Por cima, cá por cima do joelho, mini-saia cheia de escrúpulos). «*Antes, eu era de Alfama. Agora, mudei-me para aqui... Gosto desta gente e até vou gravar a marcha; é do Frederico de Brito. Linda!*»

O mais velho é um rapaz de 27 anos. A mais nova tem 15 anos.

Um pedaço de versos: «*O meu par já me tem dito / Que dum beijo ou pouco mais / Fez o arco mais bonito / Da marcha dos Olivais.*»

— *É letra e música de Frederico de Brito* — elucidam-me.

● Dez e tal

Para entrar no cortejo, todos os cartões valiam. Ao pé de mim, no bolso do rapazito de fato aveludado, até o passe dos comboios serviu. Pelas ruas, os gatos fugiam desaustinados: «*há um ano, contados dia a dia, que não aturavam uma chinfrineira destas.*

«*Venham daí / Que a Graça quando passa / Diz a cantar /Oh! Senhor dos Passos da Graça / Põe a Graça / No altar...*»

— *Sou arameiro, mas não ajudei a fazer os arcos. Isso é pr'os outros. O nome? assente: Valdemar Martins Tinoco. Desde 1950 p'ra cá* (mostra-me cinco medalhas) *a coisa é certa!*»

À beira do arco da Voz do Operário, falara uma voz de trabalhador.

O Silva, barbeiro, numa mão o ramo de flores para a oferta e noutra a bengala de arrimo, grita junto aos meus tímpanos:

— *Não espalhem! Não espalhem!...*

Todo o *mundo* parou. É que o sr. António Soares («*já com 140 de pulsação, o que é obra*») foi pr'ó hospital na ambulância dos Lisbonenses.

Vem o graduado e quer saber pormenores.

— *É homem novo, é homem novo... Tem prái quarenta... E ele está mal? Será alguma trombose?*

O graduado quer é saber a morada do sr. Soares. «*Rua da Senhora da Glória, 58, cave. Mora mesmo ao meu lado...*»

«*Daixai, deixai / Passar a velha Graça / Cantai, cantai / que é bom cantar / Quando ela sai...*»

A marcha, porém, teve de continuar.

● Métrica a metro

O que preocupava a marcha de Benfica era ir contra a tradição: não trazer burros.

— *A água sabe a plástico...*

— *Atão. O capo é novo...*

O sr. Guilherme Antunes Valentim, distribui velas para os arcos. «*Aqui é que é. Não vamos esperar prós pôr lá prá beira dos do juri...*»

Benfica: Antónia Tonicha e Xavier de Oliveira como padrinhos. Poeta: o do costume, o sr. Silva Nunes. Compositor, o habitual, o sr. Jorge de Ávila

«*Benfica vai sorrir, cantar*
Uma canção
Que há-de alegrar Lisboa
Na condição
De conquistar seu coração...»

Atroam os ares os pregões de amendoins, gelados, laranjadas, copos de água e vinho a dez tostões. Um irracional (esperto» dormia na berma da Avenida: chamam-lhe cão.

● Vinde ver o meu país de vates

Os rapazes, impantes, orgulhosos, mal espartilhados em cinto da Feira-da-Ladra, descarregam a mão no ombro das namoradas. Os do costume (nestes ajuntamentos) rindo, fazendo galhofa. E as marchas, e os rapazes mai-las moçoilas das marchas, mai-los directivos da marcha, mai-lo, júri.

Por falar em juri, o juri não veio todo. Margarida de Abreu e Tomás Ribas estiveram ausentes. Na mesa fronteira á tribuna, ao lado do dr. César Afonso (presidente da Casa da Imprensa) e da dr.ª Salete Simões, sentavam-se o pintor Carlos Botelho, escultor Lagoa Henriques, maestro Jaime Silva (Barcarena), prof. Henrique Cabral e eng.º Santos e Castro.

Todos munidos com as suas armas: papel, esferográfica e arguta perspicácia.

Campo de Ourique é comandado por um quinteto de cavalheiros tipicamente enfarpelados.

— *São os padrinhos. Oh Belmira, como se chamam eles?*

Belmira de Jesus Rodrigues, cliente dos bailaricos dos «Alunos Apolo», é empregada da Emissora Nacional:

— *Oh, mulher! São do conjunto internacional folclórico Francisco Gouveia.*

— *Como veio para a marcha?*

— *Foi uma colega minha. Eu ia aos sábados dar o meu pé de dan-*

(Continua na 22.ª página)

Duas grandes figuras populares, envolvidas pela multidão que as colocou no plano cimeiro do seu aplauso: Beatriz Costa e Hermínia Silva assistem, na Avenida da Liberdade, ao desfile das marchas de Lisboa. A «menina da franja» evocou, para a Rádio e para a Imprensa, a época «quase heróica» em que o nosso saudoso camarada Norberto de Araujo deu alma e vida a esta manifestação do Povo: «os seus versos ainda hoje palpitam» — salientou Beatriz Costa

NEVOEIRO EM DIA FERIADO

Lisboa acordou esta manhã com aborrecido manto de nevoeiro, não muito espesso, é certo, mas que, mesmo assim, ensombrou o feriado de muita gente que sonhava com praia, sol...

Também é verdade que o Serviço Meteorológico já dera notícias de que assim seria, mas há sempre uma esperança. E seria tão bom se os «manda-chuvas» (como popularmente são conhecidos os nossos meteorologistas) se enganassem...

Entretanto, não deixou de haver alguns (bastantes) que, mais animosos, não desistiram. E lá foram, esperançados de que, lá mais para o fim da manhã, o sol não faltasse, quente e amigo. Dada a relativa fraqueza do nevoeiro, os transportes aéreos e fluviais pouco foram afectados.

Assim, enquanto no aeroporto da Portela houve dois aviões — um da KLM e outro da Canadian Pacific — que, devendo terrar esta manhã em Lisboa, tiveram de divergir para Madrid, aterrando no aeroporto de Barajas; no Tejo, a navegação decorreu normalmente.

Ainda quanto ao aeroporto, todas as restantes partidas e chegadas desta manhã se efectuaram, havendo, porém, um ou outro ligeiro atraso, nem sempre causado pelo nevoeiro.

E o feriado, embora um pouco cinzento, não deixou de ser feriado (não para todos...). As praias estiveram movimentadas e grande parte de Lisboa foi arejar.

Multidão (e aflição...) em Alfama na noite de Santo António

Da Praça do Comércio até muito para além de Santa Apolónia, não havia ontem espaço onde coubesse um alfinete, quanto mais um automóvel. Por outro lado, de minuto a minuto afluíam grupos numerosos, verdadeiras excursões organizadas a partir de outros bairros de Lisboa. Tudo fazia prever aquilo que depois veio a verificar-se: a presença de uma multidão desproporcionada com as dimensões e as características de Alfama.

O espectáculo de todos os anos: a sardinha assada, os pequenos e ingénuos tronos de Santo António, os festões, os mercados de manjericos, os grupos juvenis e seus coros em cujos repertórios não falta o escolar e variado «foi na loja de Mestre André...»

Que o povo se divirta! Que os jovens possam dar agora e sempre largas á sua alegria na noite de Santo António ou em qualquer outra noite. Mas que, pelo mínimo, não se perca o sentido das proporções — caso contrário poderão vir a dar-se factos que manchem de tristezas inuteis as horas que tinham encontro marcado com a alegria.

Foi o que ontem esteve para acontecer em alguns pontos de Alfama, particularmente no Largo e nas Escadinhas de S. Miguel para onde, cerca da uma hora da madrugada, convergiram milhares de pessoas. Mulheres desmaiadas e pisadas, pessoas esmagadas contra as paredes, um clamor de aflição — e tudo viria a assumir proporções dramáticas se alguns jovens não tivessem chamado a si a missão de orientar o fluxo da multidão, estabelecendo uma cadeia de informações com a torrente que se desenhava, do alto, para o pequeno e inocente Largo de S. Miguel.

Policiar é uma palavra feia e não será de empregar aqui. Mas impõe-se, nos próximos anos, a aplicação de um serviço de orientação que poderá estar a cargo dos jovens do popular bairro, pelo menos nas horas de maior afluência ou seja, da meia-noite ás três da madrugada. As cenas verificadas na noite de Santo António deste ano pressagiam tormentas perfeitamente inuteis e gratuitas se o bom-senso não prevalerer — e se o «snobismo» de passar a noite em Alfama vier a tomar o freio nos dentes.

Não há bilhetes para a lotaria!

Grande número de pessoas ficou, este ano, privado de se habilitar à tradicional lotaria de Santo António porque, excepção feita nos grandes centros urbanos, já não há bilhetes.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços
compramos
Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

AUMENTAM AS SUSPEITAS DE UMA CONJURA ORGANIZADA PARA O ASSASSÍNIO DE KING

NOVA YORK, 13 — (F. P.) — O meu irmão não matou o pastor King. Está é a servir de bode expiatório neste caso — declarou, a noite passada, pela Televisão, o irmão de James Earl Ray, Jerry Ray, de 32 anos. Segundo Jerry, o irmão serviu apenas para «confundir as pistas». Quando se evadiu da penitenciária do Missouri, em Abril de 1967, foi auxiliado por «uma rica personagem do Sul», que mais tarde se teria servido dele no caso do assassínio do pastor King.

Como lhe perguntassem se pensava se o irmão confessaria o crime, Jerry Ray respondeu: «Morreria, de preferência a falar».

Este novo testemunho, acrescido aos resultados do inquérito da Polícia canadiana acerca das multiplas identidades utilizadas por James Ray depois da evasão do Missouri, tende a confirmar as suspeitas da opinião publica americana acerca da existência de uma conjura minuciosamente organizada para o assassínio do pastor King. Com efeito, a Polícia canadiana demonstrou que as três identidades de que Ray se serviu pertencem todas a habitantes da região de Toronto, com os quais tem certas semelhanças físicas.

Ao chegar áquela cidade, James Ray começou por adoptar a identidade de Paul Brigman, empregado na comissão escolar de Toronto. Seguiu-se a de Ramon George Sneyd, polícia, também de Toronto, de 35 anos, como Bridgman.

Por outro lado, antes de se refugiar no Canadá, James Ray tinha usurpado a identidade de outro habitante de Toronto, Eric St. Vincent Galt. Contramestre numa fábrica, era mais velho, embora parecesse mais novo que Ray. Galt tinha dois sinais particulares em comum com Ray: uma cicatriz na testa e outra na mão direita. Sob este nome, Ray viveu algum tempo no Verão passado em Montreal.

A Polícia americana, entretanto, revelou que um certo John Willard tinha alugado em Memphis um quarto, de onde se podia ver o Hotel Lorraine, em que foi assassinado Luther King. Ora, o verdadeiro Willard é também de Toronto.

Perante semelhante profusão de testemunhos, a opinião publica convence-se cada vez mais de que o assassínio de King foi realmente obra de um bando organizado.

Ferida pela explosão de um foguetão (arma com que, presentemente, o Vietcong tem atacado Saigão), uma criança é transportada, por um soldado americano, para o hospital da cidade

KIESINGER EM BERLIM-OESTE

CONVERSAÇÕES URGENTES ACERCA DAS RESTRIÇÕES IMPOSTAS POR PANKOW

BERLIM OESTE, 13 — (R.) — O chanceler alemão ocidental, dr. Kurt Georg Kiesinger, realiza hoje nesta cidade conversações urgentes sobre a nova fiscalização alemã oriental quanto a viagens para e de Berlim Oeste, no meio de receios de que os comunistas estejam a aplicar um golpe lento de estrangulamento.

Funcionários de Bonn consideram a acção alemã oriental contra Berlim-Oeste como a mais grave desde que o muro de Berlim foi erguido em 1961.

O chanceler, que chega ás 9 horas T. M. G. de avião a esta cidade, deve explicar, segundo se espera, ao burgomestre de Berlim Oeste, Klaus Schuetz, as medidas com que se concordou ontem em Bonn, para replicar á fiscalização de vistos e impostos sobre fretes e carreiras de autocarros da República de Pankow.

As medidas alemãs ocidentais incluem maior auxílio económico para salvaguardar o futuro da inquieta cidade, situada a 175 quilómetros adentro de território comunista.

A noite passada, a República de Pankow protestou contra a visita do chanceler, classificando-a «como outro acto agressivo, que põe em perigo a segurança europeia» e repetindo afirmações de que Berlim Oeste não faz parte da Alemanha Ocidental.

Os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França denunciaram as restricções alemãs orientais considerando-as contrárias aos acordos internacionais há muito existentes e inconsistentes com o objectivo de um abrandamento da tensão na Europa.

ESTACIONÁRIO O ESTADO DE BLAIBERG

CIDADE DO CABO, 12 — (F. P.) — «O estado do dr. Blaiberg mantém-se estacionário e a afecção hepática de que sofre não piorou», anuncia o ultimo boletim de saude publicado, ontem á noite, pelo hospital de Groote Schuur.

O dr. Chris Barnard, que examinou o doente logo que chegou ao Cabo, declarou que não tinha nada a acrescentar acerca do estado de saude do dr. Blaiberg, o mais antigo operado ao coração e que a equipa do hospital tinha cuidado perfeitamente dele.

FREDERICK WEST MELHOROU

LONDRES, 13 — (A. N. I.) — O «National Heart Hospital» comunica que o seu primeiro doente a beneficiar de uma transplantação de coração, Frederick West, melhora sensívelmente de uma infecção na caixa torácica, muito embora os seus rins adoentados não estejam a responder ao tratamento.

»O coração está a trabalhar bem — diz o boletim clínico — muito embora os rins não estejam a corresponder aos tratamentos feitos. No entanto o estado geral do doente melhora sensívelmente».

A infecção da caixa torácica e a doença renal afectaram West sériamente, colocando-o na lista dos hospitalizados em perigo de vida, depois de uma recaída que se verificou no domingo á noite.

COHN BENDIT PEDIRÁ ASILO POLÍTICO NA GRÃ-BRETANHA

LONDRES, 13 — (F. P.) — Daniel Cohn Bendit, declarou, ontem á noite, que poderia com os outros dois estudantes franceses, Jacques Sauvageot e Alain Geismer, pedir asilo político na Grã-Bretanha.

Ao tomar a palavra numa reunião de estudantes na «London School of Economics», Cohn Bendit recordou que a sua permanência na Grã-Bretanha inicialmente autorizada para 24 horas tinha sido prolongada para 14 dias. Anunciou então que ia criar neste país um movimento de resistência.

Manifestações em França

(Continuação da 1.ª página)

Políticos trocavam, furiosamente, acusações ao aparecerem pela primeira vez na Televisão durante a campanha para as eleições, que começam em 23 de Junho.

Lendo uma declaração preparada, o primeiro-ministro Georges Pompidou afirmou que os comunistas eram culpados das recentes desordens.

Waldeck Rochet, secretário-geral do Partido Comunista, retorquiu dizendo que o seu Partido agira prudentemente para impedir o estabelecimento de uma ditadura militar.

A industria militante de automóveis e as redes de Rádio e de Televisão, dirigidas pelo Estado, eram virtualmente os unicos locais ainda hoje afectados por greves.

Conversações entre dirigentes sindicais e entidades patronais continuaram na Renault, durante toda a noite, e novas discussões foram preparadas nas fábricas em Sochaux da companhia Peugeot, onde morreram duas pessoas em consequência de recontros que ocorreram no princípio da semana entre Polícia de choque e os grevistas.

O FRANCO FRANCÊS NÃO SERÁ DESVALORIZADO

PARIS, 13 — (A. N. I.) — Maurice Couve de Murville, novo ministro das Finanças, afirmou hoje que não se dará a desvalorização do franco francês e que qualquer passo nesse sentido só poderia levar á inflação.

Couve de Murville — que deixou o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, a semana passada, para tomar conta da pasta das Finanças — disse numa conferência de Imprensa que a «desvalorização» tornaria os novos salários e bónus auferidos pelos 15 milhões de trabalhadores franceses uma coisa «ridícula».

Afirmou ainda que «as necessidades orçamentais vão aumentar em vários biliões de francos, em 1968» como resultado do aumento de benefícios sociais garantidos a empregados e operários, tanto de empresas governamentais como de empresas privadas.

E a desvalorização só serviria para uma mais completa e prolongada paralisia da economia da França — acentuou.

AS FRONTEIRAS DE ISRAEL NÃO ESTÃO AINDA DELIMITADAS — DECLAROU ABA EBAN

JERUSALÉM, 13 — (F. P.) — «No Governo há uma maioria que está empenhada em nos levar á seguinte conclusão: as fronteiras da paz não serão nem as de antes da guerra dos seis dias, nem as do actual cessar-fogo, declarou, ontem á noite, Aba Eban, ministro israelita dos Estrangeiros, numa conferência de Imprensa realizada em Jerusalém. Aludindo ao «Plano Allon» disse que era muito cedo para falar de paz enquanto os Estados árabes não estivessem prontos a conferenciar com Israel.

Depois de ter evocado os esforços despendidos por Israel durante o ano findo para promover a paz com os países árabes, o ministro aludiu a um discurso recente de Nasser, em que este último declarava que a guerra com «Israel era inevitável». Eban afirmou que esta atitude devia «ser criticada e condenada».

Em seguida fez estas quatro perguntas ao Governo egípcio:

— O Egipto estará decidido a aceitar uma paz estável baseada num acordo obrigando as duas partes?

— O Egipto estará disposto a negociar de acordo com o processo proposto por Gunnar Jarring?

— O Egipto quererá auxiliar e elaborar um regulamento prevendo fronteiras seguras e reconhecidas?

— O Egipto compreenderá que todo o acordo de paz deverá incluir para Israel a liberdade de navegação no canal do Suez e no Mar Vermelho, e isto imediata e incondicionalmente, assim como o reconhecimento público da soberania e da independência de Israel?

AVISO DE COSTA E SILVA AOS ESTUDANTES BRASILEIROS

RIO DE JANEIRO, 13 — (F. P.) — O presidente Costa e Silva avisou que não tolerará que a agitação universitária no país chegue ao ponto de «mergulhar o Brasil no caos como o que paralisou a França».

O chefe do Estado brasileiro fez este aviso, publicado pelo jornal «O Globo», em conversa com o deputado Amaral Neto, em Brasília, na altura em que eclodiam no Rio de Janeiro, as primeiras arruaças provocadas por estudantes, a seguir ás tréguas de dois meses que puseram termo aos motins sangrentos de Março e Abril findos.

Persistia a tensão universitária, ontem, na capital carioca, onde, na véspera á noite, manifestantes tinham derrubado uma viatura da Polícia, numa demonstração publica, no centro da cidade. A Polícia civil e militar local manteve-se de prevenção, ao mesmo tempo que o Governo anunciava a decisão de não compensar a perda das aulas, devido á greve, mediante prorrogação dos períodos escolares normais.

ESTUDANTES ARGENTINOS DESALOJADOS DA UNIVERSIDADE

BUENOS AIRES, 13 — (A. N. I.) — A Polícia utilizou cães, bastões e granadas de gases lacrimogéneos para desalojar das instalações da Universidade Nacional, situada em La Plata, quatrocentos estudantes de Direito.

As primeiras notícias anunciam que houve muitos feridos e numerosas prisões. Os estudantes invadiram e tentaram permanecer naqueles edifícios, como protesto contra a negativa governamental ao seu pedido de celebrarem o quinquagésimo aniversário da reforma da Universidade.

Quando a Polícia tentava desalojar os 400 estudantes, apareceu outro grupo de mil estudantes que foram dispersados com gases lacrimogéneos.

A Assembleia Geral da O. N. U. suspendeu os trabalhos

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 13 — (A. N. I.). A Assembleia Geral das Nações Unidas, depois do discurso do presidente Johnson sobre o tratado contra a disseminação das armas nucleares, suspendeu os seus trabalhos por tempo indeterminado, dependendo de um possível agravamento da situação no Próximo Oriente.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

ABRIGOS ANTIAÉREOS
— O GRANDE NEGÓCIO EM SAIGÃO

SAIGÃO, 13 — (Por Ulrich Grudinski, da D.P.A.-A.N.I., em Portugal) — O negócio de abrigos antiaéreos tem tido grande actividade em Saigão, nos ultimos dias.

«Proteja a sua vida. Para ter a certeza de estar vivo depois do próximo ataque aéreo, visite as nossas instalações e veja os ultimos modelos» — diz-se num anuncio de uma firma de abrigos antiaéreos, num jornal de Saigão. A página ao lado vem cheia de sombrias informações de morte, tarjadas em negro, de vítimas dos ultimos bombardeamentos.

A Saigão de hoje é uma cidade em que os alojamentos do ultimo andar dos hotéis são perigosos, porque só um fino telhado os separa do céu e de um foguetão «vietcong», que pode cair, juntamente com a morte, em qualquer momento.

Os quartos de «luxo» são agora os interiores, sem janelas, pouco maiores que lavabos, situados mesmo no centro do hotel. Consegue-se arranjar um destes quartos pelo preço de um alojamento de luxo, graças a um porteiro prestável e a alguns dólares, e passa-se uma noite sobressaltado, com os foguetões a assobiarem sobre a cabeça. Mas nenhum preço é demasiado quando se compra a vida ou a sua protecção, embora esta possa ser fraca.

Poucos habitantes de Saigão têm meios para adquirir um abrigo ou dispõem de espaço nas suas barracas, para o colocar. Na maior parte, são obrigados a improvisar e a construir o seu próprio abrigo: um buraco na superfície de turfa, sobre a qual Saigão é construída, coberto com uma ou duas chapas de ferro. As caves são raras, na capital, e distantes umas das outras.

Nas florestas que rodeiam Saigão, os soldados «vietcongs» podem instalar-se para os bombardeamentos mortíferos para a cidade.

Para guardar todo o perímetro de Saigão, seria necessário colocar um soldado de cinco em cinco metros, o que requeria o total de vinte mil homens.

Os ataques aéreos são cada vez mais fortes e foi noticiado que o Vietcong está a usar um novo foguetão, um missil de 107 milímetros, que lhe foi fornecido pela China Continental.

O raio de acção destes mísseis não alcança os doze quilómetros, mas os seus efeitos são mais intensos do que os anteriores.

O general norte-americano William Westmoreland, antes de regressar a Washington, declarou prever que os bombardeamentos nocturnos vão continuar.

E a prova de que a situação não melhora veio de Tóquio: O Governo nipónico aconselhou 360 japoneses de Saigão a retirarem-se.

NOVOS BOMBARDEAMENTOS

SAIGÃO, 13 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong dispararam, ás primeiras horas de hoje, 20 granadas de morteiro contra uma instalação militar a 4 quilómetros ao norte do centro desta capital, largando fogo a um depósito de munições.

Contudo, um informador militar sul-vietnamiano disse que não se registaram vítimas em consequência do ataque, o unico que ocorreu durante a noite na área de Saigão.

O mais violento ataque da noite foi desencadeado contra a cidade de Phuoc Binh, a 105 quilómetros ao norte da capital, onde os guerrilheiros martelaram a área com 200 descargas de fogo de morteiro e lançaram, depois, um ataque por terra.

O ataque foi repelido, mas ignoravam-se as baixas sofridas pelos «vietcongs». O informador declarou que as baixas sul-vietnamianas foram ligeiras.

Por seu turno, um informador militar dos Estados Unidos anunciou que «B-52» americanos realizaram, ontem, três ataques contra concentrações de tropas norte-vietnamianas e do Vietcong e posições de artilharia na província de Kontum, nas montanhas centrais, perto da fronteira laociana.

Ian Smith inaugura, em Selous, uma competição de tiro ao alvo

GREVE FERROVIÁRIA NA ZÂMBIA

LUSAKA (Zâmbia), 13 — (A. N. I.) — O movimento de Caminhos de Ferro da Zâmbia está ameaçado de paralização, devido á greve dos ferroviários, tanto brancos como negros, que pedem rápida melhoria de salários.

Vários milhares de ferroviários abandonaram o trabalho em Lusaka, Livingstone, Kitwe e Broken Hill — as quatro principais cidades da Zambia.

O administrador-geral dos caminhos-de-ferro, Frank Lucarotti, reuniu-se com a comissão central dos serviços de caminhos-de-ferro, a fim de conseguir a rápida solução do diferendo.

Giusepp Saragat procederá a novas consultas para formação do Governo

ROMA, 13 — (F. P.) — A seguir ao malogro da tentativa de Mariano Rumor, secretário da Democracia Cristã, para solucionar a crise ministerial, assiste-se a uma situação paradoxal: o Governo demissionário de Aldo Moro, formado por uma coligação de centro-esquerda (democráticos cristãos, socialistas unificados e republicanos), obteve a maioria absoluta nas eleições legislativas de 19 de Maio.

No entanto, até agora, não houve possibilidade de constituir um Governo, devido á atitude do P. S. U., que recusa a sua participação, pelo menos até ao Congresso Socialista, em Outubro.

Tendo Rumor desistido da sua tarefa, o Chefe de Estado deve começar nova série de consultas, amanhã. Serão limitadas aos dirigentes e parlamentares dos partidos da Coligação, numa tentativa para encontrar uma plataforma.

Se estas consultas falharem, a crise poderá desembocar num eventual governo de técnicos e, talvez, em novas eleições legislativas.

DESORDENS RACIAIS NUMA CIDADE DO ALABAMA

PRITCHARD (Alabama), 13 — (F. P.). — Houve, ontem á noite, desordens raciais em Pritchard, cidade do Alabama que conta 48 000 habitantes.

Os negros locais pretendiam organizar uma marcha de apoio á «Campanha dos Pobres» que está a decorrer em Washington.

A respectiva autorização foi-lhes, porém, recusada pelo «mayor» Vernon Capps. Os negros decidiram então não só ignorar a recusa como incluir na manifestação um protesto contra os mais tratamentos e a discriminação racial de que são vítimas.

Algumas centenas de negros, acompanhados de um certo numero de brancos, entre os quais um pastor luterano, seguiram em cortejo para a Camara Municipal. Importantes forças da Polícia cortaram-lhes o passo, utilizando o «Mace», proluto químico tóxico que provoca o mesmo efeito, mas mais forte, que o gás lacrimogénio. Houve alguns feridos, tendo sido presos 150 manifestantes, incluindo o pastor branco. O «mayor» decretou o recolher obrigatório das 20 ás 5 horas da madrugada.

Morreram seis pessoas na queda do avião em Calcutá

CALCUTÁ, 13 — (R.) — Um avião a jacto de transportes, pertencente a uma companhia norte-americana despenhou-se e incendiou-se, ás primeiras horas de hoje, quando se preparava para aterrar nesta cidade, durante violento temporal, mas 57 das 63 pessoas que vinham a bordo foram salvas.

Três cadáveres carbonizados foram retirados dos destroços do gigantesco jacto «Boeing 707», que se despenhou num arrozal a cerca de quilómetro e meio do aeroporto de Dum Dum, após um voo de Banguecoque.

Três pesosas são dadas como desaparecidas.

O avião efectuava o voo de Tóquio-Londres numa viagem á volta do Mundo, de Los Angeles para Nova Yoork.

A Grã-Bretanha continuará a fornecer armas à Nigéria

LONDRES, 13 — (F. R.). — A Grã-Bretanha continuará a fornecer armas ao governo federal nigeriano e esforçar-se-á a favor de uma solução negociada da guerra civil, anunciou ontem Michael Stewart, secretário do Foreign Office, num debate da Camara dos Comuns acerca dos fornecimentos de armas britanicas á Nigéria.

Agora!

a nova BUSCH

COM 420 AGULHAS

e muitos outros aperfeiçoamentos, continua na vanguarda de todas as máquinas de tricotar.
Veja hoje mesmo a sensacional nova BUSCH nos nossos salões de exposição em LISBOA e PORTO e nos nossos revendedores autorizados.

SOC. REP. SIDA SUECA, LDA. * LISBOA: AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15D
PORTO: RUA DE SANTA CATARINA, 614

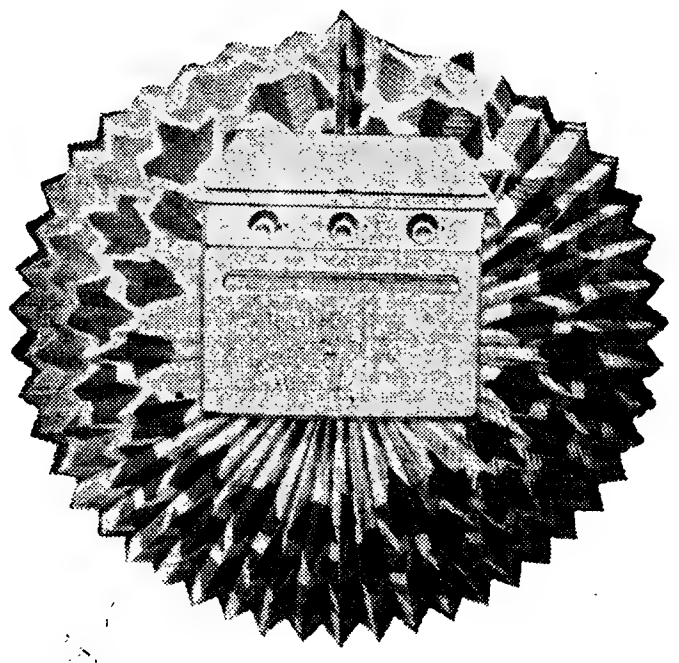
VEJA O STAND BUSCH NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ODACLA

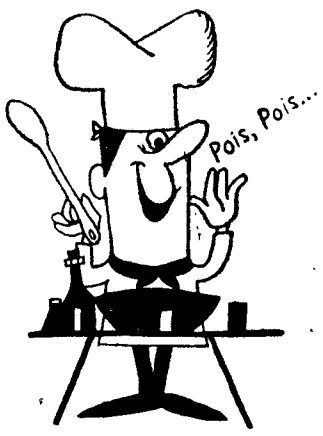
A MAIS ANTIGA MARCA DE FOGÕES A GAZCIDLA

campanha do

"SANTO" POPULAR



AGORA COMO HA 25 ANOS, ODACLA E GAZCIDLA, NA VANGUARDA



J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITORIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

* Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10

Telefones: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

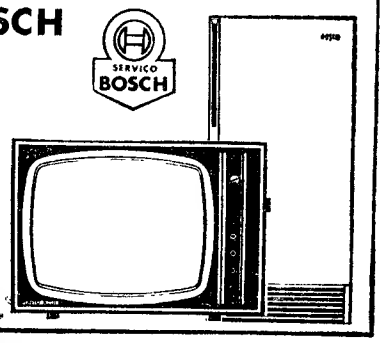
Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL

SERVIÇO BOSCH

JOMA

Blaupunkt

Venda e Assistência Tecnica



Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Junho de 1938 publicava:

«JERUSALÉM, 13 — Continua a falta de segurança em todo o território da Palestina. Assinalaram-se ontem novos incidentes no «pipe-line». A tropa conseguiu, na vizinhança de Safed, chegar a tempo para prender os malfeitores, tendo morto um. Numa batida, prendeu 6 suspeitos. À noite, um artífice judeu foi morto num bairro excêntrico de Jerusalém. Entre Tulharam e Naplusa um «táxi» foi atacado, ficando um viajante árabe gravemente ferido. Os terroristas tentam inutilizar as estradas estratégicas.»

— E o senhor ouve esse ruído irritante, quando a sua senhora não o acompanha?

CURIOSIDADES

● Escavadora comandada pela rádio

Uma fábrica japonesa de máquinas para a construção, apresentou, recentemente, a primeira escavadora do mundo para uso prático controlada pela rádio.

É do tipo vulgar, mas posui um aparelho especial de recepção do tamanho de uma mala — para o «contrôle» pela rádio; e pode ser comandada livremente por mio de ondas de rádio FM, emitidas por um transmissor através do receptor.

O manejo do quadro portátil de «contrôle», que pesa 1,6 kg, não necessita de habilidade nem causa qualquer fadiga. O âmbito de «contrôle» é de 100 metros a partir do transmissor. A escavadora pode também funcionar como qualquer outra manobrada pelo condutor.

● Novo medicamento contra o cancro

O médico alemão dr. Walter Meyerhoff julga ter encontrado um novo medicamento contra o cancro. Tratou, até agora, 207 pacientes com o novo preparado; e em 73 casos, entre eles diversos «sem esperança alguma», verificou sensíveis melhoras, e em mais 73 casos uma leve regressão do tumor. Em 61 pacientes o medicamento não teve efeito algum.

O dr. Meyerhoff trabalhou durante 13 anos no desenvolvimento do preparado, cujos ensaios científicos e experimentais foram feitos na Clínica de Medicina Veterinária em Munique. O medicamento, cujo elemento básico é um extracto de fígado animal, está a ser produzido por uma firma alemã e já foi autorizado pelo Ministério Federal da Saúde.

● A menina professora de Matemática

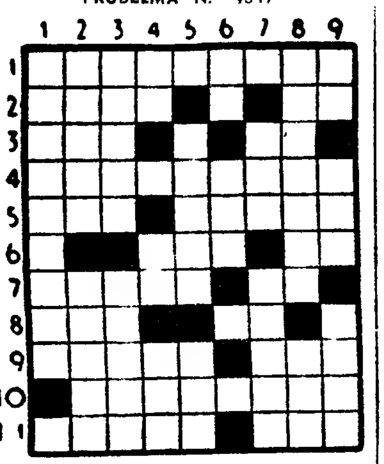
Vai agora, nesta época de exames, fazer acto de licenciatura na Universidade da Florida, em Boca Raton, a pequena de quinze anos, Edith Strn, que já é professora de Matemática na Universidade Estadual de Michigan.

Dotada de excepcional capacidade intelectual e raro pendor para as matemáticas, a prodigiosa Edith completou o curso liceal sem nunca o frequentar e o curso do Miami Junior College, em ano e meio.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N. 4847



HORIZONTAIS: 1 — Virtude da pureza. 2 — Língua vernácula indiana. Artigo definido. 3 — Escarneces. Viração. 4 — Respeitais (ant.). 5 — Cidade da África ocidental Francesa, Sudão, na margem do Níger. Espécie de tartaruga (Bras. 6 — Espaço de doze meses. O mais. 7 — Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça. Césio (s. q.). 8 — Ice. Preposição. 9 — Dispor em feixes (lenha) (prov. trasm.). Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 10 — Murcharias. 11 — Calculou. Ecoa.

VERTICAIS: 1 — Cravagem de centeio. 2 — Asa de brinco ou de arrecada (Açores). Primeira letra do alfabeto árabe, correspondente ao nosso A. 3 — O mesmo que sesgo (Prov. minh.). Borrifos. 4 — Basta. Em partes iguais. Espaço de doze meses. 5 — Nome de um planeta. Título honorífico na Índia. 6 — Preposição. Distrito da Índia portuguesa. 7 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Comeis á ceia. 8 — Mulheres da Dória. Sustento. 9 — Pertences. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Morada.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4846

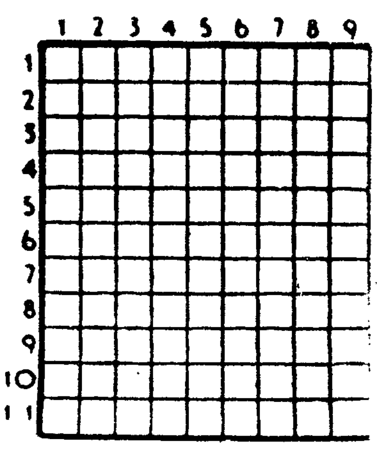
HORIZONTAIS: 1 — CADA. Suar. 2 — Rio. Santo. 3 — Ur. Dentas. 4 — Zás. Utara. 5 — Asas. Or. 6 — Lãs. As. 7 — Atlas. UM. 8 — Prato. Cró. 9 — Aaro. PEDE. 10 — Ria. Moral. 11 — Assoa. Asa.

VERTICAIS: 1 — Cruzar. PARA. 2 — Airas. Arais. 3 — Dó. Saltarás. 4 — Salto. O. 5 — SEU. São. Ma. 6 — SANTO. Pó. 7 — Untara. Cera. 8 — Atar. Sundas. 9 — Rasas. Moela.

Provérbio: CADA UM PEDE PARA O SEU SANTO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMAS N.º 8691



HORIZONTAIS: 1 — Progenitor. Suspiros. 2 — Golfo do Oceano Índico, entre a Arábia, as costas meridionais do planalto do Irão e o Indostão. 3 — Artigo definido. Sapo do Amazonas. Cobalto (s. q.). 4 — Ordem de aves com tarsos muito compridos. 5 — Superfície plana delimitada. Ilha situada no Pequeno Belt. 6 — Batráquio. O lado do vento. 7 — Lagoa do estado da Baía. Guarda segredo. 8 — Atropelaremos. 9 — Abreviatura de Santíssimo. Artéria. Nota musical. 10 — Cidade do Egipto. 11 — Perfumaro.

VERTICAIS: [illegible] da China a O. de Macau. Povoação da antiga Frígia, célebre pela batalha entre os generais de Alexandre Magno. 2 — Cortais com seerra. 3 — Preposição e artigo definido. Verdadeiros. Crómio (s. q.). 4 — Magnetiza um corpo. Irmão de Moisés. 5 — Pedra de altar. Mau. 6 — Elimina. Comera á ceia. 7 — Seguia. Assolam. Sufixo que designa estado. 8 — As maçarocas do milho depois de debulhadas. 9 — Costura. Parte do mundo a que pertence o Japão.

SOLUÇÃO DO PROGRAMA N.º 8690

HORIZONTAIS: 1 — Fura. Açor. 2 — Eras. Vara. 3 — Amorosa. 4 — Una. Até. 5 — Ló. Mil. El. 6 — Dá. As. 7 — For. Sal. 8 — Fa. Mac. Om. 9 — Irão. Atiá. 10 — Adir. Raro. 11 — Maré. Alas.

VERTICAIS: 1 — Fé. Uio. Fiam. 2 — Urano. Farda. 3 — Rama. Dó. Air. 4 — Aso. Mármore. 5 — Rui. 6 — Avó. Lascara. 7 — Casa. Sa. Tal. 8 — Orate. Loira. 9 — Rã. Ela. Mãos.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara 19 Esq. Telef. 32 06 61

Dr. Almada — [illegible] Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. Cirúrg. Operações — [illegible] e sáb. — 18 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar. Nar. Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estôm. Intest. Fígado — Doenças Ano-rectais. Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Fontoura Madureira — Rins [illegible] — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele. Sífilis — 15.30 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração. Electrocardiografia — 3.ª [illegible] sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras. Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª — 18.30 h. Sáb. 14.30 h.
Dr. [illegible] Mira Mendes — Clínica Geral. Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA

LISBOA

AVISO

Concurso Público para o Fornecimento de carnes Diversas e Salsicharia no 2.º Semestre de 1968

Encontram-se patentes nos Serviços Gerais e Económicos desta Maternidade, em todos os dias uteis das 9 ás 12 h. e das 14 ás 17.30 horas, as condições de admissão e fornecimento do concurso em epígrafe.

As propostas, que deverão ser feitas em papel selado e entregues nos referidos Serviços até ás 17 horas do dia 19 de Junho corrente, serão abertas pelas 15 horas do dia 20 seguinte.

Pela Comissão Instaladora.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L.

95, Rua Nova do Almada 97

LISBOA

MÁQUINAS DE TRICOTAR

Concede-se a Agência da melhor marca mundial nas zonas concelhias ainda disponíveis. Resposta ao Apartado 1421 Lisboa.

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTIGIO MUNDIAL

Notariado Português

1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo do notário

Luís Martins de Campos Ferreira

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de um do corrente mês, exarada desde folhas cinco verso, a oito, do livro numero A-cento e cinquenta, de escrituras diversas deste Cartório, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação «Sociedade de Decorações e Publicidade (Décor), Limitada», com sede e domicílio em Lisboa, na Avenida Álvares Cabral, numero quarenta e seis, alterou parcialmente o seu pacto social, eliminando a alínea b) do artigo oitavo, e dando nova redacção aos seus artigos primeiro, quarto, sexto e ao parágrafo único deste nos termos seguintes:

Artigo Primeiro — A sociedade continua a ter a denominação de «Sociedade de Decorações e Publicidade (Décor), Limitada», e a sede e domicílio em Lisboa, na Avenida Álvares Cabral, numero quarenta e seis, rés-do-chão, esquerdo.

Artigo Quarto — O capital social é de cem mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro, acha-se representado pelos diversos valores sociais constantes da respectiva escrita, e dividido em quatro quotas, uma de trinta mil escudos pertencente á sócia D. Maria do Carmo Cardoso Nunes Rezende; uma de trinta mil escudos pertencente á sócia D. Fernanda Licínia Romeu da Silveira Menezes; uma também de trinta mil escudos da sócia Dr. D. Cândida Preciosa Monteiro Reinas dos Santos Martins; e uma de dez mil escudos do sócio Angelo Peixoto de Almeida.

Artigo Sexto — Todos os sócios são gerentes, dispensados de prestar caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo Único — Para obrigar a sociedade é necessária a intervenção de dois gerentes, que, no entanto, não poderão comprometê-la em actos de favor ou estranhos aos negócios sociais.

Está conforme ao original, e declara-se que na parte omitida, nada há em contrário, ou além do que aqui se narra ou transcreve.

Lisboa, cinco de Junho de mil novecentos e sessenta e oito.

O AJUDANTE

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS

Juro da lei

RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2.º

TELEFNS. 52248-556580

JEAN MARIE GRIS

MISSA DO ANIVERSÁRIO

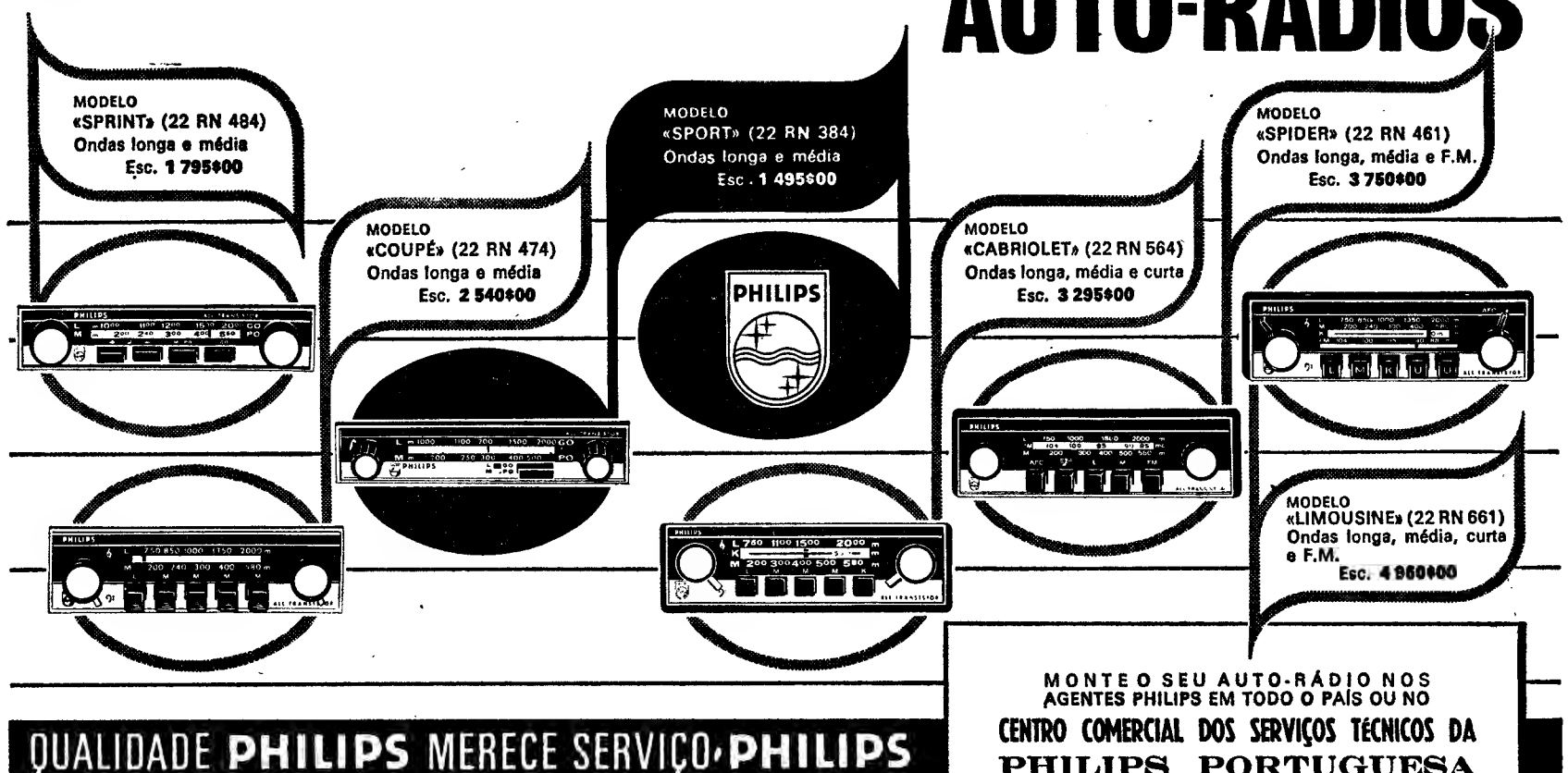
O Conselho de Administração e demais Corpos Gerentes de Gris, Impressores, S. A. R. L., participam que será rezada missa por alma do seu colega de administração Jean Marie Gris, amanhã, ás 9 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira e, ás 17 horas, na Igreja de Cacém.

P. N. A. M.

AVENTURAS DO TIO CARLOS

PHILIPS

30 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE AUTO-RÁDIOS



MONTE O SEU AUTO-RÁDIO NOS AGENTES PHILIPS EM TODO O PAÍS OU NO

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA
PHILIPS PORTUGUESA
AV. LUÍS BIVAR, 65-A ★ AV. PINHEIRO CHAGAS, 66
TELEFONE 56 02 00—LISBOA

QUALIDADE **PHILIPS** MERECE SERVIÇO **PHILIPS**

alcatifas
LIDER
COURTELLE

Convite

A COMPETIDORA MAIENSE tem a honra de os convidar para uma visita ao stand 93/94 na FIL *onde se encontra em exposição a nova alcatifa* **LIDER 101** *tipo* TWIST — 100 % COURTELLE.

Esta extraordinária alcatifa é de tal concepção, que nem os mais pesados móveis a conseguem marcar.

A COMPETIDORA MAIENSE

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOTRUFE» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA
Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361805 - 322113

CORTADORAS

«OMAS» E «REGINA»

MODERNAS ROBUSTAS PERFEITAS

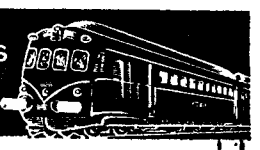
VISITE O
STAND 455/458
PAVILHÃO E
FEIRA
INTERNACIONAL
DE LISBOA

UTILMÓVEL

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
LISBOA ● TEL. 36 24 23 - 32 57 01 - 37 09 89

PORTO — COIMBRA — FARO — CACÉM — SANTARÉM — SETÚBAL — AVEIRO — MADEIRA — AÇORES

A CP DESEJA-VOS
UMA BOA VIAGEM



EXCURSÃO DO DIA 16 DE JUNHO

LISBOA a ABRANTES, ROSSIO AO SUL DO TEJO, ALFERRAREDE, CHÃO DE CODES, CHÃO DE LOPES, AMÊNDOA, VILA DE REI, SERRA DA MILRIÇA, PENEDO FURADO, SARDOAL, ABRANTES e volta

(COMPREENDENDO O TRANSPORTE EM COMBOIO FIAT (AR CONDICIONADO), CIRCUITO TURÍSTICO RODOVIÁRIO E ALMOÇO)

Preço em 1.ª classe..... 205$00

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(Preço em 1.ª classe)

LISBOA a ABRANTES e volta..... 70$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (ROSSIO), NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS, NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES (RUA DO ARSENAL, 124) E NOS DESPACHOS CENTRAIS DO CAMINHO DE FERRO, EM LISBOA

DESPORTO

O Benfica (por 720 contos) joga hoje em Vicenza (Itália)

VICENZA (Itália), 13 — No estádio «Romeo Menti» desta cidade, realiza-se hoje o anunciado encontro particular de futebol entre as equipas do Lanerossi Vicenza e do Sport Lisboa e Benfica. Embora os cmpeões portugueses não apresentem duas das suas mais famosas «estrelas» — Eusébio e Torres — o encontro está a ser aguardado com muito interesse pelo publico local.

A partida inicia-se ás 21 e 30 h. (20 e 30 h. portuguesas) e os técnicos benfiquistas anunciaram a seguinte formação: Nacimento; Cavém, Raul, Jacinto e Cruz; Ferreira Pinto e Coluna; Jaime Graça, José Augusto, Nelson e Simões.

O clube português recebéu, pela vinda da sua equipa, a importância de 25 mil dólares.

«Sprints» curtos

- O campeão mundial de ciclismo, Eddy Merkx, acaba de confirmar a sua decisão de não participar na «Volta á França».
- O comité organizador da «Volta a Tarragona, a mais antiga prova por etapas que se celebra em Espanha, anunciou o início daquela corrida para o dia 26 do corrente com a participação de equipas inglesas, portuguesas e espanholas. A prova terá a duração de cinco dias com partida de Tarragona e chegada a Rens, e um total de 639 quilómetros.
- A «Volta á Catalunha» disputar-se-á de 8 a 15 de Setembro com as seguintes etapas: *Dia 8* — Tona Vilafortuny; *Dia 9* — Vilafortuny-Támga; *Dia 10* — Támga-Viella; *Dia 11* — Viella-Trenys; *Dia 12* — Trenys-Vich; *Dia 13* — Vich-Figueras e Figueras-Rosas (contra-relógio); *Dia 14* — Rosas-Caldetas; *Dia 15* — Caldetas-Barcelona.
- A Holanda já decidiu a composição da sua equipa para a «Volta à França»: Zilverberg, Vander Vleuten, Duyndam, Jansen, Wagtmans, Stuvens, Bengels, Schepers, Vianen e Den Hartog.
- Para a «Volta do Futuro», a Suíça escolheu o seguinte grupo: Bielley, Rennhard, Rup, Spahln e Tahlmann.
- A droga «anfetamina» foi rigorosamente proibida na Volta à Itália e todo o ciclista que se comprovasse que a tomava seria imediatamente desclassificado. Em contrapartida estavam autorizados outros estimulantes, como o álcool, o café, simpatina e derivados. Recordamos que a aufetamina foi a droga que causou a morte a Tom Simpson, no «Tom» do ano passado.

HÓQUEI EM PATINS

Na primeira jornada do torneio para juvenis promovido pelo C. A. C. O., verificaram-se as seguintes marcas finais: Paço de Arcos - J. Salesiana-B, 4-1; Cascais - J. Salesiana-A, 2-7; e Benfica-Oeiras, 1-1.

No próximo sábado, a prova prossegue com os jogos: J. Salesiana-A - Oeiras, J. Salesiana-B - C. U. F. e Cascais - Parede, no rinque do clube organizador, a partir das 21 h.

GRANDE ANIMAÇÃO NO GOLFE DAS TERMAS DO VIMEIRO

MACEIRA, 13 — Tiveram grande animação as provas de golfe aqui realizadas no ultimo fim de semana.

O Hotel Golf Mar registou uma enchente de turistas nacionais e estrangeiros e cerca de 40 jogadores de golfe disputaram, nos dias 9 e 10, cinco taças e várias medalhas na modalidade de «Stableford», e quase todos sofreram penalizações nas saídas 1, 7 e 8, devido ao efeito psicológico causado pelo rio e outros obstáculos existentes que torna estes buracos muito difíceis. Também o buraco 9, que é lindíssimo apesar de curto, é muito difícil para «par» 3.

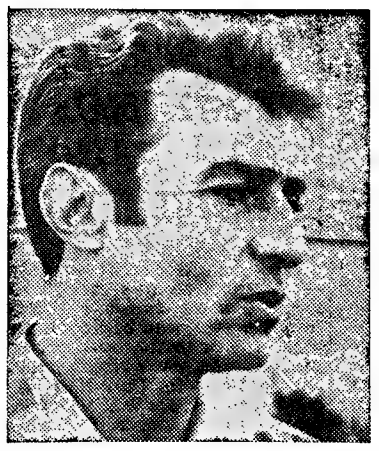
Os prémios foram ganhos pelo sr. dr. Francisco Olazabal, do Club de Espinho, que foi a grande vedeta com 2 primeiros lugares, jogando em dois dias 36 buracos para «handicap» de 5, sendo um 9 de «handicap», e pelos srs. engs. Francisco Boaventura, Stalo Violante, Fernando Nicolau de Almeida, Manuel Peixoto, Ireneu Pais, Pedro Viterbo, Perry Sampaio, Alfredo Alhinho, dr. Lima Alves, Pedro Loureiro, Eurico de Freitas, Pedro António Pitta e Rui Palma.

Nos próximos sábado e domingo, caso haja um mínimo de 10 concorrentes, disputar-se-ão taças e medalhas, que serão atribuídas aos primeiros, segundos e terceiros classificados, também na modalidade de «Stableford».

Os «greens» continuam sendo os melhores do País e já foi eliminada a passagem de barco entre as duas margens do rio, efectuando-se agora a ligação através duma «passereille».

GINÁSTICA

Inicialmente marcadas para o dia 30 do mês corrente, foram adiadas para 18 de Julho as provas de selecção olímpica, em ginástica, que se realizam no ginásio do Liceu de Pedro Nunes.



COSTA PEREIRA: estreia, como técnico, numa equipa da 1.ª divisão

FUTEBOL NO MUNDO

BRASIL, 4-URUGUAI, 0

O Brasil conquistou a taça «Rio Branco» ao vencer o Uruguai, no Rio de Janeiro, por quatro golos sem resposta. Ao intervalo, os brasileiros já tinham marcado um golo.

ITÁLIA

A tnrma da Portuguesa dos Desportos (do Brasil) empatou a um tento com a equipa italiana do Fiorentina, após um encontro amigável disputado em Florença. Os golos foram marcados (aos 5 minutos) por Levina, a favor dos fiorentinos, e aos 79 minutos, pelo brasilciro Amarildo, avançado do «team» transalpino.

*

O Santos (do Brasil) derrotou a noite passada, por 2 a 0, o Alessandria, uma equipa da III Divisão italiana.

Os golos foram marcados (aos 3 minutos) por Pelé e (aos 12 minutos) por Toninho.

SUÍÇA

Em desafio de desempate a contar para o título de campeão da Suíça de futebol, o F. C. Zurique venceu o Grasshopers, de Zurique, por 2-0.

Três equipas disputam a volta final para a atribuição do título: F. C. Zurique, Grasshopers e F. C. Lugano.

Deverão jogar-se ainda os seguintes encontros: Lugano - Grasshopers e F. C. Zurique-Lugano, respectivamente a 19 e 20 do corrente, em Lausana.

*

A equipa brasileira do Santos venceu a do Hamburgo por 4-1 (2-1, ao intervalo) num encontro de futebol contando para o 3.º lugar do Torneio Internacional de Juniores que se realiza em Constança.

Amanhã, disputar-se-á a final: entre o Estrela Vermelha (de Belgrado) e o Eintracht (de Francfort).

MANUEL ANTÓNIO: regresso a COIMBRA

Num encontro entre os dirigentes da Académica e do F. C. Porto tudo ficou resolvido: Manuel António, o possante avançado que se notabilizou na equipa coimbrã transitando depois para o F. C. Porto (onde não conseguiu, totalmente, o êxito que se lhe aguardava) vai voltar a Coimbra e à Académica.

Anulada, por outro lado, a hipótese da saída de Artur Jorge, os estudantes vão ficar com três «pontas-de-lança» de boa experiência e categoria: Artur Jorge, Ernesto e Manuel António.

COSTA PEREIRA TREINADOR DO DESP. CUF

• FERNANDO VAZ assinou novo contrato com o VITÓRIA DE SETÚBAL

O Grupo Desportivo da C. U. F. acaba de resolver o problema de treinador das suas equipas de futebol, em relação á próxima época. A escolha recaiu em Costa Pereira, antigo e famoso guarda-redes, que tem estado a dirigir as escolas de futebolistas do Benfica.

Costa Pereira, que tanto nesta ultima função como na de colaborador do «Diário de Lisboa», ou, ainda, na de comentador radiofónico, se tem mantido ligado ao futebol, inicia assim uma nova e importante etapa da sua carreira, orientando uma equipa da 1.ª Divisão nacional.

FERNANDO VAZ: uma carreira repleta de êxitos, que vai continuar em Setubal

Fernando Vaz continua em Setúbal

Apesar das tentadoras ofertas que lhe foram dirigidas, nomeadamente por clubes espanhóis, Fernando Vaz continua no Vitória de Setubal. O categorizado técnico assinou ontem o contrato que o vincula (pela sexta época consecutiva!) ao clube setubalense, o que é elucidativo sobre a compreensão e mútuo apreço que têm unido treinador e colectividade.

EDDY MERCKX venceu o «Giro»

Classificação geral e final da Volta á Itália em Bicicleta:

1.º, Eddy Merckx (Bélgica 108 h. 42 m 27 s.; 2.º, Vittorio Adorni (Itália) a 5 m. e 1 s.; 3.º, Felice Gimondi (Itália) a 9 m. 5 s.; 4.º, Italo Zilioli (Itália) a 9 m. 17 s.; e 5.º, Willy Van Neste (Bélgica) a 10 m. e 43 s.

RÂGUEBI

O primeiro título nacional ganho pelo grupo de Direito

Parabéns, Caetano Nunes!

Parecerá estranho iniciarmos uma crónica de râguebi com as felicitações a alguém que está a mais de três mil quilómetros de distância. Entendemos, porém, que devemos, primeiro que tudo, felicitar o homem que idealizou a formação de um grupo de râguebi na Faculdade de Direito. Mais tarde, a equipa deixou de ser exclusiva dos futuros advogados, mas manteve a designação. Estudantes de Engenharia e Medicina fizeram parte de famosos «quinzes» que, sob a orientação do dr. Américo Caetano Nunes, marcaram época. A agremiação, que se notabilizara por uma tipica inconsequência estudantil, ganhou termos de ordem e método com a chegada dos comandos de Duarte Leal, Simonetti e Rui Fernandes. Começou-se, praticamente do princípio: e «Direito» passou ter Juniores e Juvenis. Os seus representantes nestas categorias mantiveram bem altos os créditos do clube e assinaram exibições tècnicamente superiores: algumas vezes mais belas do que as da primeira categoria. Soube insuflar-se a mística do jogo nos jovens que começavam. De tal modo que nem eram necessários avisos: todos os jogadores sabiam as horas e locais dos jogos e treinos, comparecendo, sem qualquer falta.

E as equipas de jovens revelaram-se. A de Juniores ficou em segundo lugar no «Nacional» da categoria, e a de Juvenis ganhou, brilhantemente, o «Nacional»: á frente da Académica e do Benfica, tendo perdido, em ambas as fases, apenas dois encontros.

É o primeiro título nacional que o Grupo Desportivo de Direito conquista e por ter sido na categoria de Juvenis, ficará a constituir aval para um futuro brilhante.

É de esperar, agora, que os antigos jogadores dos «advogados» (e os advogados que não tenham sido jogadores) queiram ajudar o G. D. de Direito, fazendo-se seus sócios ou oferecendo-lhes material para treino e jogo.

Que simpático seria se um grupo de advogados (ou só um deles, como já aconteceu) oferecesse um jogo completo de equipamento dos Juvenis «A» e «B» que na próxima época serão Juniores!

PATRÍCIO ALVARES

FUTEBOL
ESTÁDIO NACIONAL
DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 1968
Às 15.30 horas
LISBOA-MISTO DA PROVÍNCIA
(Juniores de 1968/69)
Às 17 horas
FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL
F. C. PORTO-VITÓRIA FUTEBOL CLUBE (Setúbal)

Preços dos bilhetes:

BANCADA CENTRAL	50$00
BANCADA LATERAL	35$00
CABECEIRAS	15$00

LOCAIS DE VENDA

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL
Praça Marquês de Pombal, 16-2.º — (das 10 às 13 e das 15 às 19 horas e aos sábados das 10 às 12,30).

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA
Travessa da Trindade, 25-3.º — (das 10 às 13 e das 15 às 19 horas e aos sábados das 10 às 12,30).

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DO PORTO
Rua de José Falcão, 124 — (das 9,30 às 12,30, das 15 às 19 e das 21 às 24 horas)

NAS SEDES DOS DOIS CLUBES FINALISTAS E NAS AGÊNCIAS HABITUAIS

Espectáculo para maiores de 6 anos

DESPORTO

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Editado pela Federação Portuguesa de Futebol, acaba de publicar-se um actualizado estudo sobre as regras de futebol, da autoria do prof. Marques de Matos, intitulado «Noções elementares das leis do futebol» e que é um continuado do trabalho do autor em prol do «desporto rei» e das coordenadas que o regem.

*

Organizado pelo Clube Atlético de Queluz, está a realizar-se no campo de jogos daquela colectividade um torneio de futebol de salão, em que 89 equipas de (Queluz, Amadora e Lisboa) tomam parte, e que deverá prolongar-se até ao mês de Outubro.

Promoções entre os juniores do Sporting da Covilhã: Seco, Franquelim, Gama Mota, Leitão, Evaristo, Pinto, Dias, Nicolau, Paulino e António Manuel ingressam no grupo profissional dos «leões da serra».

*

De 17 a 19 do corrente, no I. N. E. F. (Quinta da Graça — Cruz Quebrada), realiza-se um estágio de futebolistas juniores, com vista á provável selecção nacional da categoria que será chamada a provas na próxima temporada.

NO BRASIL: O «MUNDIAL» DO PENTATLO MILITAR

RIO DE JANEIRO — (A. N. I.) — Anuncia-se que, de 22 do corrente a 8 de Julho, efectua-se no Brasil o vigésimo campeonato mundial de pentatlo militar, com a participação de quinze países, patrocinado pelo Conselho Internacional do Desporto Militar e o primeiro Campeonato Sul-Americano de Pentatlo Militar, com a participação de cinco países, patrocinado pela União Desportiva Militar Sul-Americana.

O PUGILISMO PODE IR AOS JOGOS OLÍMPICOS!

Ainda que a representação nacional aos Jogos Olímpicos do México seja das mais fracas de sempre, há, no entanto, uma modalidade olímpica, realce-se, que tem provado possibilidades de dar uma boa representação.

Trata-se do pugilismo.

Em Abril último, quando do Lisboa-Salamanca, ganhámos, 4-3, a uma autêntica selecção pré-olímpica de Espanha. Agora, os jovens do Porto (alguns não têm uma dezena de combates) venceram a selecção da Galiza, por 6-4. Veja-se uma selecção de uma cidade, ou melhor de um clube, o F. C. Porto, contra a de toda uma província. Em dez combates os portugueses ganharam seis.

Conhecendo-se o alto nível do pugilismo amador espanhol, que este ano já venceu as selecções nacionais da Itália, da Grécia, do Líbano e da Escócia, estas consecutivas vitórias são prova iniludível da categoria dos nossos pugilistas.

O próprio Inácio Ara o notou e estranhou que não tivéssemos ninguém em preparação para os Jogos Olímpicos.

Realmente, com Martinho Cunha (Porto), Costa Rodrigues (Benfica), Carlos Almeida (Benfica) e Manuel Antunes (Sporting), poder-se-ia, com uma preparação, a sério, de três meses (Julho, Agosto e Setembro) sob a direcção do prof. Silva Marques, professor de ginástica, especialista em pugilismo, fazer com que estes quatro elementos atingissem o nível de resistência física imprescindível a uma competição olímpica.

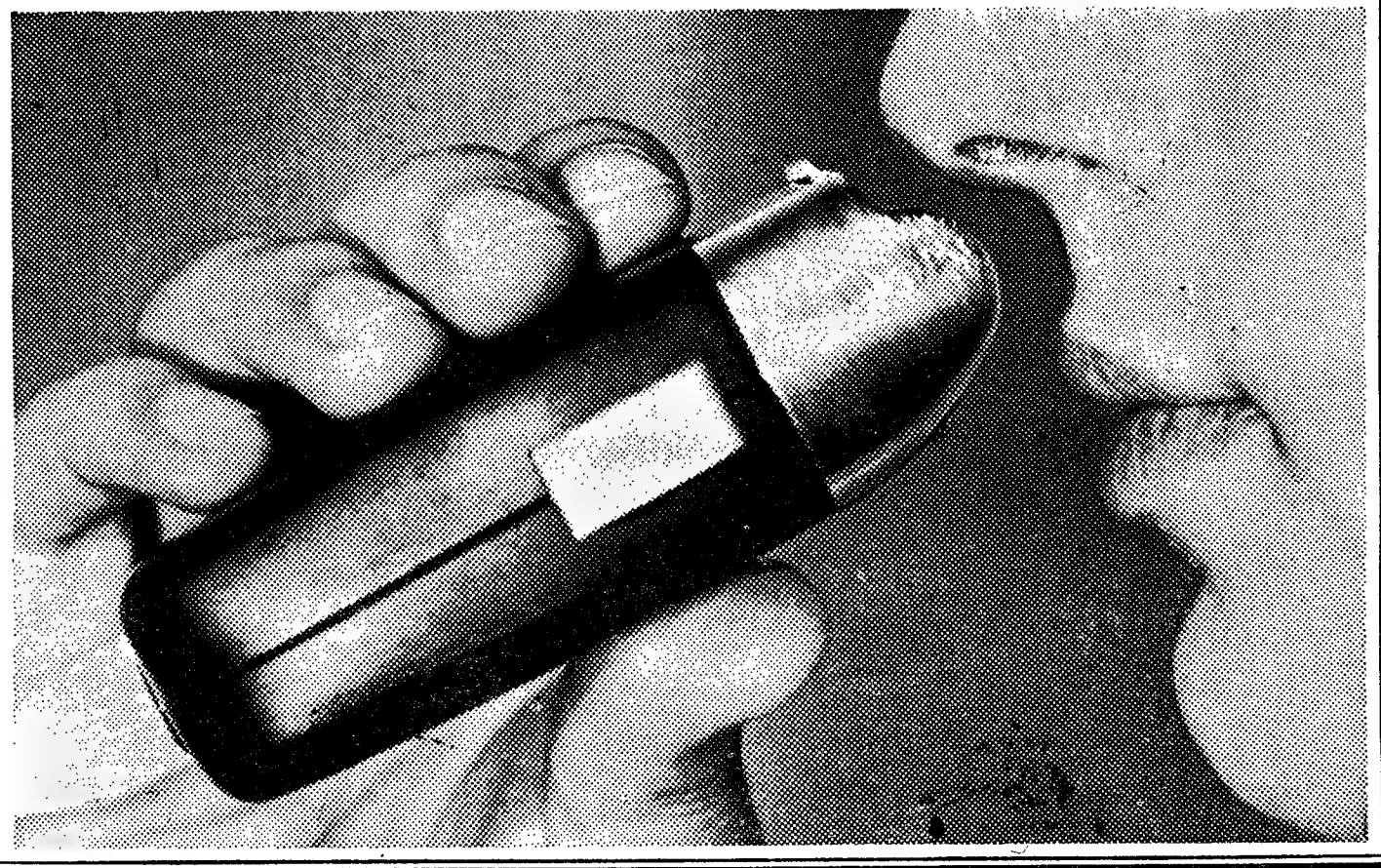
A BRAUN AINDA CORTA

Sabemos que faz a barba todas as manhãs mas mesmo assim convidamo-lo a experimentar a BRAUN, no nosso stand da Feira das Indústrias. Mesmo com a barba que fez de manhã verificará como a BRAUN ainda corta.

Visite o Stand Rádio Indústrias da F. I. L. Pavilhão Central — Junto ao Cinema.

FAÇA A BARBA — FAÇA O TESTE
ESCREVA O SEU COMENTÁRIO
OS 10 MELHORES COMENTÁRIOS
GANHAM 10 MÁQUINAS DE BARBEAR
GRÁTIS

BRAUN
PREMIADA EM 7 TESTES INTERNACIONAIS



O alemão Jupp Elze (vencido por K. O. técnico) recolheu ao hospital

COLÓNIA, 13 — (F. P.) — O pugilista italiano Carlos Duran, campeão da Europa dos pesos «médios», conservou o seu título ao bater o alemão (de Oeste), Jupp Elze, por K. O. técnico ao 15.º assalto, no combate que se realizou ontem á noite no Palácio dos Desportos de Colónia a que assistiram 5500 espectadores.

Jupp Elze teve um desfalecimento e foi transportado para uma clínica desta cidade.

O desfalecimento de Jupp Elze verificou-se depois da cerimónia que consagrou, no ringue, a vitória de Carlos Duran e na qual participou Elze. Os médicos presentes aplicaram-lhe imediatamente oxigénio mas, perante o estado do pugilista, fizeram-no transportar para uma clínica.

O estado do pugilista alemão Jupp Elze, de 28 anos, é crítico. A sua vida estaria mesmo em perigo.

O BRAGA EM ESPANHA

O jogo que o Sporting de Braga disputará em Orense, com o clube local e que em princípio esteve marcado para hoje, foi adiado para o dia 27, por ocasião das festividades da cidade espanhola. Quanto á deslocação dos minhotos a França, a data não foi ainda decidida em definitivo.

«RALLYE» RAINHA SANTA

A 29 e 30 do corrente, organizado pelo Clube Automóvel do Centro e subsidiado pelo Automóvel Clube de Portugal, realiza-se, em Coimbra, o «IX Rallye Rainha Santa», prova automobilística que conta para o campeonato nacional de «rallyes» da corrente época.

O «rallye» consta de uma prova de estrada e outra complementar, que apenas terá valor para desempate. Os carros que podem concorrer têm de estar incluídos no agrupamento «turismo» (um mínimo de 800 cm³) e «grande turismo e desporto». As inscrições efectuam-se na sede do Clube Automóvel do Centro, Comissão Municipal de Turismo de Coimbra e na sede ou delegações do Automóvel Clube de Portugal.

ADIADO O RALLYE VOLKSWAGEN

Por determinação superior, a que são alheios o Grupo Desportivo do Pessoal da Sociedade Comercial Guérin e do Sporting Club de Portugal, foi adiado para o próximo mês de Julho o «Rallye Nacional Volkswagen.

DESPORTO

TAÇA NACIONAL DE JUVENIS

Sporting, 3-Olhanense, 0
F. C. PORTO, 0-LEIXÕES, 0

■ **Os «leões» qualificaram-se para as meias-finais; o «teimoso» empate entre as equipas do Porto e do Leixões cria um «caso» não previsto no Regulamento**

Disputaram-se, esta manhã, os jogos de desempate da Taça Nacional de Juvenis entre o F. C. Porto e o Leixões, no campo do Bessa, e entre o Olhanense e o Sporting, em Évora, no Campo Estrela. No primeiro daqueles encontros, o empate subsistiu, mesmo após o prolongamento, criando uma situação não prevista no regulamento da prova, e que a F.P.F. irá agora resolver. O Sporting venceu o Olhanense por 3-0 qualificando-se para as meias-finais da competição.

O triunfo do Sporting

No Campo Estrela, em Évora, defrontaram-se as equipas do Sporting e do Olhanense, sob a direcção do árbitro Mário Alves, de Beja.

SPORTING — Urmal; Nobre, Dias, Miranda e Mendes; Capeto e Perdigão; Armando Luís, Góis, Celestino e Eduardo Jorge.

OLHANENSE — Aleluia; Tales, Carlos José, Martins e Chanão; Fona e Maurício; Filinto, Pestana, Cajuda e Poeira.

Ao intervalo o Sporting ganhava já por 2-0. O primeiro tento resultou de um lance infeliz do defesa algarvio Carlos José, que introduziu a bola na sua própria baliza, aos 4 minutos de jogo. O segundo golo foi marcado por Celestino, aos 27 minutos, tendo Góis obtido o terceiro tento, quando iam decorridos doze minutos da segunda parte.

Salientaram-se, no Sporting, Capeto, Perdigão e Eduardo Jorge; no Olhanense, Chanão, Carlos José e Pestana.

O empate Porto-Leixões

No campo do Bessa, no Porto, as equipas alinharam:

LEIXÕES — Tibi; Salvador, David, Alberto e Cruz; Amaral e Sá Pereira; Pinto, Armando, Carlos e Eduardo.

PORTO — Matos; Ferraz, Monteiro, Sá e Teixeira; Marques e Machado; Ratinho, Soeiro Correia Dias e Neves.

O primeiro tempo foi de nítido ascendente do F. C. Porto, a jogar com mais velocidade e mais afoiteza, pelo que conseguiu maior numero de situações críticas e perigosas para o Leixões. Este apresentou-se com cautelas demasiadas, sem se aventurar. Das oportunidades criadas pelos «azuis-brancos», a mais flagrante foi aos 29 minutos, em que Correia Dias atirou junto a um poste, quando em excelente posição de marcar.

No segundo tempo, o Leixões foi a melhor equipa, especialmente em abnegação e esforço.

O F. C. Porto, nesta parte, jogou muito desligado. Mesmo assim, perdeu excelente oportunidade, de novo por Correia Dias (ao 12 minutos). Mas, o Leixões teve desta feita mais oportunidades perdidas, especialmente aos 32 minutos, quando o seu avançado-centro corria isolado para a baliza e foi travado em falta á entrada da área.

Na segunda parte, o Porto substituiu Sá, Ratinho e Neves por Vítor, Aníbal e «Tarzan», mas isso não deu a frescura que se poderia esperar. E o tempo regulamentar foi atingido com o marcador em branco.

No prolongamento, os grupos igualaram-se. A mais flagrante oportunidade foi perdida pelo Porto, a dois minutos do final, quando Aníbal bateu o próprio guarda-redes e atirou para a baliza deserta, mas David, acorrendo com boa visão, salvou sobre a linha de golo.

*

Com início ás 18 horas defrontam-se hoje, em Portalegre, as equipas do Portalegrense e do Benfica, em jogo da 2.ª «mão» No primeiro encontro, em Lisboa, os benfiquistas triunfaram por 3-0.

«O ATLETA CÓSMICO»

— participação de SALVADOR DALI nos JOGOS OLÍMPICOS

BARCELONA, 13 — (A. N. I.) — Ao pintor catalão Salvador Dali foi encomendado um quadro — «O Atleta Cósmico» — que o Comité Olímpico espanhol vai expor nos Jogos Olímpicos do México.

Um informador do Comité declarou que o quadro, com 1 metro e 80 por 1 metro e 30, será apresentado no decurso das sessões culturais, que se realizam em coincidência com os Jogos, na cidade do México.

BASQUETEBOL

O SPORTING VENCEU O NACIONAL

A concluir a fase preliminar da Taça de Portugal, em basquetebol, o Sporting venceu o Nacional, ontem á noite, por 82-27.

Sob a arbitragem de António Atanásio e Ângelo Salgado, as equipas linharam e marcaram:

Sporting — *José Mário (15), Edgar (1), Sousa (5), Valente (12), Encarnação (8), Sobreiro (5), José Augusto (14), Mesquita (2), Guimarães (6) e Martins (14).*

Nacional — *Miguel Silva, Leite (1), Sérgio, Alfredo (10), Pito (1), Pombo (5), Levi, Encarnação, Rogério (10) e Edmundo.*

Ao intervalo: 37-17.

NATAÇÃO

RESULTADOS DO TORNEIO «NADADOR COMPLETO»

Na piscina do Algés e Dafundo disputaram-se esta manhã as provas da segunda e ultima jornada do torneio do «Nadador Completo». Os vencedores foram os seguintes:

Infantis (femininos), *100 metros costas — Ana Paula Gomes Lopes (C. N. N.), 1 m. 51,7 s.*

100 m bruços — A mesma nadadora em 1 m. e 58 s.

Infantis (masculinos) *33 metros mariposa — Luís Maria da Silva (Algés), 27,6 s.*

100 m costas — O mesmo nadador em 1 m. e 15,1 s.

Juvenis (femininos) *100 metros costas — Ana Cristina Patacas (Algés), 1 m. e 26 s.*

100 metros mariposa — Isaura Martins (Algés), 1 m. e 33,5 s.

Juvenis (masculinos) *100 metros bruços — Francisco Ferreira Alves (Algés), 1 m. e 31,1 s.*

100 metros livres — O mesmo nadador em 1 m. e 04,6 s. (o melhor de todos os tempos nesta prova).

Juniores (femininos) *100 metros costas — Graça Guedes da Silva (Algés), 1 m. 28, 6 s.*

100 metros mariposa — A mesma nadadora em 1 m. e 31,7 s.

Juniores (masculinos) *100 metros bruços — Mário Bebiano (C. N. N.), 1 m. e 24,1 s.*

100 metros livres — Fernando Silva Jorge (Algés), 1 m. e 5 s.

Seniores (femininos) — *100 metros costas — Maria do Céu Castelo Branco (Algés), 1 m. e 23,4 s.*

100 metros mariposa — Ana Maria Gaspar Monteiro (Algés), 1 m. e 27,4 s.

Seniores (masculinos) — *100 m bruços — Joaquim Ferreira Alves (Algés), 1 m. e 25,9 s.*

100 metros livres — João Repas Gonçalves (Algés), 1 m. e 5 s.

Foram proclamados vencedores do torneio, nos infantis — Ana Gomes Lopes (Nacional) em 6 m. 23 s. e Luís Black da Silva, 5 m. 39,6 s.; Juvenis — Ana Cristina Patacas, em 5 m. e 59,9 s. e Francisco Ferreira Alves em 5 m. e 5 s.; juniores — Graça Maria Gucdes da Maia, em 5 m. e 48,3 s. e Carlos Manuel Monteiro da Silva em 5 m. e 13 s.; seniores — Ana Maria Gaspar Monteiro em 5 m. e 49,3 s. e João Repas Gonçalves em 4 m. e 57,5 s. (todos do Algés).

MANUEL DE OLIVEIRA: «VISTO» PARA AS OLIMPÍADAS

Em excelente forma, o sportinguista Manuel de Oliveira acaba de realizar na capital francesa, marca que lhe assegura a presença nos Jogos Olímpicos a efectuar no México. Correndo a prova de 3000 metros obstáculos, em luta com valores da índole dos franceses Texereau, Bontroux e Villain, do belga Van Butsel, do suíço Menet e do hungaro Jony, o campeão português reeditou o tempo conseguido em Tóquio, nas ultimas Olimpíadas: oito minutos e quarenta segundos.

Magnífico, sem sombra de dúvida, este brilhantíssimo êxito do corredor leonino. Superando o mínimo selectivo estabelecido pela Federação Portuguesa de Atletismo, Manuel de Oliveira é — neste momento e para já — o primeiro atleta português a tomar lugar na embaixada desportiva para o México.

Hoje, o campeão Manuel de Oliveira toma parte numa prova de cinco quilómetros em que, entre outros adversários, terá a seu lado o fabuloso australiano Ron Clark, recordista mundial da distancia. Se o nosso representante (que tem seguido rigorosa preparação sob as ordens do técnico e seleccionador nacional Mário Moniz Pereira) não acusar o esforço dispendido nos três mil metros obstáculos, talvez Manuel de Oliveira ofereça outra «marca» sensacional ao atletismo português.

1º CONCURSO "MACIEIRA"

Resultado do sorteio efectuado no dia 11 de Junho, perante os representantes da autoridade e referente à 4.ª e última fase realizada no dia 6 de Junho na T. V.

1.º Prémio: 1 Frigorífico de 140 litros
★ José Manuel de Sousa Barreiros — Postal n.º 1464
Rua da Madalena, 193 — Lisboa

2.º Prémio: 1 Sifão
★ José Afonso Elisiário — Postal n.º 1341
Rua das Flores, 105-1.º — Lisboa

3.º Prémio: 12 copos-balão cristal
★ Luciano Augusto Meneses — Postal n.º 1310
Rua Carvalho Araújo — Casal de Cascais, 2 — Damaia

4.º a 53.º Prémios: 1 caixa de 6 garrafas de MACIEIRA OLD BRANDY, cada:
★ Manuel Joaquim da Silva Correia — Postal n.º 1756
Rua Morais Soares, 25-3.º Dt.º — Lisboa
★ D. Maria da Nazaré Pinto da Silva — Postal n.º 1395
Rua de Almacave, 156 — Lamego
★ D. Laurinda Maria da Silva — Postal n.º 1876
Rua Bernardim Ribeiro, 79-1.º — Lisboa
★ D. Ilda de Sousa Barreiros — Postal n.º 351
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ João Manuel Elisiário — Postal n.º 510
Rua das Flores, 105-1.º — Lisboa
★ Mário Reis — Postal n.º 1452
Rua das Flores, 105-1.º — Lisboa
★ D. Maria de Lourdes Lopes — Postal n.º 1973
Rua Castilho, 59, Cave Dt.º — Lisboa
★ D. Regina Duarte Elisiário — Postal n.º 1019
Calçada do Tojal, Lote 6, cave — Lisboa
★ Joaquim Estevão — Postal n.º 503
Av. Almirante Gago Coutinho, 42-3.º, E — Lisboa
★ José de Queiroz — Postal n.º 1154
Rua Cecilio de Sousa, 74-2.º, Esq.º — Lisboa
★ D. Maria Joaquina Baião — Postal n.º 631
Rua Claudio Nunes, Lote D-1.º, Frente — Lisboa
★ António Rodrigues de Freitas — Postal n.º 722
Rua Nuno Gonçalves, Lote 5, r/c., Esq. — Mercês — Algueirão
★ D. Isabel Aparicio Gonçalves — Postal n. 1857
Rua Bernardim Ribeiro, 79-1.º — Lisboa
★ Francisco Maria Ramalho — Postal n.º 1281
Rua Sebastião Saraiva Lima, 58, r/c., Esq.º — Lisboa
★ D. Maria A. Pinto — Postal n.º 2084
Rua dos Lusíadas, 142-2.º, Frente — Lisboa
★ D. Edviges Gonçalves da Costa Fernandes — Postal n.º 1848
Rua Bernardim Ribeiro, 79-1.º — Lisboa
★ D. Maria Claudina Martins Costa Ferreira — Postal n.º 829
Rua do Paraíso, 1-2.º, Esq.º — Lisboa
★ D. Maquelina Maria Baião Capito — Postal n.º 1516
Rua Claudio Nunes, Lote B-1, r/c., Dt.º — Lisboa
★ D. Natália da Conceição Pereira — Postal n.º 1673
Estrada Poço do Chão, Lote 10-3.º, Frente — Benfica — Lisboa
★ D. Vitalina Peres Abel — Postal n.º 1653
Rua Tomás da Anunciação, 106, r/c. — Lisboa
★ Edmundo Quaresma — Postal n.º 2073
Trav. Monte do Carmo, 40, r/c., Dt.º — Lisboa
★ Flávio Soares Calçada — Postal n.º 129
Praceta Socrates da Costa, 7-2.º, Esq.º — Lisboa
★ D. Maria Adelaide Ferrão — Postal n.º 1352
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ José Viegas da Silva — Postal n.º 24
Rua Claudio Nunes Lote D-1.º, Frente — Lisboa
★ Amândio Tavares — Postal n.º 1777
Trav. de Sá, 7-A — Aveiro
★ Mário da Costa Martins — Postal n.º 1730
Rua Afonso Lopes Vieira, 22, r/c., Dt.º — Lisboa
★ D. Francelina da Costa Vasques dos Santos — Postal n.º 1567
Av. Combatentes G. Guerra, 58 c/v. — Amadora
★ D. Laura Lopes da Conceição — Postal n.º 1985
Rua Eduardo Brazão, 2-3.º — Lisboa
★ D. Elisa das Dores Heitor e Silva — Postal n.º 559
Rua Lopes, 113-2.º, Dto. — Lisboa
★ D. Mariana Rosa Baião Capito — Postal n.º 990
Rua Cláudio Nunes, Lote B-1, r/c., Dto. — Lisboa
★ José de Oliveira — Postal n.º 1166
Rua de Alcantara, 40-2.º Dto. — Lisboa
★ Alberto Braga — Postal n.º 1631
Rua do Conde Redondo, 46 — Lisboa
★ D. Luísa Adelaide Coelho de Oliveira — Postal n.º 723
Trav. do Arrabalde — Chaves
★ D. Maria Rosa Maia — Postal n.º 1981
Rua Tomás da Anunciação, 106-r/c. — Lisboa
★ José Antunes Calado — Postal n.º 882
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ Artur Gonçalves — Postal n.º 1164
Trav. Monte do Carmo, 1 — Lisboa
★ D. Margarida da Conceição Ramalho — Postal n.º 1366
Rua Sebastião Saraiva Lima, 58, r/c., Esq.º — Lisboa
★ António Nunes Tavares — Postal n.º 969
Rua das Trinas, 62-1.º — Lisboa
★ Irlando Augusto Ferreira — Postal n.º 411
Rua da Madalena, 105-1.º — Lisboa
★ D. Maria Manuela Vasques dos Santos — Postal n.º 2076
Av. Combatentes G. Guerra, 58, c/v. — Amadora
★ Jorge da Cunha Branco — Postal n.º 1794
Trav. S.ª da Glória, 6-1.º, Dt.º — Lisboa
★ D. Ana da Silva Loureiro — Postal n.º 1440
Rua Carvalho Araújo — Casal Cascais, 2 — Damaia
★ José Manuel da Silva Augusto — Postal n.º 1047
Rua Carvalho Araújo — Casal Cascais, 2 — Damaia
★ D. Maria Cândida Tavares de Carvalho — Postal n.º 1749
Rua das Flores, 105-1.º — Lisboa
★ Mário Manuel Duarte Elisiário — Postal n.º 1124
Calçada do Tojal, Lote 6 Cave — Lisboa
★ Manuel Branco Teixeira — Postal n.º 699
Administração Florestal — Vila Pouca de Aguiar
★ D. Célia Mendes Valente — Postal n.º 1584
Rua de Manica, 13-1.º, Esq. — Olivais Sul — Lisboa
★ D. Dorinda da Cunha Branco — Postal n.º 1425
Trav. da Sr.ª da Glória 6-1.º, Dt.º — Lisboa
★ Estevam Maia — Postal n.º 365
Rua Tomás da Anunciação, 106, r/c. — Lisboa

Os prémios referentes a este sorteio deverão ser levantados na sede da MACIEIRA & C.ª, LDA., Rua Ivens 45-47 — Lisboa-2, até ao dia 11 de Dezembro de 1968.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programas da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Luz no Horizonte, 6 e 30: Que quer ouvir? 7: Programa da tarde; 7 e 35: do Choupal até á Lapa, 8: Informação da final do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Atlético-União de Tomar, no Estádio do Restelo — Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 8 e 40: Relato dos minutos finais do desafio Atlético-União de Tomar; 8 e 50: Musica e sonho; 9 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só Musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20 Solistas ligeiros; 20 e 40 1.º episódio do folhetim «A Fazenda Abandonada»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Guitarradas; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra por Luís Goes; 22 e 50: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 30: 1.º Acto da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberga» (Wagner); 18: Musica do século XX — Sinfonia n.º 11 (Chostakovitch) — Orq. Nacional da Radiodifusão Francesa sob a dir. de André Cluytens; 19: Horizonte, semanário de letras e artes; 19 e 30: Folclore português Musica da Beira Alta recolhida por Artur Santos; 19 e 45 Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let the Peoples Sing 1968» 11.º programa Coros mistos e juvenis; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara sob a dir. do maestro Silva Pereira; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Musica de órgão; 22 e 20: Poemas sinfónicos — Três poemas do ciclo «A minha Pátria»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 05: Fecho

3.º Programa (cultural em FM 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano, de Bela Bartok e Hindemith; 23 e 30: Raridades musicais da arte vocal italiana — em gravações cedidas pela Rádio Suíça Italiana; 00 e 28: Sonata n.º 2 op. 117 para violoncelo e piano (Fauré); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B.-X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 17: Noticiário; Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 01: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: A hora fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kcs — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo 8 e 45: Matiné Teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robertaac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 0 Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 0 Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30 Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 0: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m. — 1 6 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical de Paris; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e benção do Basílica dos Mártires; 19 e 48: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 50: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: As vozes de Ada de Castro e Francisco Pessoa; 21 e 45: Orquestras ligeiras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica de sempre 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kcs — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filme e relogio; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19: Missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 48: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 50: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21 Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 3.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

AMANHÃ — Às 14 e 40: Curso Unificado da Telescola 19: Curso de Formação e Actualização de Futuros Professores do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Iniciação Desportiva; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 25: História da Musica; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim («Confissão», 1.º episódio): Lockhart e Paul Stewart. Realização de Anton M. Leader; 22 e 20: «Riso e Ritmo»; 23 e 20: Casei com uma Feiticeira; 23 e 45: Telejornal; 23 e 50: Meditação e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Serviços urgentes

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 36353 ❁ Companhias Reunidas, 537011 ❁ Gazcidla, 538821 ❁ Gazcidla (dom. e feriados) 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ❁ Voluntários, 538524.
POLICIA — G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ❁ Segurança Pública, 366141 ❁ Judiciaria, 535380 ❁ Marítima, 326456 ❁ Internacional, 36272 ❁ Viação e Trânsito, 42205 ❁ G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ❁ Enfermagem permanente, 766161 ❁ Enfermagem de urgência, 43738 ❁ Hospital de Santa Maria, 775171 ❁ Hospital de S. José, 860131 ❁ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ❁ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ❁ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 72101 ❁ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ❁ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ❁ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ❁ Estação Mar de Alcântara, 663195 ❁

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno G

(Ver pelos bairros das mediações e telefone entre parêntesis)

AJUDA — Moura, Trav. da Memória, 55 (630944) ❁ Biotifar, R. D. João de Castro, 27-B (638824).
ALCÂNTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) ❁ Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ❁ S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140)
AMOREIRAS — Britânica, Trav. do Léguas da Póvoa, 5-B (689250).
AREEIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) ❁ Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726850)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da República, 14-A (77 3/9) ❁ Vale, Av. Marquês de Tomar 45-49 (773043) ❁ Dalva, Av. Duque de Ávila, 25 (45225) ❁ S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zita, Praça das Casas Novas, lote 66 (370 72).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 87 (326476) ❁ Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 3 (327478.
BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) ❁ Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (78051)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. de Infantaria 6, 98-B (688807) ❁ União, R. Saraiva de Carvalho, 5 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 15-A, B, Bairro da Liberdade (683694 ❁ Pinto, R. de Campolide (6826 0)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 45 (553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (66591)
ESTEFÂNIA — Mundial, R. D. Estefânia, 9 (45518)
GRAÇA — Ziller, R. de Tomé 54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar 11 (790480) ❁ Douro, Av. das Linhas de Torres 93-A-B (79 3)
MADRAGOA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 62 (66263)
OLIVAIS — S. Paulo, Rua 4, lote 823, junto ó Estrada de Moscavide — Olivais Sul (3 07 1)
PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780843)
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) ❁ Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (8480)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728395-720703).
PRINCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (326750).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (67996)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Alfinio Pedroso, 11-13 (38 36) ❁ Banha, Est. de Chelas, 173-175 (382241) ❁ Frazão, R. da Cruz de Sta. Apolónia 90-92 (347019)
MOSCAVIDE — Farmácia Santa Bárbara — R. Francisco Marques Beato, 75-A (Tel. 251 89 18)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra 29 (Tel. 21 20 81)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE — Aisir — Av. Gago Coutinho — Bairro dos Coixos (Tel. 2472948)
ESTORIL — Sulça — Cruzeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal Tel. 280078); A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 18-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (Tel. 938 49)
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 97 023)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 58 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234 37).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Belo Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Algarve — R. Hermão Lopes, 1 (Telef. 27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 — (Tel. 2273812)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).
MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 42 (Tel. 230370)
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Higiene — R. Fr. Agostinho da Cruz (Tel. 22408); Portugal — R. Camilo Castelo Branco (Tel. 29211).
SEIXAL — Soromenho — R. Polvo Coelho, 38 (Tel. 2218560).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º Telef. 43738

O DESFILE DAS MARCHAS

(Continuação na página central)

ca. Então, essa minha colega chegou-se a mim e disse...

(A marcha é bonita / Vestida de chita / De lenço e chinela / Pois até o Tejo / Morre de desejo / Por vir na marcha, com ela...)

Maria da Graça Reis Baptista, encadernadora, entra há seis anos na marcha.

(Venham ver Campo de Ourique / Que não encontram rival /Está mais moderno, mais chique / Bairrista e original...)

Estrofes da autoria de Horácio de Carvalho.

● «Diário de Lisboa» nas marchas de Santa Catarina

Os padrinhos de Santa Catarina? O «Piruças» (Henrique Santana) e Ada de Castro. O nono arco era uma alegoria á Imprensa: lugar destacado para o «Diário de Lisboa». Quem empunhava a armação? Maria Adelaide Rodrigues da Silva, 16 anos, *bi-marchista*, e Fernando Cardoso, debutante, electricista, 17 anos feitos hoje. Aos lados, um casal de foliões: Augusto José da Silva Plácido (mecanico, de 20 anos) e sua mulher, Mara Arminda de Oliveira Santos Plácido (de 18 anos).

—Oh Fernando, então não pagas nada?

Casaram há dois anos, e o marido é que arrastou a mulher para estas andanças em véspera de Santo António.

Depois de Santa Catarina, o Alto de Pina. Tony de Matos e Delfina Cruz são os padrinhos. Estão no Porto e mandaram telegramas a desejar felicidades para «*a nossa marcha*».

—Não posso com o São João, pronto! (E arreou o arco com a imagem do santo).

Maria Emília Ferreira Matos trabalha a dias. Anda na marcha desde 1958. «*Mesmo assim, sou nova nisto*» — garante. — «*Quem percebe é o meu marido*». Manuel Pinho Matos é marchista desde 1942.

—E para o ano cá estarei! Eu, e cá a cara-metade... Oh mulher, atão não podes com o santinho?

● Marcha vai, marcha vem

A jovem cançonetista Mila Talaya e o produtor radiofónico Aurélio Carlos Moreira, são os padrinhos de Campolide. («*Nos santos ninguém duvide / Nós dizemos com vaidade / Melhor do que Campolide / Não há outro na cidade*»).

Os versos (de Horácio de Carvalho) saltitam em bocas bonitas — a da morena Liliana Maria, a da loirinha Maria de Fátima Soares Ferreira («*Sou encadernadora, e venho na marcha pela segunda vez*»), nas bocas bonitas de uma dezena de raparigas frescas.

Mas a marcha, essa (coitada!) vai triste e fragmentada, marcha aos soluços.

As pessoas, as que pagaram bilhete, torcem-se para o outro lado e fazem contas de cabeça — já só faltam quatro marchas. Os espectadores gastaram as pausas a ler jornais, a folhear revistas, a tentarem adivinhar se iria chover ou se regressariam enxutos a vale de lençois. Os borlistas, á retaguarda do cerco, tinham uma válvula de escape: as ginjas, do Zé do Quiosque, estabelecido com garrafão entre o Tivoli e a Pan-American. Bebés (mais alguns adultos) estavam de pé, por uma questão de hábito. Os namorados não perdiam um minuto. Enquanto a marcha vai e vem...

● Alfama, dama, drama...

Benvinda de Jesus saiu da escola, no Largo do Contador-Mór, e veio a correr para a marcha. Tem 14 anos, e as colegas apontam-na: é a «franga» da marcha de Alfama, a marcha apadrinhada por Alice Amaro.

«Qual é o bairro onde a tradição [nos chama?
— E' Alfama! E' Alfama!
Quem tem a marcha que, ao passar, [o povo aclama?
— E' Alfama! E' Alfama!»

O ensaiador é António Gonçalves, o coreógrafo do restaurante «Folclore». Está indignado:

— Não se presta atenção ao problema das marchas. Marcava os ensaios para as 11 horas, e ás 11 e 20 nem meia marcha aí estava. Hoje, para sair no desfile, tive de meter cinco raparigas que nunca ensaiaram. Umas garotas, que nem podem com os arcos. (Serena). *Mas eu gosto deste povo. É melhor que o do Pavilhão...*

Depois, furibundo:

— Já viu? Já viu? Á frente, vêm mais directores que marchantes... até aquele calmeirão, com ar de maestro...

«Quem é rainha da cidade e grande [dama?
— É Alfama! É Alfama!»

● Mouraria: desde a Guia...

Uma fadista (Esmeralda Amoedo) e um «castiço fadista» (nas vezes de Fernando Maurício) comandavam a Mouraria. Raparigas engraçadas, mas tímidas. Cantavam baixinho.

«Venham ouvir / Cantar o fado rigoroso / Desde a Guia / Ao Benformoso!»

«Cantai poetas / O bairro de Lisboa / Onde o fado / Não destoa...»

Irondina Pereira Martins, empregado numa fábrica de fechos no Beato. Tem 14 anos. «*Ai que a luz se apagal*» O balão tremeluzia.

— É a segunda vez que venho nisto. É gosto!

Os padrinhos de Marvila (Helena Tavares e Carlos Coelho) não deram sinal de vida. «*Devem estar fora. Eles costumam ser dos «fixes»*». — Garante-me o delegado da marcha, um dirigente da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885.

«Quem na marcha se perfila / É Marvila / É Marvila / Quem mais gosto assim revela / É só ele / É só ela...»

Quem corre por gosto, não cansa. Por isso, lá para as tantas, quando a coisa estava a esquentar, apareceu Carnide. Atrás, um cordão de Polícia a impedir o amplexo do povo.

— Quê. E a Bica?
— E o Castelo?
— E São Vicente?

Militares, burgueses e aristocratas não aderiram: ficaram-se nos prometimentos e não foram ao desfile. Por isso, o cortejo das «marchas populares de Lisboa» acabou por alturas de Carnide.

«A minha marcha é linda / E ainda / Mais linda / Por ela / Ser aquela / Mais bela / Que eu vi...»

Carnide. Nove directores, nove. Os padrinhos, ausentes, Artur Agostinho e Aida Baptista quase pranteados pelos marchantes.

— Fazem aqui falta. Só o Artur enchia a avenida...

Maria Elisa Ferreira Neves, 13 anos, empregada na Fábrica Regojo, vem pela primeira vez no desfile. «*Os padrinhos? Nunca os vi... Até nem sei quem é a madrinha. Ela canta!*»

«Cantai! Cantai bem alto! / Carnide... Carnide... / Que o bairro não é falto / de quem honra as tradições...»

★

No fim de contas, uma cidade inteira achou ali pretexto. Elas, as mulheres, para a conversa de hoje. Bem espremidinha, ainda dará até sábado á noite ou domingo. Eles, agora, eles... Houve desculpa para recolher tarde...

NEVES DE SOUSA

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

AS ESPINGARDAS DO FAR-WEST—no POLITEAMA
O ESTRANGEIRO — no ESTÚDIO

POLITEAMA — Tel. 32 63 05

HOJE, À NOITE, Às 21.30 EM ESTREIA UMA EPOPEIA EMOCIONANTE!

A história de um punhado de heróis desafiando a morte para impor a lei

AS ESPINGARDAS DO FAR-WEST

com Don Murray e Guy Stockwell (Col.) (Maiores 12 anos)

HOJE, às 18.30—SESSÃO CLÁSSICA (Maiores 17 anos)

IMPÉRIO — Tel 55 51 [illegible]

Às 15.15 e 21.30 (M 17 anos) UM ÊXITO DE SEMPRE

A CHAVE

Sophia Loren, Willian Holden e Trevor Howard

CINEMASCOPE

ESTÚDIO — Tel. 55 51 34

Às 21.45 (M. 17 anos) Estreia da obra-prima de VISCONTI, segundo o romance de CAMUS

O ESTRANGEIRO

c/ Marcelo Mastroianni - Anna Karina - Bernard Blier

Às 15.30, 18.30 — Últimas exibições de **FÚRIA SANGUINÁRIA** (M/ 17 anos)

CONDES — Tel. 32 25 23 - 32 67 10

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Montgomery Wood abandona o «colt» de «cow-boy» pelo machado vingador dos Vikings!

A VINGANÇA DOS VIKINGS

Gordon Mitchell e Elisa Montes

Ar condicionado — Eastmancolor

EUROPA — Tel. 66 10 16

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)

Intimidação expressa com invulgar violência e «suspense»

TORTURA DIABÓLICA

Stefanie Powers — Peter Vaughan — Tallulah Bankhead

ROMA — Balcão 72 91 92 — Plateia 72 77 78

Às 15.30 e 21.45 (Adultos)

Alexandra Stewart, Linda Christian, Senta Berger e Gino Cervi

numa comédia plena de espírito e de segundas intenções...

CORAÇÕES CHEIOS... BOLSOS VAZIOS

Uma bem humorada realização de CAMILLO MASTRO CINQUE

LIDO — Tel. 4 85 60

Às 14.45 e 21 h. (Adultos)

O MASSACRE DE CHICAGO PROFUNDO COMO O MAR

ALVALADE — Tel. 76 30 80

Às 15.45 e 21.45 (Adultos) Inspirado na obra de FRANÇOISE SAGAN

UM CERTO SORRISO

com **Rossano Brazi — Joan Fontaine — Christine Carere**

Em complemento: O documentário-reportagem «GUINÉ 68» — colorido

---

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (12 anos) 7.ª SEMANA

ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?

com Spencer Tracy — Sidney Poitier — Katharine Hepburn

TECHNICOLOR

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos) EM 2.ª SEMANA

James Mason, Geraldine Chaplin e Bobby Darin em

UM ESTRANHO EM CASA

Extraído de um romance de GEORGES SIMENON

TIVOLI — Telef. 5[illegible]

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite 2. SEMANA

Orson Welles e Paul Newman

no filme sobre um romance de Faulkner

PAIXÕES QUE ESCALDAM

(Maiores de 17 anos)

ESTÚDIO 444 — Tel. 77 00 95

As 15.30 18.30 e 21.45 (Adultos) 14.ª SEMANA DE ÊXITO!

A PRINCESA

Realização de Åke Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

AVIS — Tel 53 23 00

Às 15.30 e 21.45 (Adultos) 3. SEMANA DE SENSAÇÃO! O empolgante espectáculo

com **Gian Maria Volante e Lou Castel**

O MERCENÁRIO

Um filme em techniscope e technicolor de DAMIANO DAMIANI

EDEN — Tel 32 07 68

Às 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)

A história autêntica do mais famoso «gangster» de sempre

AL CAPONE

com Rod Steiger — Fay Spain — James Gregory

A noite em complemento do programa: O documentário-reportagem colorido **«GUINÉ 68»**.

MUNDIAL — Tel. 53 87 43

As 15.15, 18.15 e 21.30 2.ª SEMANA (Adultos)

DEIXEM-ME VIVER

ADAMO e BOURVIL

IMPERIAL — Tel 4 59 33

As 15 e ás 21 h. (Adultos)

INDOMÁVEL ANGELIQUE O MISTÉRIO DO CÍRCULO VERMELHO

SÃO LUIZ — Tel 32 71 72

Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos) Inspirado na obra de FRANÇOISE SAGAN

UM CERTO SORRISO

com Rossano Brazzi — Joan Fontaine — Chistine Carere

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA

Às 15.30 e 21.30 (M. 17 anos) **Uma comédia excepcional e ousada!**

LIVRA-ME DESTA MULHER

com JACK LEMMON, PETER FALK e ELAINE MAY

ODEON — Tel 32 62 83

As 15.15 e 18.15 e às 21.30 EM 2.ª SEMANA DE FABULOSO ÊXITO

Um novo estilo de comédia musical sempre fascinante

NOIVA POR UM DIA

com Rocio Durcal e Vicente Parra

A história de uma jovem «alugada» para fingir o que não era...

(Col.) (maiores de 12 anos)

RESTELO — Tel 61 03 75

Às 15 e às 21.30

Para maiores de 12 anos

Uma comédia fabulosa, mas simultâneamente cheia de acção e movimento—Em Technicolor e Panavision

COM OS OLHOS VENDADOS (BLIND FOLD)

com ROCK HUDSON e CLAUDIA CARDINALE

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29

Às 21.30 (M. 17 anos)

ARTIMANHAS FEMININAS

Dyaliscop — Colorido

com: MARIA SCHELL Nadia Gray e Karl Michael Vogler

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94

As 21 horas (M. 12 anos)

7 PISTOLAS MAGNÍFICAS O VINGADOR MASCARADO

TERRASSE — Tel 32 09 1[illegible]

Às 15 e ás 21 (M. 12 anos)

RITMO ATÓMICO OS 3 SARGENTOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

GIL VICENTE — Às 2 e 45: «O tempo e a era» (17 anos)

VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Chaillot» (17 anos).

CINEMAS

SALÃO LISBOA — Às 21: «Viva Gringo» (12 anos).

PARIS — Às 21: «Gente Nova» (12 anos)

ORIENTE — Às 21: «As Águias Negras de Santa Fé» (12 anos)

MOSCAVIDE — Às 21: «O Perseguido» (12 anos)

JARDIM — Às 2 . «O tapete do terror» (12 anos)

IMPERIAL — Às 21. «Indomável Angélique» (17 anos).

CINEARTE — Às 2 : «Pecos faz justiça» (12 anos)

ROYAL — Às 2 : «A noite do adeus» (12 anos)

CAMPOLIDE — Às 21: «O grande atirador» (12 anos)

PROMOTORA — Às 21: «O tesouro do Lago de Prata» (12 anos).

CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21 e 30: «7 contra o Mundo» (12 anos).

OLIMPIA — Às 19: «O batalhão suicida» (12 anos).

CASTANHEIRA — Às 2 e 45: «África, adeus» (17 anos).

UNIVERSAL — Às 2 : «Há festa na aldeia» (12 anos)

BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «O 3.º dia» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Como salvar um casamento arruinado» (17 anos)

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Solitário de Nevada» (2 anos)

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Piratas de bikini» (12 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Artimanhas femininas» (17 anos e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Os dois toureiros» (17 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Onde as balas assobiam» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 2 e 30: «Duelo em Diablo» (17 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15 «Só se vive duas vezes» (17 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Matem Johny Ringo» e «De sábado a segundo» (17 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Kimberley Jim» e «Lanceiros negros» (12 anos)

MEM-MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Machado vermelho» (12 anos).

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «7 mulheres para os MacGregor» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A princesa» (17 anos) ACADEMIA — Às 21 e 5: «Deserto em chamas» (17 anos)

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPA-CABANA — Às 21: «Um estrangeiro em Sacramento» e «F B I contra Istambul» (12 anos)

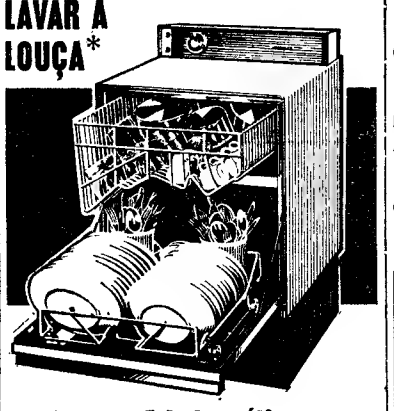
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Tarzan e o grande rio» (12 anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Alta tensão nas Caraíbas» e «Duelo no Rio Grande» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 45: «Mulheres e recrutas» (12 anos)

PEUGEOT

MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR A LOUÇA*



100% Automáticas Aço inoxidável

*Com capacidade para um serviço completo de 8 pessoas

PEUGEOT

a qualidade que não se discute

SABEL

Rua de D.Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta.Catarina,1209-PORTO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

ZÉPHYR

NÃO É SÓ PARA PROFISSIONAIS... TAMBÉM OS AMADORES PODEM OBTER ÓPTIMOS SERVIÇOS COM

MÁQUINA UNIVERSAL

- PINTURA À PISTOLA
- PULVERIZAÇÃO
- INSUFLAÇÃO DE AR
- ENCHIMENTO DE PNEUS
- CARREGADOR DE BATERIAS
- BERBEQUIM
- ESMERILADORA
- LIXADEIRA
- POLIDORA
- MÁQUINA DE LIMPESA

[ESCOVAS DE FIOS METÁLICOS]

LEVERCA

AV. 24 DE JULHO, 96 2.º ESQ. TEL. 674529-LISBOA

Veja a nossa montra no hall do cinema Eden

MOEDAS

Antigas de ouro, prata e cobre, compra aos melhores preços a

Ourivesaria Santos Catita

R. das Portas de Santo Antão, 44

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

ANGLO—CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH

Cursos de Inglês — 2 semanas a 1 ano

BOURNEMOUTH — LONDRES — OXFORD — COVENTRY — BELFAST

Preços a partir de 5.650$00

Incluindo: VIAGEM AÉREA — CURSO — ALOJAMENTO E REFEIÇÕES-EXCURSÕES

Informações e Inscrições

C I T I R A M A

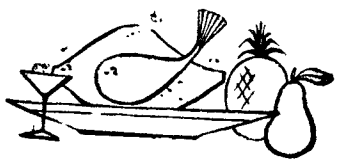
Viagens e Turismo, S. A. R. L.

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 47 - A — Tel. 560171

CASCAIS — R. Dr.ª Iracy Doyle, 6 - A — Tel. 283456

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

Est. da Torre - Lumiar - tel 79 01 68

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 5 anos)

ILHOTA

RESTAURANTE

R. ILHA DO PICO, 19-21

Telef 49063 (Junto à Estefânia)

PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS AMANHÃ.

BACALHAU À ILHOTA

GAÚCHA

NOVA GERENCIA

Restaurante — Snack-Bar

COZINHA PORTUGUESA

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

MARISCOS

R. Bacalhoeiros, 26-D-C

Telef. 87 06 09 — LISBOA

TARANTELA

RESTAURANTE ● SNACK-BAR

L. D. Estefania, 23 e 27

Telef. 53 52 09

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

Sala no 1.º andar para Banquetes

Lanches de Casamento

Parreirinha do Rato

Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos

Ambiente acolhedor

Todos os dias pratos diferentes

Especialidades de churrasco de frango pato, porco e cabrito

Largo do Rato, 11

(entrada pelo arco) — Tel 685908

Parque para automóveis

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211

(2.ª Circular até Campo Grande)

Aos Sábados e Domingos JANTARES DANÇANTES com o conjunto privativo AMBIENTE FAMILIAR

(Maiores de 5 anos)

Tamborim

Restaurante—Snack-Bar—Cervejaria

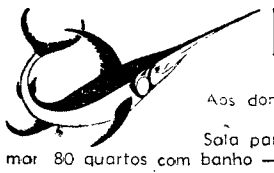
Especialidades diárias

AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA

Rua Gomes Freire, 14

(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

VISITE SESIMBRA



Almoce no

HOTEL ESPADARTE

Serviço à carta e menu do dia — 55$00

Aos domingos das 12 às 6 horas, 8 pratos à escolha, incluindo a célebre caldeirada

Sala para 300 pessoas, marquise e esplanada frente ao mar 80 quartos com banho — Diárias desde 165$00 Telef. 22 91 89

AMÁLIA ÊXITO NOS E. U. A.

NOVA YORK, 13 — (A. N. I.). — Amália Rodrigues voltou, a noite passada, aos palcos de Nova York, acompanhada, primeiro, pela grande orquestra de André Kostelanetz e, depois, pelo grupo de guitarristas de Raul Nery, num espectáculo que, sem exagero, se pode considerar um extraordinário êxito.

Com a lotação do Philarmonic Hall do Lincoln Center completamente esgotada, a actuação de Amália Rodrigues ultrapassou todos os êxitos que ela conseguira, até agora, nos Estados Unidos.

«Erva cidreira», «Malhoa», «Don Solidon», «Mane Chine», «Rapariga, tola, tola», «Lisboa antiga», «Coimbra» e «Lisboa não sejas francesa» foram os números mais aplaudidos.

A seguir ao espectáculo houve uma recepção, á qual assistiram o embaixador de Portugal em Washington e a senhora de Vasco Vieira Garin, o antigo embaixador norte-americano em Lisboa e a senhora de George Anderson, além de entidades oficiais portuguesas de Nova Yorok e de destacadas figuras da sociedade norte-americana e luso-americana.

Os americanos adoram Amália. Ainda há poucos dias um grupo de turistas norte-americanos, que esteve no Hotel Estoril- Sol, «exigiu» que a grande artista ali actuasse em exclusivo para eles. E Amália, sorridente, lá foi cantar e receber as felicitações de quantos a escutaram, inclusive as do director daquele estabelecimento hoteleiro, sr. José Luís Fernandez, como a foto documenta

O ESTATUTO DO COMERCIANTE FOI DISCUTIDO NA REUNIÃO DA CORPORAÇÃO DA PESCA

Sob a presidência do sr. José António Ferreira Barbosa, reuniu a direcção da Corporação da Pesca e Conservas, estando presentes o dr. Edison Passos Pinto de Magalhães, vice-presidente, e os vogais, srs. José Gomes de Carvalho, Jacob Perianes Palma cap. dr. Manuel Ramos de Sousa Junior e Mário Inácio de Matos Também compareceu o representante por parte do Estado, almirante Henrique dos Santos Tenreiro Participou nos trabalhos o secretário-geral, dr. Jerónimo de Melo Osório de Castro.

A direcção ocupou-se de diversos assuntos da sua competência, congratulando-se com a resolução favorável do subsecretário do Estado do Orçamento relativamene ás diligências da Corporação sobre o registo dos produtores e grossistas nos termos e para os efeitos do Código do Imposto de Transacções.

Tomou conhecimento dos assuntos tratados na reunião dos presidentes das corporações, entre os quais a disribuição, no corrente ano, do Fundo Comum procedente dos organismos de coordenação económica, e as implicações resultantes da publicação do Estatuto do Comerciante. A este respeito, a direcção deu o seu inteiro assentimento ás diligências do presidente junto da Corporação do Comércio e ao «modus vivend » estabelecido, no que se refere á inscrição dos industriais de conservas de peixe.

Ocupou-se. também, da designação do novo representante do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Barlavento do Algarve no conselho da Corporação, sr. Reinaldo Pereira de Assunção, e designou representante deste organismo no Centro de Aperfeiçoamento Profissional dos Empregados de Escritório, do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, o vogal da direcção, dr cap. Manuel Ramos de Sousa Junior.

FALECEU O PEDREIRO QUE FOI ATROPELADO

EVORA, 13 — Em consequência dos ferimentos sofridos no atropelamento de que foi vítima na terça-feira, faleceu no Hospital da Misericórdia o sr. José Augusto Camões, casado, pedreiro, de 58 anos. O atropelamento, como noticiámos, deu-se na estrada para Estremoz, onde o inditoso pedreiro trabalhava numa obra, sendo o automóvel atropelante conduzido pelo cavaleiro tauromáquico sr. José Francisco Maldonado Cortes.

de VEZ em quando

A crónica das Marchas de Lisboa está feita e refeita. Aqui muito em segredo, quase já não se tolera: alegria e tradição (onde estará a tradição de Olivais, quer seja Norte quer seja Sul?) são a base sobre a qual se amontoam, melhor ou pior, uma série infindável de conceitos e frases estereotipadas — luz da lua, arquinho e balão, noiva do Tejo, o coração a cantar, etc., etc. Uma beleza. Mas a mim o que me dá no goto é o jeito com que o público assiste ao desfile das marchas, aplaude as virtudes de umas, apupa os defeitos de outras. Sente-se que o povo participa no jogo: formam-se partidos, e cada um deles defende sem restrições os seus pontos de vista, na Avenida da Liberdade. Ao menos uma vez por ano. — V. D.

CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

Ford

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria. 18-A.

Igrejas Caeiro fez o elogio de Maria Judite de Carvalho

Na sequência radiofónica de Igrejas Caeiro, aos microfones de Rádio Clube Português, este conhecido actor e homem da Rádio fez o elogio, como cronista, dd nossa prezada colaboradora e escritora de primeiro plano Maria Judite de Carvalho.

Igrejas Caeiro sublinhou o interesse e a qualidade dos «Rectângulos da Vida» que Maria Judite de Carvalho regularmente assina no nosso jornal, realçando que ela se revelou como cronista na actual fase de renovação e valorização do «Diário de Lisboa». E terminou lendo a sua crónica, aqui publicada, «Pessoas de verbo complicado».

INSTITUTO BRITÂNICO

Nos jardins do Instituto Britânico em Lisboa, ofereceram o director do mesmo e representante do British Councial em Portugal, prof. A. M. Welsh, e sua esposa uma recepção em honra dos componentes da companhia britânica de bailado que actua presentemente em S. Carlos com tamanho êxito.

A assistência de diplomatas, gente de teatro e do bailado, escritores, jornalistas, encheu por completo os jardins, conservando-se animadamente.

JUNTE O ÚTIL...

...UMA BOA REFEIÇÃO E UM AMBIENTE DE REQUINTE, NA SUA PRÓPRIA CASA, SÃO ELEMENTOS QUE SE COMPLETAM.

OLAIO, TEM PARA LHE OFERECER A TRADICIONAL QUALIDADE, CONCEPÇÃO E ACABAMENTOS NAS SUAS MOBÍLIAS DE SALA DE JANTAR, A PREÇOS ACESSÍVEIS.

PROPORCIONANDO-LHE ASSIM, JUNTAR O ÚTIL AO AGRADÁVEL

O QUE LHE OFERECEMOS, CONSTITUI A BASE DA AFIRMAÇÃO DE QUE...

OLAIO, É BOM... E NÃO É CARO

OLAIO

JOSÉ OLAIO & Cª (FILHO)

Rua da Atalaia, 36/46 Teléf. 36 25 25 / 36 76 57 / 32 18 70 LISBOA 1

VISITE O NOSSO STAND NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

Augusto Abelaira
Eduardo Prado Coelho
Eugénio de Andrade
João Gaspar Simões
Liberto Cruz
Óscar Lopes
Sheppard de Moraes

N.º 515/13 DE JUNHO DE 1968

As armas secretas de Cortazar

DOIS GUMES NA CONSCIÊNCIA

Foi com certa surpresa e muita alegria que vi aparecer em Portugal a primeira tradução duma obra de Julio Cortázar Surpresa porque os editores portugueses raro se lembram da América de língua espanhola e das paragens donde o autor é oriundo: a Argentina. Deliberadamente ou distraidamente voltam assim as costas a uma literatura onde há vários nomes que já ultrapassaram as fronteiras do seu país e fazem parte da literatura universal.

Alegria porque desde a leitura de *Bestiario* que venho acompanhando com redobrado interesse a efabulação deste escritor vertiginosamente clássico e actual, e seguindo com a maior curiosidade o processo literário de que se serve para a factura das suas histórias e caracterização das suas personagens.

Habitando em Paris desde 1951, só oito anos depois com a publicação de *Las Armas Secretas* (1) conquista em definitivo uma audiência internacional. Michelangelo Antonioni ao cinematizar um dos seus contos — o discutidissimo Blow-Up — traz para o primeiro plano, isto é, ao conhecimento do grande público, o nome deste quase desconhecido Julio Cortázar.

AS ARMAS CONTRA O HOMEM

Las Armas Secretas é o titulo duma das histórias das cinco que compõem o volume. E poucas vezes um título terá sido tão bem escolhido como este. Na verdade, *as armas secretas*, não do homem, mas, que se viram contra o homem e quase o esmagam e, por vezes, aniquilam, surgem em todas as histórias deste livro ganhando um relevo importantíssimo.

Uma simples carta vinda da mãe, a efígie dum selo, uma fotografia ampliada, um sorriso de mulher, um copo de *whisky*, um vestido vermelho, jazz e ópio ou um velho cobertor azul, são mais do que suficientes para desencadear tempestades dentro dum ser humano. Tempestades que o levam a desenvencilhar-se de preconceitos, a despir-se por dentro e a exibi-lo em toda a crueldade da sua nudez. É então que o remorso ou a serenidade, a curiosidade ou a invenção, a amizade ou o desejo de glória, a solidariedade ou justiça, a servidão e o crime se soltam e desabrocham com toda a intensidade. Abertas as válvulas de escape tudo é possivel. E tudo acontece. O cinismo, a má consciência, o amor, a amizade, o interesse, o luxo, a vingança, a compreensão, o medo, a angústia, o respeito aos mortos e à sociedade, a ânsia de ser feliz, a ganância, o álcool, a música, a arte, a imaginação, a razão, a humildade, desdobram-se continuamente e envolvem o homem numa teia complicada donde é difícil sair.

É curioso que as pessoas achem que fazer uma cama é exactamente o mesmo que fazer uma cama, que dar a mão é sempre o mesmo que dar a mão, que abrir uma lata de sardinhas é abrir ao infinito a mesma lata de sardinhas.

Eis o que pensa Pierre. Mas logo a seguir conclui:

Pelo contrário, tudo é excepcional.

Cada gesto, cada frase aparentemente sem significado podem representar um mundo, levar o homem a actuar, a servir-se forçadamente das *armas secretas* que o habitam. Como armas de dois gumes despertam-lhe a consciência, obrigam-no a tomar partido, a agir. E dessa acção tanto pode resultar a grandeza como a miséria. Obsessivamente as armas secretas vão-se agigantando, ora serenas e frias, ora explosivas e ardentes.

Cabe a cada um o modo como aproveitá-las, como guiá-las e conduzi-las até á exaustão. Da sua força interior, do seu carácter, da sua cultura, da sua posição na sociedade, da sua disponibilidade no tempo e no espaço está dependente o seu emprego. Como um fatalismo, como um fardo que é urgente abandonar ou um peso que é premente transportar. Lentamente, como incómoda pedra num sapato, a imagem avoluma-se, contorce-se, derrama-se, contrai-se, embebe os nervos e os músculos e quando por fim a deflagração se verifica é como um gesto natural que se lança e aceita. De tal modo se instalou no homem, o remoeu ou galvanizou, que o remate perde o seu cunho fantástico para tornar-se tão real como a própria realidade.

Fortuitas, ingénuas, ocasionais, malévolas, *as armas se-*

LIBERTO CRUZ

(Continua na 6.ª página)

Imagem primeira de Júlio Cortazar

por José Cardoso Pires

Um homem de voz calma e de grandes silêncios (como nos seus livros em que ele deixa ao leitor o encargo de «dirigir a acção»). Um rosto de jovem num corpo de 50 anos. E de quando em quando um riso imenso no olhar que discretamente se retém e se desfaz numa atenta melancolia... Foi assim que conheci Júlio Cortazar numa noite em que jantámos com Ugné Karvelis num restaurante do Quartier Latin.

Falámos, lembro-me bem, de Portugal, da Lisboa que ele conhecera de passagem e de que miraculosamente conhecia nomes de igrejas, de bairros até. E isso não tinha o ar de um cumprimento, era, pelo contrário, o desejo de entusiasmar a nossa companheira a parar umas horas aqui, num «stop-over» entre Nova York e Paris, entre as grandes capitais que estendem a sua elipse por sobre os territórios olvidados. E falámos de cinema, das suas preferências pelo Charlot «mudo», por Buster Keaton.

Ali, enquanto conversávamos, eu compreendia a que ponto Antonioni fora feliz e certeiro na escolha de Les Fils de la Vierge **para argumento do** Blow Up. **Como em ambos o silêncio e a riqueza da narrativa do mundo são valores essenciais e expressivos. Depois, ao ler** Mareille, **percebi melhor isso mesmo. E mais: que há uma espantosa memória naquele homem que regista «fotograficamente» o passado imediato e que, como no jogo de «marelle» (o «jogo de avião» como lhe chamam as nossas crianças) ele, saltando de quadrado para quadrado, de acção para acção, recompõe todo um esquema de sentimentos.**

Esse código secreto, essas armas secretas que fazem o jogo dos entendimentos compreendi-as eu melhor acompanhando Sybille e Oliveira pelos dédalos de Paris, através das páginas de Mareille. **Mas nunca deixei de ter presente a imagem daquele homem alto e de gestos extraordinàriamente dóceis que, apesar do êxito e da consagração, tem no rosto a suavíssima sombra do exílio. O gosto da discrição. O desejo de estar presente e não pesar. A obsessão de recompor o facto vivido, de o dissertar.**

Um género que desaparece: o diário íntimo

por João Gaspar Simões

Ainda se escreverão diários íntimos? Que valor terá, em face das novas concepções da literatura, o depoimento pessoal de um escritor a sós consigo mesmo, diante da sua consciência, alheio a tudo quanto não sejam as reacções pessoais da sua individualidade aos acontecimentos exteriores? Segundo se depreende do teor das mais modernas interpretações do fenómeno literário o individuo que escreve exprime-se através de uma linguagem que lhe não pertence em exclusivo e as suas obras são simultâneamente individuais e colectivas — muito mais colectivas que individuais. Ora o diário íntimo, tal como o cultivou um Amiel, um Benjamim Constant, um Samuel Pepis, um Tolstoi, um Gide, etc., antes de mais nada representava um testemunho pessoal, algumas vezes, mesmo, tão pessoal que se não destinava à publicação em vida do autor ou era redigido em cifra, como aconteceu com o do citado inglês.

Efectivamente, o diário íntimo perdeu os seus créditos, e o próprio romance, que o cultivou particularmente no periodo de entre duas guerras — estamos a lembrar-nos dos *Moedeiros Falsos*, de Gide, em que parte da obra é preenchida pelo diário íntimo de uma das personagens ou do *Contraponto*, de Huxley, onde também figura um diário íntimo — que parece tê-lo abandonado, pelo menos por agora. É certo que o solilóquio e o monólogo das personagens passou a desempenhar papel importante na moderna ficção, e isso, de algum modo, é ainda uma forma de fazer participar o leitor da vida íntima do protagonista do romance. Ninguém diga, porém, a um ficcionista da vanguarda que as suas personagens se exprimem individualmente e que aquilo que elas dizem ou pensam o dizem e pensam na solidão do seu mundo interior. Acabou o mundo interior do homem enquanto região isolada do resto do espaço terrestre: já não há mares mortos à superfície do Globo. O homem é um vaso comunicante, no íntimo do qual a vida, como acontece com os líquidos, tende a subir para o nível de gradação igual àquele a que se encontra em todos os homens. Ninguém está só, e ninguém pode ter a ilusão de que se exprime como uma voz única, de timbre absolutamente pessoal.

Não tarda que esteja a suceder com a literatura o que sucede já com tantas outras actividades humanas: a máquina acabará por substituir o homem, uma vez que este se encontra inibido de revelar-se diferente dos outros homens. Aliás, já se fizeram experiências poéticas com computadores electrónicos, e, ao que parece, os resultados obtidos entusiasmaram alguns sectores literários, ao ponto de certos poetas ensaiarem escrever versos como se eles próprios fossem elementos cibernéticos. Até em Portugal isso aconteceu há anos, com resultados muito satisfatórios para a vanguarda literária.

Nada mais natural. Compreende-se muito melhor que assim seja do que o inverso. No pólo oposto encontra-se, realmente, o diário ou teste-

(Continua na 6.ª página)

Do Porto lido ao vivido

por Óscar Lopes

Isto reage a uma antologia de Eugénio de Andrade, que acaba de sair e onde se condensam uns cinco séculos de depoimentos literários sobre o Porto, e oito ou nove dos onze séculos da sua vida de baptismo cristão — que foi também o baptismo do País. Mas não é, essencialmente, sobre «Daqui Houve Nome Portugal» que desejaria escrever

Eu disse já noutro lugar o que tinha, essencialmente, a dizer sobre este livro, que é, sem dúvida, e graças a Armando Alves, a melhor obra gráfica de assunto e criação portuenses, e graças a Eugénio de Andrade o nosso mais meticuloso florilégio desta espécie. Preciso, mas é de desoprimir-me de uma ânsia a que Cesário chama «um desejo absurdo de sofrer», esmagado entre a sua Lisboa de 1880 e a Lisboa das crónicas navais, terramotos, revoltas, autos-de-fé e grandes pestes, algumas ainda então recentes.

Para quem ainda aqui vive, para quem não quis, ou não pôde, emigrar até Lisboa, e Brasil ou qualquer dessas partes da Terra onde um investigador ou um técnico se esteja a ver com futuro, o que mais fácilmente se evoca e liga com a paisagem presente não são as páginas, aliás tão saborosas, de Fernão Lopes, um episódio nobiliário, as lutas enredadamente multisseculares entre o Município, a Mitra (e o Cabido) e a Coroa, que serviram de pasto a tanto romantismo historicista, de Herculano e Garret a Arnaldo Gama, de Alberto Pimentel a Ricardo Jorge e Júlio Dantas, até Magalhães Basto, o último abencerragem das grandes efemérides tripeiras. Impressiona de modo mais concreto na antologia, e quando aqui lhe pisamos o terreno, o desenvolvimento topográfico da cidade: o burgo de D. Hugo, instituído por foral de 1123, a alastrar no século XIV, em hortas, pela depressão que a linha 1 dos eléctricos ainda traceja até ao rio, com um novo núcleo de casario em Miragaia, mais acima limitado pelo couto de Cedofeita. Sobre este mapa reconstituído pelos medievistas, decalca-se, muito mais tarde, na época literáriamente mais característica da cidade, a área desenhada por Júlio Dinis e Camilo: a oriente de Sana Catarina, a zona dos palacetes «brasileiros», azulejados, com beiral azul, largas varandas, estátuas de louça e mirante chinês; no centro, a parte comercial, donde irradia a burguesia de extracção local ou minhota; a ocidente, a colónia inglesa, casas com exteriores discretamente escuros, peitoris, o recolhimento de persianas ou estores — e que Alberto de Oliveira ainda antes de 1900 nos mostra fugindo à inivasão indígena, das ruas do Rosário e do Breiner para o Palácio, para o bairro de Vilar, para o Campo Alegre e, finalmente, para a Foz, deixando então de permeio toda uma larga faixa rural protectora que só agora, e em poucos anos, se encheu de bairros novos. Essa faixa então vazia sentimo-la várias vezes atravessado, escusamente, por personagens camilianas dos «Cenas da Foz», por exemplo.

Se partirmos, não dos espaços habitados e das pedras testemunhais para a história, mas dos textos escritos para a nossa atmosfera concreta de hoje, é de facto preciso chegar ao Romantismo para sentirmos um bafejo ainda quente de vida. Há, reconheçamos, um autor, Arnaldo Gama, que só à sua conta compôs todo um ciclo romanesco de história tripeira desde a Idade Média às Invasões Francesas; mas desde «O Novo Trovador», 1851, até à Renascença Portuguesa, portanto até à Primeira Guerra Mudial, é que o Porto foi literáriamente o Porto, o Porto que já não é. Eugénio de Andrade deparou aí com uma árdua tarefa de inventário, e outra não menos árdua de selecção. Camilo e Ramalho, só por si, encheriam páginas e páginas de antologia. Do primeiro vêm para o volume quadros caricaturais ao ar livre, namoros, bisbilhotices de comadres, festas e o espanejamento dominical em S. Lázaro. Ramalho traz-nos, entre outras coisas, um magnífico quadro do Porto de 1850, exacto como um guião cinematográfico que nos ensine a reparar nos instrumentos domésticos profissionais, nos trajos, nos ruídos, sugerindo-nos toda uma aura de ritmos viventes, cheiros e reacções íntimas castiçamente burguesas.

Mas os depoimentos aproximam-se ainda mais do nosso tempo. A qualidade literária dos textos nem sempre corresponde aos méritos relativos dos autores, mas á sua afinidade ou intimidade com a paisagem física e humana portuense. A representação de Eça é, por exemplo, pouco mais do que perfunctória, mas, por exemplo, também, Oliveira Martins tem dois textos impressionantes, sobre o enforcamento de liberais, em 1829, e o Cerco do Porto, textos que se diriam já de Raul Brandão; Raul Brandão e Teixeira Gomes, os dois mestres impressionistas, de tão diverso temperamento, surpreendem-nos com a sua coincidência em ver esta cidade como «a mais pitoresca do mundo». Seria enfadonho enumerar e caracterizar mais autores ou textos daqui por diante. E contudo uma grande parte das melhores páginas sobre o Porto devem-se a prosadores ou poetas ainda vivos, alguns excepcionalmente tocados numa qualquer fibra mais viva do coração.

Fecho o volume sobre mais uma releitura, num tumulto de imagens e de pequenos desesperos surdos. É esta a cidade onde ainda agora se vive, com os sábados e domingos a revezarem-se quase logo depois que passaram, a chuva de horas e horas seguidas, e em todos os sentidos, a chuva de Raul Brandão, num Inverno que, com os anos, se aproxima cada vez mais do S. João, convencionalmente orvalhado e quente, nasce-se e morre-se, indite, nasce-se e morre-se, inidferente, mesmo que se não queira, às trinta (apenas trinta, ou, se quiserem, quarenta) gerações que se acamaram desde a Presúria de 868. Evoco o meu mundo mais íntimo e predilecto das coisas daqui, a orla marginal do Douro, arco inferior desta elipse que a Circunvalação completa, cortada por estradas irradiando desde as pontes e numeradas do Oeste para Leste de acordo com as correspondentes linhas dos «eléctricos». Toda esta atmosfera fluvial me fala directamente daquilo que sei, e não sou; ao mesmo tempo que, em metáfora indecifrável, me fala do que **não sei**, mas **sou**, ou antes, **somos**. E quer o que sabemos quer o que não sabemos de nós será em grande medida incompreensível à geração da união alfandegária europeia, tal como já a geração dos meus pais, a da Primeira Guerra Mundial, então chamada «Grande Guerra», nos parece estranha ou errada a nós, os da Segunda.

Do Esteiro de Campanhã à Barra, quantos pescadores à linha? Em dezenas e dezenas de passelos, raramente se descobre algum a içar peixe que se veja. Mas seja isso apenas o que me quer parecer. Eles lá têm as suas razões, por muito que eu os queira à força para símbolo de tudo aquilo que, sem saber, se espera, pacientemente, pacientemente. Barcos minúsculos, na Cantareira e no Ouro, brincam alegres como meninos de bibe, ou, às vezes, dormem, como eles, no espelho de uma maré cheia. Mais a montante, lá para Monchique, são as barcaças, muito negras e juntas, às ninhadas. E as imagens cruzam-se: vi-as a última vez muito de perto, à noite — quase já cheiravam a pó de carvão —, e imediatamente as recordei tais como aparecem lá de cima, dos miradouros do Palácio, numa tarde fria mas ensoalhada de Inverno, coadas de uma neblina levíssima. Que nos dizem estes barcos? Um prazer calmo, ou travesso, de flutuar, e mais nada? O de uma intimidade imediata, sem precisão de palavras? As gaivotas, essas já custam um pouco menos a decifrar. É evidente que nós nos sentimos pairar, ou fender com elas esse espaço, de azul e luz em pó. É evidente que elas nos oferecem um domínio ainda mais completo do espaço que o que nos comunica um bailado. É talvez mesmo evidente para todos que, mais do que isso, os nossos olhos se fazem, eles próprios, o espaço salgado, anil e pérola onde elas voam, como se o nosso mais secreto destino fosse o de preencher de alma todo o mundo.

E por isso estou pensando com imagens do Douro, mas revividas numa outra ordem do tempo, que tende mais para a da música do que para a do tempo calendarizado em que foram vividas. Ora são, avistadas do mosteiro do Pilar, as mil clarabóias a arder, no pôr-do-sol da cidade; ora superfícies de água negra, umas polidas, outras baçamente crespas, sob um luar verdadeiro, ou sob o luar falso da ponte nova; ora apenas ocorre o simples cheiro, o simples brilho da vaza, num baixa-mar

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

ACTUALIDADE PORTUGUESA

O regresso de Manuel da Fonseca

CRÍTICA

Poeta ou Guia Índio, por *Eduardo Prado Coelho*

EDIÇÃO

Do Porto Lido ao Vivido, por *Oscar Lopes*
Uma Antologia Oportuna

COLABORAÇÃO ESPECIAL

Um género que desapareceu: O Diário íntimo, por *João Gaspar Simões*

Na Época da Entrevista, por *Augusto Abelaira*

ENTREVISTA

O Poeta na Cidade

ACTUALIDADE ESTRANGEIRA

As Armas Secretas de Cortazar, por *Liberto Cruz*
Os Animais do Apocalipse, por *Sheppard de Moraes*

ARTES PLÁSTICAS

Novas Formas, Novos Artistas

quase às escuras. E o pequeno arsenal de botes ao Ouro, onde uma carcaça minúscula em madeira clara e fresca lembra, não sei como, um ataúde branco de «anjinho» — faz pensar que, para a outra margem, no sopé de um bosque cerrado como os das «Fêtes Galantes», três ou quatro traineiras, a apodrecer de cores ainda vivas sobre a relva, podiam muito bem servir de «décor» ao mais incrível e real dos absurdos, o absurdo talvez de qualquer filme de Buñuel.

Uma das vezes que percorri a pé toda esta marginal, nunca me largou um cão negro, de orelhas dobradas, focinho triste. Evitei falar-lhe, para não criar ilusões, mas acompanhou-me sempre, até aos primeiros degraus do «eléctrico» de regresso. Isto veio à memória, estou mesmo a ver, porque, como toda a gente, nunca me senti só, nem também acompanhado, ali à beira-rio. Impossível passar entre esta água viva e estas casas a florescer do granito, impossível sentir tanta gana absurda de estar nesta margem e também na outra, de percorrer ao mesmo tempo todos os becos entrevistos, de adivinhar todas estas vidas visíveis e invisíveis, impossível sentir isto, ou lá o que é, sem interlocução pelo menos adiada. Mas fala-se, deveras, e a voz soa-nos já a falso. E até um simples segurar trémulo de dedos pareceria já enfático, fora de uns raros e próprios momentos. Nenhum esgar de prazer ou desespero nos engane: a comunhão a dois é, excepto por momentos, uma dramática hipocrisia. Como a comunhão com Deus dos místicos, de que constitui um inconsciente ou inconfessável reverso, só pode dar-se no prólogo ou epílogo da difícil comunhão possível com muitos outros e sobre muitas coisas. Todo o rio — lodo, nevoeiro, correntes e contracorrentes viscosas de preia-mar, sons distantes e esgarçados... —, tudo isto nos dói como este monossílabo «tu», cujo essencial destinatário é, ora a própria evidência em pessoa, ora alguém que se perde na metáfora de tudo e de todos.

Trezentas mil ou quatrocentas mil pessoas. E assentes sobre os ossos em pedra, caliça, madeira, betão, legado mobiliário, de não sei quantos milhões. Uma cidade pequena, afinal, mas que mesmo assim faz vertigens. Práticamente, nenhum sabor a maresia, nenhum remoinho de água, nenhum cheiro a óleo, alcatrão ou esgoto que, de certo modo, não seja, em cada um de nós, uma recorrência, uma metáfora, um signo que em dada geração e conjuntura momentânea se decifra, faz sentido claro, faz-se frase, gesto, decisão. Às vezes, pensar mete medo. Dá vontade de correr simplesmente, voar, o mais depressa possível, até a gente se confundir com o tempo em si, o tempo abstracto, como se ele se não medisse nas nossas próprias pulsações contadas. Correr, como um carro de faróis varando a noite pura na estrada pura, indefinidamente, nos assentos de trás o corpo já morto, mas ainda quente e próximo, das nossas maiores perdas.

Foi num jardim público, aqui mesmo na Boavista. Não me quero lembrar se no Inverno, com as árvores bronquialmente nuas, ou se com as copas tufadas de folhas, sugerindo a intimidade impenetrável de um crânio, ou talvez a nossa própria caixa do peito. Sei que de repente aquela angústia, que era minha, que tinha sido de milhentas pessoas, me pareceu já sem sujeito, feita coisa entre as outras coisas públicas da cidade. E, ainda mais súbitamente, ocorreram-me dois olhos muito negros e vivos. Olhos de despedida — amurada de vapor, janela aberta de comboio em S. Bento, vidro traseiro de um taxi —, e, para além disso, os olhos de um rato, aflito contra as grades da ratoeira, e que a criada afogava no tanque de água limpinha e fria, com as crianças (e eu entre elas) a bater palmas. Estes olhos negros de rato atravessaram quarenta anos de esquecimento, de recalcamento. Compreendo-os agora (compreendê-los-ei ainda melhor ao morrer). Não são só de desespero. São de esperança. De esperança e fúria, até ao último átomo de oxigénio. De esperança, que o próprio esbracejar desesperado autentica para além desse último átomo. A morte, a derrota e o erro servem, afinal, para se saber o que já, sinceramente, se não quer. Só realmente se quer o possível, e até apenas aquele possível que nós próprios fazemos. Todos os desgostos, todas as imaginações de todos são precisos para desencantar esse possível, tão real e positivo como um cargueiro a entrar a barra, ali a dois passos da gente, com um cão a espertiar à proa e vozes sumidas no matraquear dos motores.

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

MÁRIO SACRAMENTO

HÁ UMA ESTÉTICA NEO-REALISTA?

1.º volume dos

CADERNOS DE LITERATURA

★

HARRISON SALISBURY

NA ÓRBITA DA CHINA

colecção DOCUMENTÁRIO

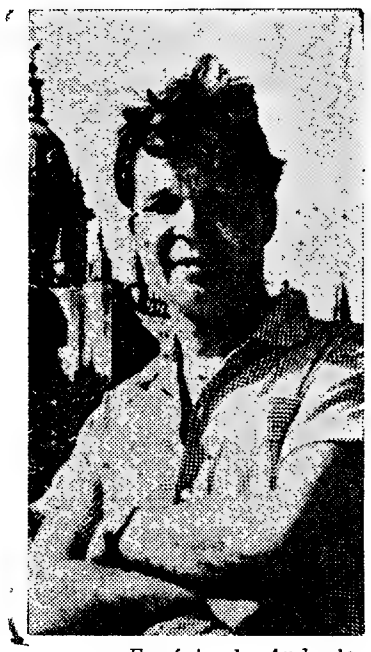
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

O poeta na cidade

Se daqui ouve nome Portugal

«Reconheço o teu corpo, arquitectura/duma cidade ardente, povoada...»

Estes versos de amor, escritos há dezassete anos, saltam-nos á memória — aqui no Jardim de São Lázaro, Porto, 1968, ouvindo Eugénio de Andrade. Uma tília gigantesca, um monumento de verde e de sombra, enquadra-lhe o perfil luminoso. «A árvore de Camilo,» diz o poeta. E o caudal de recordações, de apontamentos e de descobertas pessoais que se vai escoando da sua voz tranquila e repassada de encantamento ganha pouco a pouco entusiasmo. Falamos do Porto, a cidade de adopção de Eugénio de Andrade. Do lado de lá da praça, nos cafés de estudantes, um alarido de juventude marca a hora de hoje, a alegria de cor, o gosto «hippie» e a independência da hora de hoje. Neste jardim centenário passa uma mulher de cesta á cabeça...



Eugénio de Andrade: reconstituindo a cidade.

A HOMENAGEM QUE FICA

Eugénio de Andrade, poeta do país, é o cidadão do Porto revisitado. Faz parte da fisionomia cultural da cidade: a sua presença destaca-se entre as quatro ou cinco personalidades que a vivem e a animam. Todos, ou quase todos, os principais artistas plásticos que passaram pelo Porto mereceram dele o apoio de uma análise escrita, de um texto alegórico ou de um estudo circunstanciado. Os seus *Poemas*, recentemente reeditados, e o volume das suas traduções de Lorca, que se anuncia para breve, são acontecimentos que têm o seu núcleo dinâmico na actividade editorial portuense, e que dali se projectam á escala do País.

Agora Eugénio de Andrade paga o seu tributo de admiração á cidade donde «houve nome Portugal» organizando um volume de antologia literária e de documentação gráfica, que é, indiscutivelmente, uma das mais originais e cuidadas edições publicadas em Portugal. O Porto, por sua vez, fica a dever-lhe a mais importante homenagem, o melhor monumento artístico e literário realizado até agora.

— O curioso — confessa Eugénio de Andrade — é que as tarefas desta natureza sempre me desinteressaram. Mas o entusiasmo do director da Inova e o apoio de Armando Alves, com o seu talento espantoso de artista gráfico, contagiaram-me. Comecei, então, a reler as páginas que nas águas da memória imediatamente vieram á tona...

...E, diante dos nossos olhos, nas páginas impressas mas ainda soltas, desligadas, e já com todo o requinte do «lay out» e o devotado cuidado de um valor bibliográfico, começam a desfilar gravuras e textos: Fernão Lopes («a quem devo o mais belo e duradouro encontro com a cidade de Domingos Peres das Eiras», assinala Eugénio de Andrade, pou sando um dedo na página), Camões, Oliveira Martins, Herculano, Garrett, Camilo, Ramalho, Raul Brandão, Torga, Jorge de Sena...

— Concluída esta fase em que só me preocupou a qualidade dos textos, seguiu-se uma outra, bem menos agradável — continua Eugénio de Andrade. — Uma fase em que quase não há rasto no livro: a leitura de obras e obras de pura erudição, algumas que me conduziram a páginas por mim ignoradas, outras que não me levaram a parte nenhuma. Desse mar de prosa, vim a destacar os nomes de Alberto Pimentel e Magalhães Basto, e, acredite, o amor destes homens por estas pedras encardidas pelo tempo e pela melancolia deu-lhes o talento e o direito de figurarem ao lado dos nomes maiores das nossas letras.

ESCUTAR O SILÊNCIO...

Uma sala tranquila. Quadros de Ângelo e de Resende, esculturas, desenhos de José Rodrigues, os ramos de uma árvore a tocarem as vidraças da janela. É assim a casa de Eugénio de Andrade, um recanto de arte paredes meias com a natureza antiga e repousada de uma cidade de burguesia.

O album está diante de nós. Desfolha-o lentamente e diante de cada foto, a sublinhar cada página, cada comentário, fala como quem confessa as dúvidas e as aventuras de um autêntico acto de criação:

— Entretanto verifiquei que certos períodos estavam escassamente representados no trabalho. Por exemplo: Diogo Brandão, poeta tão estimável que nascera por aqui, por estes sítios, como teria ele encarado a cidade? E Sá de Miranda, senhor das terras do Norte, teria o Sá de Miranda olhado as águas do Douro com registo de poeta?

Eça e as suas *blagues* sobre uma Quinta de Santo Ouvídio vêm à baila. Lembramos os desabafos humorais que Antero teve sobre o Porto nas cartas aos amigos. Nos sonetos de António Ferreira não haveria nenhum escrito para a dama que tanto amara e que nascera no Porto? Em toda a obra de Junqueiro não se descobriram uns versos para a cidade onde os seus habietantes lhe tiravam o chapéu ao passar?

Eugénio de Andrade põe estas questões com a precisão de quem faz um levantamento minucioso. António Nobre deveria ser trazido pelos cabelos à antologia apenas por um único verso que escreveu sobre a sua tera natal? Ângelo de Lima, portuense também. «terá rimado loucura com esta luz de pedra escura» como acaba de salientar o próprio Eugénio de Andrade, interrogando-nos nos olhos?

— A tudo isto — — diz ele depois de uma pausa — a isto e a tantas perguntas que a mim próprio ia fazendo a Antologia tinha de responder. e responde. Simplesmente há muito pouca gente que saiba escutar o silêncio.

OS PROSCRITOS

— Por outro lado a descrição topográfica levou-me a incluir Alberto de Oliveira. Alberto de Oliveira e outros, bem entendido... E certos traços do carácter desta gente, como a página de Ricardo Jorge sobre a abolição da pena de morte, não podiam se ignorados. Nem os aspectos *populares* da cidade que Camilo tão bem documenta... Nem a influência da colónia inglesa (encarada sob diversos ângulos...) Enfim, sem abdicar da qualidade dos textos. O que procurei foi uma alma, desculpe a ambiguidade de expressão. E felizmente que coube ao Armando Alves dar um rosto a essa alma. Um rosto fascinante.

— Antologiar é seleccionar — observamos então. — Por mais que se queira, uma antologia envolve sempre uma atitude crítica, as suas omissões...

— Intencionais ou involuntárias — corrige prontamente Eugénio de Andrade.

— Claro, intencionais ou não...

— E neste caso há uma exclusão que a muita gente poderá parecer escandalosa. Anote isso, não me custa nada confessar que Soares dos Passos ficou de fora. Sempre me interessou muito pouco como poeta mas isso não me impediria de o incluir, tanto mais que figuram nela alguns... escritores que não são da minha predilecção. Mas reli-o conscienciosamente e, acredito, o primeiro desapontamento foi a escassez da matéria alusiva à cidade.

— Mas não se pode dizer que *O Hino ao Porto*...

— O *Hino ao Porto* é mau. É um poema interminável e eu nem sequer conseguia aproveitar três ou quatro estrofes que coubessemê nos limites do livro e não fossem insípidas. Mas não foi caso único. No capítulo das omissões estou a lembrar-me de umas prosas de Castilho sobre o coração de D. Pedro. E, é verdade! um também não inclui nada de «Os Tripeiros» de António Coelho Louzada.

Uma vida activa, de fim de tarde, percorre esta zona inesquecível da cidade quando saímos para a rua e atravessamos, uma vez mais, a zona de São Lázaro. Pássaros nas árvores, estudantes que passeiam, cartazes nas paredes dos cafés, anunciando exposições, colóquios, sessões de cineclube. Um Porto que se ajusta à tradição cultural do que Eugénio de Andrade acaba de fazer o levantamento.

Eça, janota provinciano, divertia-se com o rumor (portuense) dos tamancos e certamente serviu a muito o bairrismo primário que desfoca convenientemente realidades essenciais de uma comunidade. Embora. O verdadeiro, o traço essencial veio de Fernão Lopes e salientaram-no pelos séculos para os homens que, como Antero, souberam sentir no Porto o seu vanguardismo liberal ou que, como Camilo, Raul Brandão e os escritores de hoje, contribuiram para lhe descrever a sua realidade nas dominantes que Eugénio de Andrade tão claramente resumiu a três *tempos:* heróico, dramático e sentimental.

Como numa longa e rica sinfonia, afinal...

Porto, Junho 1968

F. GUEDES SARMENTO

Günter Grass | Os animais do Apocalipse

ERA uma vez um cão...

...que se chamava Perkun, que gerou Senta da qual veio a nascer Prinz, *o cão-pastor que foi oferecido ao Fuhrer do Reich...*

A toada, hoje «clássica», de Günther Grass exala um perfume antigo a saga popular que a tornou inconfundível. Algo da tradição «barroca» de Grimmelshausen ou das baladas infantis do folclore alemão e, certamente também, huma herança de humor truculento que encontramos em Grosz e nos caricaturistas alemães. A cada passo — a bem dizer a cada linha — a exactidão do pormenor real ou historicamente documentado se cruza com o fantástico e se absorve dele e, assim, a acção objectiva entra em delírio. Delírio fugaz, no entanto. Porque logo se recompõe o ritmo da narrativa para entrar numa cadência minuciosa umas vezes de relato convencional, outras vezes de catalogação pura e simples de acontecimentos cronològicamente dispostos como num compêndio escolar. E destes cambiantes que se sucedem, destas alternâncias que se surpreendem resulta a maneira pessoalíssima de contar de Günther Grass, que logo ao primeiro romance — «O Tambor», ed. Estúdios Cor — o impôs como um dos «casos» mais relevantes da literatura do pós-guerra.

Há qualquer coisa de gnomo diabólico neste romancista, qualquer coisa de «monstruoso» — ou de predilecção pelo monstruoso que miraculosamente se salva do gosto mórbido. Repare-se que significativamente David Levine o caricaturou como um duende-espião, incòmodamente instalado no nosso mundo convencional... Mas esta atitude ladina de um narrador que *transfigura* a objectividade contemporânea nada tem, evidentemente, de ratuito e menos ainda se pode tomar como um recurso de exibicionismo destinado a fazer apelo à originalidade. Muito pelo contrário, o que Günther Grass nos dá com as suas distorções ridicularizantes e a sua fauna literária de animais domésticos — cães de chanceleres, gatos inclementes, anões sub-homens — é o fresco apocaliptico de uma etapa histórica em que o cidadão se identifica com a argúcia, a servidão ou os recursos dos seres primários que convivem com o homem e que dele adoptaram os modos de viver.

Basta ter lido «O Tambor», ou essoutro extraordinário romance que se lhe seguiu, «O cão de Hitler», para compreendermos a ferocidade do animal doméstico ou dos indivíduos fisicamente condenados a um lugar desprezível na sociedade descrita por Günther Grass. Uma sociedade inclemente, como é bem de ver. Um pesadelo repleto de gargalhadas escarninhas e de «moralidades» bem patenteadas que faz lembrar um outro intérprete de uma etapa apocaliptica da História: Hieronymus Bosch.

Prinz, o cão que acaba por figurar como personagem simbólico do grande Reich, tem, aos olhos do leitor, a representação turbulenta de um dos muitos animais híbridos, carregados de lenda, de passado e de abjecções, que ornamentam as célebres *Tentações de Santo Antão*.

ERA uma vez um gato...

...o qual gato pertencia ao guarda de um estádio e era negro...

Do cão de Hitler passamos a um gato vingador e estamos na saborosissima aventura de *O Gato e o Rato* que Publicações Europa-América acabam de editar.

Considerado pelo autor como a sua obra mais acabada, numa entrevista concedida a François Bondy, este romance, a todos os títulos excepcional, nem por isso pode pretender atingir as dimensões literárias dos outros dois. Se é certo que os escritores denunciam frequentemente uma ternura particular pelas suas obras menos compreendidas e se é nelas que por vezes puseram maiores desvelos de trabalho e maior empenho de síntese, a verdade também é que *O Gato e o Rato* não tem, desde a partida, a ambição gigantesca nem a abundância de contrastes de *O Tambor* ou de *O Cão de Hitler*. E, como reconhecimento público, também não se poderá dizer com propriedade que sofreu as vicissitudes de uma obra menosprezada, tanto mais que foi adaptado ao cinema (por sinal interpretado por dois filhos de Willy Brandt).

Ouçamos o próprio Gunther Grass: «Este romance (*O Gato e o Rato*) apareceu dois anos antes de *O Cão de Hitler* e está evidentemente ligado a ele...» — e deste modo compreendemos um outro significado do livro que vem a ser a de constituir como que uma introdução ao clima e à acção não apenas do romance seguinte e onde ele põe mais desenvolvidamente o drama de uma determinada sociedade destroçada pela guerra mas até o da sua peça teatral *Os Plebeus ensaiam o Motim* que tão grande êxito obteve nos palcos das duas Alemanhas.

Admirávelmente escrito, mais concentrado na acção, *O Gato e o Rato* tem, além do valor *in se*, a utilidade de ser um feliz convite de adesão ao estilo de Günther Grass e ao seu cosmos pessoal. A topografia e o fundo histórico são os mesmos e os pontos de identidade que se descobrem de uns para os outros encontram-se com uma permanência inequívoca.

O anão de *O Tambor* é, em certa medida, o contraponto grotesco do Mahlke de *O Gato e o Rato* que tem uma maçã-de-adão hiperatrofiada e que pretende disfarçar esse defeito com uma condecoração colocada ao pescoço. Paralelamente, o Walter Matern de *O Cão de Hitler* entra nas S. A. para obter um uniforme que deseja oferecer ao seu amigo Eddi Amsel e, quer Mahlke, quer Matern, vêm a sossobrar ridiculamente. No caso deste último parece ser esclarecedor que sabendo nadar e tendo passado largas horas da sua juventude a mergulhar em torno de um draga-minas naufragado, desapareça debaixo de água sem tornar a dar sinal de si. «Ter-se-ia refugiado para sempre lá no fundo, na cabine do navio que fora em tempos o seu refúgio de juventude?» perguntou o próprio Günther Grass a um jornalista que o entrevistou.

Günther Grass por Levine: «Um duende no mundo convencional...»

ERA uma vez...

...um Estado livre chamado Dantzig que foi centro comercial e praça de guerra...

...e discutido por alemães e polacos, anexado, liberto e reintegrado na nação, e nele

Na época da entrevista

por Augusto Abelaira

NATHALIE SARRAUTHE

1. Primeiro Nathalie Sarraute: Nos meus romances «procuro mostrar os movimentos que escapam geralmente ao domínio da vontade e até da consciência clara». E agora Philippe Solers: Não pretendo exprimir «qualquer coisa que estaria para áquem ou para além das palavras, qualquer coisa de mais profundo e originário». Estas citações sòmente, retiradas de entrevistas — mas poderia transcrever muitas outras (mùtuamente se contradizendo, não importa) de músicos, de pintores, de realizadores cinematográficos, de dramaturgos. «Que pretende V. com a sua nova obra?». — «Procuro...» Ah (o *ah* exclamativo é fundamental nestes casos, dá às frases um discreto sabor de melancolia) como estes artistas modernos se preocupam com as teorias, se multiplicam a explicar-nos o que pretendem ou não pretendem, o que fazem ou não fazem, o que o romance (ou a música, ou a pintura, etc.) deve ou não deve ser!

E mais esta frase a completar a anterior: será que não acreditam nas suas obras, que não acreditam falarem elas por si mesmas (a obra de arte *deve* falar por si mesma, ser autónoma, é uma forma de magia — quando precisa de explicações, ainda por cima do autor, mal vão as coisas, etc., etc.)? E ainda: esta preocupação excessiva a que se não furtam os autores de teorizarem acerca das próprias obras é certamente um fenómeno novo (e lamentável!) que traduz com toda a certeza uma grave crise criadora. Nem os escultores anónimos de Tell El Amarna, há mais de três mil anos, nem Praxiteles, nem os primitivos catalães se deram ao trabalho de nos explicar o que pretendiam. Para eles a teoria ainda se não sobrepusera à arte, mas que obras nos legaram!

A nostalgia, sempre tocante, dos velhos bons tempos afonsinos. Dos velhos bons tempos afonsinos ou melhor: dos velhos bons tempos afonsinos como nós desejaríamos que tivessem sido. Porque reflectir o artista acerca da arte não é um fenómeno absolutamente novo: se Brunelleschi, Ghiberti, Leon Battista Alberti, Piero della Francesca, Leonardo, servem para ilustrar aquela última asserção aqui fica o nome deles. Ou não serão grandes, inultrapassáveis artistas a quem o amor da teoria não limitou, antes decerto estimulou a capacidade criadora, ajudou a transformar o gosto de uma época? (E como não dou a ninguém o direito exclusivo da nostalgia, deixem-me ser nostálgico: ah, os bons tempos florentinos em que os artistas podiam dar-se à teoria sem que fossem acusados de a sobrepor à arte! Como Brunelleschi, Masaccio, Donatello não teriam acolhido no seu círculo o Sollers e a Sarraut para discutirem com eles a criação de um novo mundo romanesco!)

2. O melancólico parêntesis anterior e algumas das frases que o precederam não têm a intenção de negar que, pelo menos estatisticamente, alguma coisa de novo se passe: sem dúvida os artistas contemporâneos falam hoje em público muito mais acerca da sua arte do que falavam os escultores de Tell El Amarna e sem dúvida também o público do nosso tempo se preocupa muito mais com os problemas teóricos levantados pela arte do que se preocupavam os egípcios da época de Akhenaton (com excepção do próprio Akhenaton e, assim o espero, da sua formosa esposa Nefertiti). Mas isto depende não tanto de os artistas reflectirem menos, como dos meios de comunicação de que hoje dispõem: jornais, revistas, inquéritos, rádio, televisão... Mal publicam uma obra (pelo menos lá fora, mas mesmo cá dentro já vai sendo assim), logo são interrogados pelas páginas literárias: «Que pretendeu fazer?» E aquelas cogitações que dantes ficavam em silêncio (ou que eram confessadas aos amigos com talento literário, Francisco de Holanda ou Eckermann) vêem hoje a luz do sol.

Se a memória me não engana, Robbe-Grillet declarou recentemente (numa entrevista, claro!) que os seus textos teóricos são a consequência de uma encomenda do Express. Quer dizer: sem o *Express* não conheceríamos as meditações do autor de *Les Gommes* — mas isto não significa que ele não meditasse em silêncio acerca da sua arte. E como ele muitos outros artistas. Para mais, alguns deles, pelo menos os que não se dedicam às letras, têm dificuldade de escrever: a entrevista permite-lhes passar por cima dessa dificuldade — e escrevem com a mão do jornalista.

Em vez de lamentar o que se passa hoje prefiro lamentar o que não se passava ontem. Que pena que a Maria Antónia Palla (autora de uma ad-

nasceu — em Gdansk, precisamente — o cidadão Günther Grass que, aos 41 anos, lado a lado com Hans Magnum Ezensberger e Uwe Johnson, iria ocupar um dos lugares principais da literatura alemã da actualidade.

Ele próprio consequência das demandas políticas em que se viu envolvida a sua terra natal (Grass é descendente de alemães e de polacos), forçado à emigração e sentindo na carne os estigmas de um passado apátrida, aventureiro das artes e das letras, actor falhado, maquetista e, por fim, alemão de espírito rebelde — Günther Grass mostra-se irremediàvelmente fixado, por reflexo, ao território onde nasceu, a Pomerânia. Em Paris, enquanto procurava afirmar-se como pintor e, a seguir, como autor de peças radiofónicas e de textos para «ballet», jamais deixou de reflectir a obsessão de reabilitar uma pátria castigada pelo destino. Os *Poemas* que ali escreveu (e até os *Novos Poemas* que acabam de sair em tradução inglesa — edição Harcourt, Brace & World — e o romance *O Tambor*, que ali redigiu durante cinco anos, assentam na obstinação de compreender aquele pequeno território e de lhe dar um lugar histórico na crise europeia que o destroçou. É esse o motivo pelo qual os seus romances se nos revelam tão profundamente impregnados de heranças do folclore e de sugestões das narrativas tradicionais, ao mesmo tempo que em todos eles o quadro dos acontecimentos históricos se faz constantemente sentir como coordenada da efabulação.

Poderemos, entretanto, perguntar-nos a que ponto o distanciamento da pátria a que se viu votado Günther Grass não contribuiu *também* para «transfigurar» ou para dar um clima de fantástico à paisagem da sua Pomerânia. Isso afigura-se legítimo e, mais do que legítimo, como hipótese de peso. Günther Grass, com o extraordinário poder de efabulação que o acompanha e o irreprimível sentido «histórico» da realidade, está, como William Faulkner, fazendo a crónica do seu condado mítico. Só que o condado de Yoknapatawpa enaltecido por Faulkner rescende a uma nostalgia pelos valores tradicionais ultrapassados (entre esses uma ideia de Destino Sulista) enquanto que em Günther Grass o que conta é a reintegração de uma comunidade nas formas de vida actuais. A presença do insólito e do monstruoso não são nele efeitos ou métodos de aliciação do leitor mas expressões simbólicas de uma realidade que, já de si, é cruel e obsoleta.

SHEPPARD DE MORAES

O regresso de Manuel da Fonseca

● ESCREVO SEMPRE

Manuel da Fonseca, poeta grande do «Novo Cancioneiro» e prosador dos maiores do «neo-realismo», continua presente e vivo no movimento literário português, com o aparecimento de «Um Anjo no Trapézio», volume editado há dias pela «Prelo» e que reune além da novela que dá o título ao livro, mais meia duzia de contos.

Há cerca de seis anos, concretamente desde «A Seara de Vento», que Fonseca não publicara um livro original. No decorrer deste «brevíssimo encontro», o poeta de «Mataram a Tuna» disse-nos com ar de quem se justifica, o que, em nosso entender, não conseguiu:

— Mais ou menos, escrevo sempre. Que hei-de fazer... se até é das coisas de que mais gosto?... E porque gosto, nem sempre tudo quanto escrevo me parece possível de editar, do qual facto penso que não tenho culpa. Por outro lado, isto de «ganhar a vida» (que ironia!), obriga-me a uma violenta dispersão, sem contrapartida que valha — sujeitos como eu nunca conseguem «ganhar a vida». Ainda há mais: este meu conhecimento, do «meio», demasiado e infeliz conhecimento, salvo raras e respeitadas excepções, traz certa amargura, certo desencanto, do qual me resulta sempre a interrogação — Um livro a mais valerá a pena? E tão verdadeiro é o interrogar-me que, lá de vez em quando, acontece o que, com grande surpresa minha, agora aconteceu — publicar um livro.

● LISBOA COMO CENÁRIO...

— Localizando estas histórias fundamentalmente em Lisboa, que pensa que representam na sua obra?

Manuel da Fonseca piscou os olhos, com aquele ar simultâneamente inocente e sabido que o caracteriza, e respondeu com voz pausada:

— Obra? Bem, não discutamos isso. Faça de conta que a pergunta está de acordo com o que tenho escrito, até me convém, e passo Aos mais favorecidos pela benevolência dos a responder. As histórias de «Um Anjo no Trapézio» com o natural desejo de falar do meio onde tenho vivido, de discutir com esse meio, de tentar conhecê-lo melhor. Tudo quanto me inquieta, tudo quanto me fere ou revolta, tudo quanto não alcanço compreender ou sentir logo que observo ou leio ou penso ou sinto dão-me ganas de escrever .Por isso o faço. Desejo acima de tudo entender a vida que me cerca a ver se entendo a minha vida, através dos outros, já que sou e serei um homem comum, na plena acepção da palavra. E isto seja onde for que me encontre seja a província ou a cidade. Acontece que estas histórias se passam na cidade. E acontece que a crítica, uns críticos que há, costumam compartimentar geográficamente os escritores que há. Assim, a muitos (e será o meu caso) é-lhes apenas concedida (e já têm sorte!) uma aldeia como único e vigiado cenário dos seus livros. referidos críticos é-lhes concedido abarcarem um distrito ou até (que sorte!...) uma província inteira! Mas, só a poucos, tão poucos que se vê logo que o País tem os seus donos, é dado, e á larga, o privilégio de se ocuparem da capital, e do mais que queiram. Pois bem, estas de «Um Anjo no Trapezio» desconhecedoras de tão salutares e construtivas regras em prol da literatura

(Continua na 7.ª página)

mirável entrevista com José Gomes Ferreira) ou que a Eduarda Dionísio, o Almeida Faria ou o Luís Salgado de Matos (os jovens e inteligentes inquiridores de uma importante *Situação da Arte*, recentemente publicada) não tenham vivido em Tell El Amarna ou em Atenas ou em Chartres nos momentos apropriados. Porque podemos ter a certeza: o autor do busto de Nefertiti (o de Berlim) poderia contar-lhes muitas coisas acerca do que, para ele, era a escultura, mesmo admitindo que ainda a não considerasse uma *arte*. E os outros anónimos que assim deixariam de o ser.

3. Bem sei: o que fica para trás é excessivo e subentende a crença, que aliás não tenho, de que o homem foi sempre o mesmo através dos tempos. O amor da teoria é certamente uma conquista (dos Gregos?) não um dado original. Mas quando certo poeta anónimo de Babilónia se queixa num tijolo (trinta séculos o contemplam!) de que já não há temas poéticos, não será isto uma meditação acerca da arte? Que mais não diria ele se pudéssemos tê-lo interrogado?

Lamentável, talvez. Mas a prática da arte põe sempre ao artista alguns problemas que a própria arte não resolve. E se o artista se vê obrigado a enfrentar esses problemas porque, não há-de revelá-los ao público sem que isso possa ser considerado uma sobreposição da teoria às obras?

4. Em todo o caso, o coelho que trago hoje escondido na manga é inteiramente alheio aos escultores de Tell El Amarna e ao anónimo poeta de Babilónia, diz respeito, sim, a Chateaubriand, a George Sand, a Balzac, a Stendhal, a Flaubert, a Zola, etc. É um volume organizado por dois professores norte-americanos (Herbert S. Gershman e Kernan B. Whitworth) e publicado em França por J. F. Revel numa colecção já extinta, (também na França vão morrendo, para irónica consolação nossa, certos empreendimentos editoriais importantes — e por desinteresse do público!). O título dá uma ideia da obra: *Antologia dos Prefácios de Romances Franceses do Século XIX*.

A cada época os meios de comunicação que merece: na falta da entrevista a interrogá-los acerca dos romances ou da arte em geral, os escritores tomavam a iniciativa, e escreviam prefácios.

Por falta de confiança nas obras, por não acreditarem que elas falassem por si mesmas? Algumas delas: *Obermann, Adolphe, Lucien Leuwen, A Comédia Humana, Salammbô, Thérèse Raquin*. Obras sem importância?

Teorias de romancistas: «O romance deve..., com os meus livros pretendo...» Teorias que umas às outras se contradizem, naturalmente, e quase sempre autocontraditórias. Boas? Más? Sejamos francos: nem melhores nem piores do que as de Sollers ou da Sarraute (ou de Molière ou de Racine, já no século XVII). Mas pertencendo afinal aos próprios romances, mesmo quando são arbitrárias — pertencendo, pelo menos, ao clima mental que serviu de fundo à criação desses romances. Porque assim como não há teoria sem um mínimo de prática, não há prática (não há obras) sem um mínimo de teoria. E a suposição de que existe uma separação absoluta entre a obra (o romance) e aquilo que o autor pretendeu ou julga ter pretendido com ela, tem muito que se lhe diga e só seria verdadeira se o autor não fosse um homem único, uma totalidade. As suas certezas, as suas ilusões, as suas mentiras são significativas acerca da obra, pertencem ao jogo que o romance é.

Pelo menos quando o romance é uma obra-prima, pois só os romances medíocres têm vida autónoma, falam espontâneamente aos leitores (e falam porque não dizem nada). As obras-primas são avaras de palavras (passe o absurdo da expressão), para falarem convenientemente precisam que recorramos ao que lhes é exterior: os prefácios (ou entrevistas) dos seus autores, os comentários (estilísticos, sociológicos, impressionistas, etc.) da crítica. Em si mesmas, são silenciosas.

Na madrugada de 12 de Maio de 1966, Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, ao regressar a casa encontra a mulher afogada na lagoa da sua propriedade...

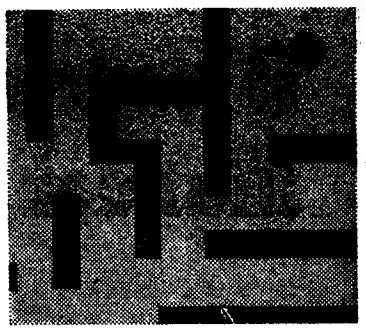
O fulcro do novo romance de José Cardoso Pires é este. Ele põe-nos em presença de um tema inesperado e de um novo herói que, entregue aos seus demónios interiores, procura fugir ao tempo cavalgando um potente "Jaguar".
Romance há anos aguardado, O DELFIM ultrapassa os convencionais limites da narração e surpreende pelas propostas da nova lógica narrativa que contém.

José Cardoso Pires

O DELFIM

MORAES editores

Uma antologia oportuna



Obra da maior oportunidade é esta Antologia de Textos Teóricos. *Estruturalismo* que Eduardo Prado Coelho organizou para a Col. Problemas (Portugália Editora). Inteligentemente sistematizada na sua estruturação, a obra inclui Textos Gerais, uma entrevista de Sartre e desenvolve-se a seguir por 3 capítulos fundamentais em que se situa a interpretação estruturalista: Antropologia Cultural, Psicanálise e Materialismo Dialéctico, a que se seguem artigos de Roland Barthes, Gérard Genette, Levi-Strauss e Alain Badiou sobre a Estética.

Num estudo notàvelmente articulado — e que não cabe aqui analizar nesta breve nota informativa — Eduardo Prado Coelho previne que «o objectivo da antologia não é expor, em textos de síntese, a verdadeira teoria estruturalista. Não existe um estruturalismo ideal, tal como é inutil procurar um cartesianismo ideal ou um marxismo ideal».

Contudo, a obra permite uma familiarização com o fenómeno em si mesmo e promove uma visão de conjunto da maior importancia para quem quer que pretenda aperceber-se *pelo menos* da diversidade de perspectivas que uma interpretação estruturalista pode facultar. Independentemente da parte antológica, o estudo prefacial de Eduardo Prado Coelho revela-se de um interesse e de uma objectividade assinaláveis. Ele não surge como uma chave definitiva e expressamente se declara como uma contribuição para estimular e facilitar a abordagem dos problemas: «A presente introdução não pretende fazer, a partir dos textos seleccionados, um resumo do essencial, e inteiriçá-lo na rigidez de uma doutrina» (pág. VII). E mais adiante: «O estruturalismo não era assunto inteiramente ignorado entre nós. Pelo contrário, os investigadores e ensaistas mais informados já utilizavam o estruturalismo não propriamente como tema, mas como horizonte das suas hipóteses. No dominio literário merece especial atenção a tentativa de Óscar Lopes com base na obra de Gil Vicente ou os trabalhos de Jorge Sena.»

Na hora da polémica estas palavras de serenidade são realmente esclarecedoras.

Diários íntimos

(Continuação da 1.ª página)

munho íntimo do escritor, pólo esse que não pode deixar de ser abandonado pelo autor dos nosso dias. Muito tempo passará, talvez, antes que a literatura volte a descobrí-lo, e então talvez seja demasiado tarde para reencontrar o rastro perdido de uma vocação nessa altura completamente fossilizada na criatura humana.

Não há ironia nestas nossas palavras. Haverá, talvez, melancolia, pois não é fácil resignar-se alguém que ainda hoje se apaixona pela leitura dos diários íntimos de Kafka ou de Gide, de Julien Green ou de Mauriac à ideia de que convívio tão pacificador com a alma do nosso semelhante acabará de vez ou irá tornar-se impossível para o futuro.

Mente muito o homem que se confessa no segredo do seu diário? A mentira no plano da intimidade literária não é mentira: é procura de uma verdade que só existe concretizada em palavras. Observava-me há tempos um jovem critico da mais exigente vanguarda que quem escreve não sabe pràticamente o que vai escrever antes de o ter feito. E isto, que é verdade há muitos séculos, e que eu próprio sustentei há três dezenas de anos, quando neste mesmo jornal proclamava que a «literatura era uma forma de revelação pessoal», ganha toda a sua acuidade na génese do diário íntimo. A palavra revela ao homem o que na sua consciência é apenas aspiração a uma forma mais precisa de autoconhecimento. E se na obra de criação pròpriamente dita — na poesia ou no romance — a margem de transposição entre o que o escritor quer dizer e aquilo que a própria técnica literária exige que ele diga é ampla, no diário íntimo é restrita. Quer dizer, o escritor *mente* sempre ou, pelo menos, julga sempre que *mente*, mas ainda onde ele *mente* menos é na página do seu diário, *revelador* confessional directo que é do seu próprio *existir* consciente ou inconsciente.

Que vem a ser afinal sinceridade em literatura? Onde principia a mentira de quem

FRANÇOIS MAURIAC

escreve e acaba a sua verdade íntima? Tudo isto no-lo dizia de certo modo o género literário em vias de extinção. E o que torna apaixonante a leitura dos mais célebres diários íntimos — o de Benjamim Constant, por exemplo — é a descoberta das relações entre a sinceridade da vida do autor e a sinceridade da sua confissão escrita.

Problemas de somenos na hora que passa, em verdade, pois que o escritor dos nossos dias já não fala por si, já não é uma voz pessoal, casca de noz flutuando ao sabor das correntes linguisticas que na sua estruturação colectiva o levam para onde nem ele próprio sabe, intérprete inconsciente que é de mil e um factores que o transcendem e subvertem. Ninguém pode dizer nos nossos dias que, sentado diante da página branca do seu diário, vai depositar nela o testemunho pessoal de alguém que julgava encontrar-se a si próprio confessando-se. O diário íntimo morreu no dia em que o homem deixou de existir individualmente, tornando-se o reflexo de toda uma estrutura linguístico-social exterior a ele, à sua intimidade individual.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Cortazar

(Continuação da 1.ª página)

cretas têm a segurança do tempo, a sageza da velhice, e multiscientes encaminham o homem, fotografam-no e revelam-no cruamente pondo de lado todos os maneirismos, todos os ardis em que costuma embrulhar-se. O amor e a morte são os dois grandes pólos a que o homem é arrastado. Mas na sua base, nos interstícios de cada palavra, de cada movimento, levantam-se poeiras de raiva e sangue, nuvens de oportunismo e falsidade, rajadas de desespero e pavor. O homem é obrigado a interrogar-se, a justificar-se perante si e os outros, a esconder a acidez que o movimenta, a ocultar o passado que lhe forneceu o presente. Mesmo nas coisas mais vulgares, nos factos mais comezinhos, há *armas secretas* que o visam, o cercam, lhe tolhem o passo, o emparedam, lhe atam as mãos, lhe impedem os movimentos. O homem desdobra-se para se mostrar plenamente. Nem sempre a autópsia é exemplar, adrede é detestável a sua radiografia, mas é de homens e não de deuses que Júlio Cortázar nos fala.

Servindo-se, frequentemente, dos casos mais banais, Cortázar, mercê do seu estilo e da segurança com que narra, leva o leitor a aderir ás personagens que pinta, aos ambientes que inventa. Há um sortilégio na sua criação, um encantamento nas suas histórias que prendem o leitor á realidade da sua ficção. E subitamente repara-se que o maravilhoso irreal das suas histórias está vivo e presente na realidade que nos cerca.

Eis as *armas secretas* de Julio Cortázar: a realidade ou a irrealidade das coisas forçam o homem a mergulhar irrealmente na realidade.

Rennes, 11 Maio 68.

LIBERTO CRUZ

(1) Em português tem o título de *Blow-Up e Outras Histórias*. Trad. de Maria Manuela Fernandes Ferreira. Publicações Europa-América. 1968.

Novas formas, novos artistas

Facto curioso é o de até em certas exposições, que se tornam acontecimentos sociais, «podres de chique», como diria o Dâmaso Salcede, haver concessões às novas formas de arte. E, nalgumas, apenas concessões, senão que enquadrando-se inteiramente na corrente de arte do nosso tempo. Não tratando, por agora do seu valor intrínseco, a que já nos referimos, não será esse o caso daquela exposição de Ana Maria Botelho, há semanas na Galeria Dinastia? Foi um acontecimento social, sem dúvida, mas não sobretudo por factores artísticos. E lá estava aquele Cristo à maneira de Bual, a dizer-nos que a artista se enquadra no tempo de hoje, a despeito da maioria dos assistentes ao «vernissage» se sentirem mais à vontade entre quadros académicos e formais. Não seria assim.

Constitui, realmente, esta interpenetração de homens de ontem e de hoje, artistas que já foram e outros que querem vir a ser, um sintoma de renovação perene. É de sempre, não é só de hoje. E os homens que olham para os quadros ou para as esculturas ou para os desenhos e se sentem estremunhados, na primeira, procuram compreender na segunda e acabam por adaptar suas sensibilidades a novas formas e a novas concepções estéticas.

Citámos há pouco uma artista nova, mas sem posição determinada no campo da pintura, oscilante entre a exposição de há anos na galeria do «Diário de Notícias» e a de agora, na Dinastia. Até nesta, ela se mostra apegada a divrsos mestres ou escolas. Mas o academismo é que foi banido. Definitivamente? Não sabemos, neste caso individual, nem isso interessa. De assinalar é, sim, que as gentes-bem já podem encher um salão sem academismos.

Na acolhedora galeria do Chiado apresentou-se agora um jovem artista que é uma afirmação. Não nos parece que o Miguel Arruda, que expos agora esteja o artista feito e maduro a afirmar-se inteiro, no Desenho ou na Escultura. Mais do que isso é de salientar que estamos diante de um artista do nosso tempo, mas este sem oscilações. Tem influências e fortes, mas não tem concessões à arte que passou e envelheceu. É ele e só ele, com o seu mundo das formas e das linhas, procurando exprimir a sensibilidade estuante interior, a modelar a vida que o envolve.

Em Miguel Arruda, ainda na Escola de Belas-Artes, teremos um artista se ele tiver força para continuar a ser sincero e a estudar a maneira de melhor se exprimir.

Quando Lagoa Henriques foi transferido para Lisboa, demos-lhe as boas-vindas e — mais do que ele — demos os emboras à escola que o recebia. Ora, os frutos da doutrinação, da cultura e da seriedade do ensino de Lagoa Henriques apareceram em duas exposições quase sucessivas nesta mesma galeria do Chiado. Foi há umas semanas M. Luz Lindo com desenhos verdadeiramente notáveis. Agora é este jovem Miguel Arruda com seus desenhos a carvão e a tinta-da-china e com suas esculturas de ferro, de gesso, de pedra.

O artista apresenta-nos desenhos, como todo o artista que começa deveria apresentar. O escultor, apresenta-nos modelações a dizer-nos que os seus ferros não são uma maneira de fugir aos elementos da sua arte, iludindo com formas relativamente fáceis os alicerces da sua arte.

É um artista este finalista da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa; e um artista do seu tempo, que não repete apenas, mas procura dar a sua mensagem, aprendendo a linguagem com que os artistas se devem exprimir. Essa humildade de aprendizagem, tradu-la Miguel Arruda na legenda de Brancusi que imprimiu no catálogo. De facto, as coisas não são difíceis de fazer, o que é difícil é aprender a fazê-las. Escrever é fácil, e preciso é saber escrever. Modelar é fácil para quem saiba modelar, como é fácil pintar para quem saiba pintar e tocar piano para quem tenha o saber e a prática. Já o dizia outro que não foi Brancusi, mas Sun Iat Sen: «Saber é difícil, mas executar é fácil». É que as coisas não são exclusivas da Arte.

Pois é. Necessário é que esta lição de humildade e aprendizagem acompanhem o artista pela vida fora.

ESCULTURA, de Miguel Arruda

Manuel da Fonseca

(Continuação da 5.ª página)

portuguesa vieram ter comigo, vivi com elas, ri-me e entristeci com elas, e, vai, contei-as. A culpa é minha e não delas, pelo que peço desculpa.

Sorrimos e desejámos saber que pensava Manuel da Fonseca do seu ultimo livro.

— Mal, muito mal. Aliás como de todos os livros, quando suponho que os acabei de escrever. Ercrever, sinto-o, é sempre um recomeçar, a partir do nada. Ou a partir do todo que somos. Seja como for, será um livro paralelo á «Aldeia Nova». Honestamente, humildemente paralelo áquele. «Aldeia Nova» foi um tentear da vida de província, «Um Anjo no Trapézio» será, se o consegui, um tentear da vida da cidade. São coisas que se devem dizer, embora ficasse melhor aqui entoar a «Aria-do-Escritor-Cada-Vez-Mais-Inédito-e-Melhor-do-que-na-Véspera». Como vê um livro trivial e simples á minha maneira, o que já é vaidade minha. Adiante. «Um Anjo no Trapézio», que dá o título ao livro, é um velho projecto que tentei há anos. Romance, trezentas páginas. Com o tempo de tanta palavra ficou-me o essencial — as trinta ou quarenta que lá vêm no livro. O resto são contos mais ou menos de uma gente que anda por aí, pelas ruas da cidade, e de uma outra que anda pela beira do mar, nas férias, e a quem nada mais acontece do que matar-se ou ver os outros morrer.

— E quanto ao estilo?

— O estilo é tudo isso que disse antes. Isso de ser eu a viver, sofrer e interrogar as pessoas de quem escrevo. Dá-nos o estilo este drama. Ou esta alegria. Farsa, ás vezes. Esse é o estilo que há comigo á escrita. Assim desprevenido dos efeitos estilísticos e atento ao que sofro ao contar, como, vamos lá, me aconteceu ao escrever «O Fogo e as Cinzas» e «A Seara de Vento». Ou seja: não me meter na pele das personagens, pois que sou pele e carne delas.

● «NUNCA TENHO PROJECTOS...»

Sobre o futuro próximo ou longínquo Manuel da Fonseca não gosta de pronunciar-se.

— Sei lá. Poesia? Assinei há dias o contrato para uma nova edição dos «Poemas Completos», aos quais penso acrescentar uma escolha de poesias que, de quando, vou escrevendo.

Mas não era tudo...

— Talvez publique também um romance e um volume de crónicas. Deu-me agora para isso. O romance será o que há-de ver-se. Quanto ás crónicas serão as que estou a escrever vai para dois anos na «Republica». A certeza disso? Não tenho. Mas pode ser que sim, que as publique. Além disso — (confessou com uma humildade orgulhosa, que é o seu timbre) — nunca tenho projectos para o futuro, no que se refere a livros. Se penso que já são livros publicáveis — publico-os ou não. Mais nada do que isso.

Música

(Continuação da 8.ª página)

ciencialização do momento presente) tais termos se sintetizam numa só atitude de criação; cada obra é, ao mesmo tempo, uma *experiência-resultado* e é definitiva na própria medida em que é experimental.

Além da composição em sentido tradicional, têm vindo a incorporar-se como técnicas autónomas, entre outras, a «colagem» e a transformação electrónica do som instrumental no próprio momento de execução, que funciona como uma imagem artificialmente deformada do modelo e em íntima ligação (temporal) com este.

A técnica da «colagem» vem a substituir, de certo modo, a da «citação», pela inclusão de elementos de outras culturas (no tempo e no espaço) e a integração de caracteres gramaticais e estilísticos da música europeia do passado, bem como a absorção de elementos musicais da «cultura de massa» dos nossos dias, tratando-os como simples materiais componentes. (4)

JORGE R. PEIXINHO

1) — O que é mais grotesco é verificar que o que a grande massa considera como música é o que realmente não poderá ser considerado como tal (a chamada «música ligeira» e demais subprodutos), pela tal carência de um mínimo de estruturação coerente e pela completa ausência de espírito criador, patente no emprego de fórmulas extremamente banais e estereotipadas, desprovidas de qualquer potencial de «informação».

2) — Um dos factos postos em evidência é o «coeficiente de ruído» variável, existente no ataque ou articulação dos sons ditos «musicais» (por exemplo um pizzicato de violino), verificável na «distorsão» do fenómeno oscilatório no momento do ataque.

3) O compositor preparou uma gama bastante extensa de sons electrónicos, aproximando-os das características de timbre do piano e das várias famílias de instrumentos de percussão (pele, madeira, metal, etc.) e todos os graus respectivos de mediação — uma espécie de «reacção *a priori*». Por seu turno, os dois instrumentistas deverão reagir com uma certa mobilidade a um contexto fixo (a parte electrónica) que lhes é proposto — «reacção *a posteriori*».

4) — Aos valores psicológicos inerentes á «citação», frutos de uma concepção individualista, substituem-se, groso modo, os valores sociológicos da reintegração de elementos alheios directamente à problemática musical nossa contemporânea com alto poder de informação colectiva.

RUVINA

APRESENTA NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

(PAVILHÃO AA STAND 619/20)

A MAIOR EXPOSIÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS REPRESENTANDO OS SEGUINTES PAÍSES E MARCAS

ALEMANHA OCIDENTAL	CHECOSLOVÁQUIA	ITÁLIA	JAPÃO	SUIÇA
Echolette	Lignatone	PARFISA	YAMAHA	PAISTE

CASA RUVINA ● PORTO—RUA FORMOSA, 173 ● LISBOA—RUA DO TELHAL, 76

Eduardo Prado Coelho

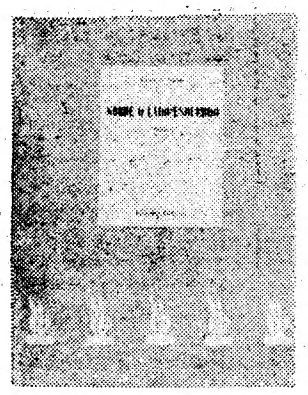
Poeta ou guia índio

POR entre o monte de livros de poesia que ainda não li, havia um que, pelo seu tamanho reduzido, se arriscava com o tempo a desaparecer no desarrumação geral: refiro-me a *Sobre o lado esquerdo* (*) pequeno volume de Carlos de Oliveira, com cerca de vinte poemas. Ao folheá-lo pela primeira vez não me apercebi do que nele essencialmente conta: a sua unidade, a circularidade dos seus temas e dos seus efeitos poéticos. Lendo um ou outro poema desgarrados, é difícil apreender o tom glacial que os enlaça e ilumina. Só depois, relendo-os cuidadosamente do princípio até ao fim, se torna visível a articulação duma voz, voz ímpar na nossa poesia, voz que apenas podemos censurar por ser excessivamente preguiçosa.

Mas as leituras cruzam-se, esclarecem-se mutuamente e assinalam no ponto em que se tocam um lugar de reflexão. No momento em que retomo *Sobre o lado esquerdo*, início também a releitura de um livro que já conhecia na edição original, e que me aparece agora como um outro na sua apresentação em livro de bolso: *L'espace littéraire* de Maurice Blanchot. E enquanto penso na transformação que a simples mudança de formato pode operar (o que é secundário), e penso ainda no que será talvez o génio de Blanchot (o que é essencial), há uma frase que se impõe — como um encontro:

«Mal dormir, c'est justment ne pouvoir trouver sa position. Le mauvair dormeur se tourne et se retourne à la recherche de ce lieu véritable dont in sait qu'il est unique et que, dans ce point seul, le monde renoncera à son immensité errante.»

Entrevejo aqui uma perspectiva que poderá definir o projecto geral de Carlos de Oliveira esta poesia de insónia («alguém que escreve e não dorme», assim o designou Eduarda Dionísio), «quando a insónia vibra



com a nitidez dos sinos, dos cristais», esta poesia da noite («a noite que cercou o meu ofício») é talvez, no seu sonambulismo descarnado, a procura intensa de um lugar. Ou ainda: de uma situação. Ou de um equilíbrio. Ou ainda: de uma justiça.

Portanto, poesia toda elaborada pela angústia de não achar o repouso, a tranquilidade desejada, poesia obcecada pela imagem longínqua e diurna de uma manhã serena. Imagem impossível, que a palavra nos propõe e nos recusa, imagem negada na amargura da renúncia, quando o poeta descobre que «o melhor é voltar-me para o lado esquerdo e assim, deslocando todo o peso do sangue sobre a metade mais gasta do meu corpo, esmagar o coração.»

ANOTO a expressão «o peso do sangue». Ela vai-me ser útil. Reparo agora que todo o livro de Carlos de Oliveira procura apreender *a lenta sedimentação de um sentido involuntário que vai carregando as coisas e as pessoas de uma verdade que elas não assumiram por inteiro.*

E por isso o poeta se ocupa do passado, e sobretudo dos labirintos lunares da sua infância, porque aí se revelam, na dimensão do tempo, as razões emudecidas, os gestos incompletos, a demorada acumulação dos rostos, todas essas marcas que hoje sulcam em contraluz a sua face adulta.

E por isso também o poeta se ocupa do sono, das zonas crepusculares onde o sonho irrompe para, na dimensão do espaço, delimitar a rede inconsciente onde o sujeito irá emergir como voz e perfil.

E por isso ainda o poeta se ocupa do poema, desse trabalho áspero e delicado de combinar as palavras para que digam na nitidez de uma caligrafia (conjunção instantânea de um espaço e de um tempo) o que nelas apagadamente se dizia.

ESBOÇÁMOS agora a configuração do livro: ele fala-nos do labor invisível que atravessa as coisas e imperceptivelmente as transforma. E metafòricamente, o modelo surge: é a imagem quase biológica de algo que segrega, que vai produzindo ao longo de um tempo ilimitado uma verdade discreta, latente, subterrânea. É esse trabalho de segregação que dá ao sangue um peso. É ele que permite falar da «pedra hereditária dos brônquios». Ele é uma espécie de bolor: «Pego na folha de papel, onde o bolor do poema se infiltrou...» Que é ainda «o vagaroso estrume doutro poema».

Porque, se um princípio define a poesia de Calros de Oliveira, ele é o Lavoisier:

«Na poesia,
natureza variável
das palavras,
nada se perde
ou se cria,
tudo se transforma».

O poeta não se vai ocupar da transformação violenta, radical, que na ruptura dum momento impõe a lei duma nova forma. Não: o que interessa ao poeta é a transformação lenta, vagarosa, ténue, o trabalho de tempo que apenas se grava na invisível alteração dum espaço. Daí que o poeta fale «no *vagaroso* amor / que é o trabalho quase imperceptível / das manchas de bolor». A lentidão é o movimento geral destes versos, uma lentidão apenas ameaçada pela morte inadiável que a cerca: «e um relógio apressado no meu peito», que mais não é do que o sinal da antinomia irredutível entre «o coração vertiginoso / e a lentidão do mundo».

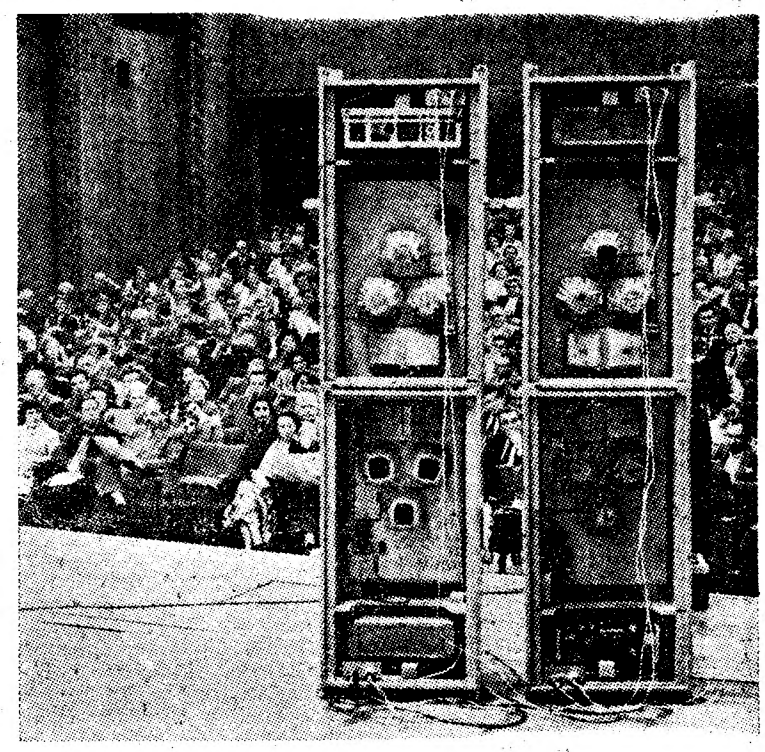
Esta atenção dada à mudança que percorre as coisas e as torna diferentes aproxima-nos duma apreensão de algo que poderá surgir como o ritmo íntimo da vida: «a pulsação difícil das algas», «as ténues vibrações do mundo», «o suave movimento do mundo a acelerar-se pouco a pouco». o «anoitecer das árvores (que) nos surgem tão carregadas de tempo».

O que também é curioso é verificar como em Carlos de Oliveira se manifesta um enorme interesse pelas palavras. Tendência que não é única no actual «neo-realismo» português, porque o mesmo se verifica em Abelaira, que faz da admirável narrativa que é *Bolor* um longo exercício sobre essa forma de viver-e-não-viver que é escrever um diário e fazer depender de cada palavra o que de essencial e definitivo em cada dia somos. Este interesse pela linguagem da parte de Carlos de Oliveira está na linha da atenção dedicada à secreta e subtil alquimia que nas coisas se processa. Porque a linguagem, sendo intenção de significar, é também inscrição de significações que nenhuma intenção em nós registou. Se a palavra é o significante, ela é também o lugar do insignificante, a ilha submersa onde ele se transforma em tesouro, herança, peso do sangue, tempo coagulado. E daí o princípio de Lavoisier: nada se perde, tudo se transforma em nós, e em nós se prolonga, seja nos corredores de sono onde tropeçamos na nossa cegueira, seja na arquitectura solar de um poema.

Para Carlos de Oliveira, as palavras têm uma função: *elas revelam*, tal como um filme se revela quando o entregamos aos sais da prata. E elas revelam tudo: o que se aceitou e o que se recusou, o que foi imagem e o que foi dissimulação.

SEMPRE me fascinou, nas histórias aos quadradinhos da minha infância, a figura do guia índio que, colando o ouvido à terra, pressentia, a horas de distância, o trote amigo dos cavalos. É esta a atitude do poeta: encostado à noite que o rodeia, moldando-se nela, adivinha-lhe o latejar das veias, o rumor dos seus canais. E esses movimentos, que apenas se assinalam nas pregas cintilantes da escuridão, constituem o corpo obscuro e enervado do poema. Poeta ou guia índio: poderás tu dizer, no enigma selado da tua língua, em que galope se anuncia o lugar mais justo que a insónia enovela — essa clareira ou transparência que na alegria das palavras a cada passo ou verso se vislumbra?

(*) Carlos de Oliveira, *Sobre o lado esquerdo* (poemas — 1961-1962), Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1968.



Estreia mundial da música electrónica do «Canto dos Adolescentes», em Colónia, 1956

Música: Perspectivas

por Jorge Peixinho

O que é a música?

Não é apenas, certamente, aquilo que a maioria designa como tal (1), mas tudo o que nós desejamos (conscientemente) que ela seja. Por outras palavras: aquilo que nós realizamos em base a determinadas coordenadas de ordem formal (fundamentalmente, uma estruturação do material segundo certos princípios subjectivos de organização).

Nos caminhos trilhados pela música no decorrer das últimas décadas têm-se assistido a um progressivo e cada vez mais consciente passo para a integração de aspectos complementares do som (até certa altura considerado o elemento básico e primordial da criação musical): o silêncio e o ruído.

Nas artes plásticas têm-se verificado, simultâneamente, uma confluência de estruturas tradicionalmente pertencentes a compartimentos definidos e diferenciados; a pintura e a escultura têm vindo a aproximar-se e a fazer convergir recíprocamente aspectos das suas poéticas; não mais uma oposição irredutível entre espaços bi e tridemensionais, mas uma integração extremamente flexível desses espaços, desembocando numa pluridimensionalidade de grande mobilidade.

Webern não descobriu o silêncio na música, é certo, mas foi ele quem justamente o valorizou, a ponto de o considerar como elemento de igual importância que o som; articulando-o e fazendo existir em contraponto com este, construindo uma forma em que o silêncio funciona como um espaço sonoro (ou melhor, como uma unidade de espaço sonoro) numa dialéctica de densidades sonoras continuamente variáveis. Mas o alcance da concepção weberniana do silêncio não se detém nesses aspectos imediatamente materiais; vai atingir o cerne de uma nova poética, fundada sobre a revelação total do som: uma valorização deste, fazendo-o emergir em função de um «espaço» que lhe é próprio; «é aqui que se funda a complementaridade do contínuo e do descontínuo, conforme revela lùcidamente Henri Pousseur.

Quanto ao ruído, após a primeira tentativa sistemática de integração, por Varése nas suas obras dos anos 20, deparamos com a sua total reabilitação na música concreta e, sobretudo, na música electrónica.

A cultura musical ocidental havia tradicionalmente subvalorizado o ruído, cavando uma dicotomia aparentemente irredutível entre este e o som «musical»; deste modo, toda a articulação do sistema tonal se fez excluindo o ruído da sua estruturação. Modernamente, o desenvolvimento dos estudos acústicos vieram relevar uma real relatividade entre todos os fenómenos sonoros, desde os regulares e periódicos até aos mais irregularmente aperiódicos. (2) A música electrónica veio equacionar o problema de modo decisivo e radical, propondo um material muito amplo e contínuo, indo desde o som sinusoidal ao fenómenos de ruído mais complexos. A grande viragem da arte musical com o aparecimento da música electrónica não ficou por aí: novos problemas surgiram na música instrumental, derivados da «mise-en-question» provocada pelos novos materiais electrónicos (tanto no ponto de vista acústico como no formal-compositivo e até em aspectos novos da sociologia da música). Stockhausen veio colocar o problema na sua máxima acuidade com a obra «Kontakte» em 1960: fazendo coincidir sons instrumentais (piano e percurssão) com electrónicos, reagindo-os recíprocamente (3).

A composição musical tem trilhado recentemente novos caminhos, na mira de uma integração cada vez maior de novos meios de expressão e do alargamento do seu universo específico; Stockhausen continua no centro vital desta démarche criadora. Não faz sentido falar-se de *experiência* como um *meio* para se chegar a um *resultado*, porque na sua obra (e na obra de um artista com um grau elevado de cons-

(Continua na 7.ª página)